



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**BEM-AVENTURANÇA EM SANTA BRÍGIDA  
UMA COMUNIDADE SOB A ORIENTAÇÃO DE PEDRO BATISTA**

**OLEGARIO MIGUEZ GONZALEZ**

Dissertação apresentada ao  
Mestrado de História da  
Faculdade de Filosofia e Ciências  
Humanas da UFBA, como  
requisito parcial para obtenção do  
grau de Mestre.

**ORIENTADORA: LINA MARIA BRANDÃO DE ARAS**

**SALVADOR – BA  
2004**

## FICHA CATALOGRÁFICA

M636 Miguez Gonzalez, Olegário.

"Bem-aventurança em Santa Brígida". Uma comunidade sob a orientação de Pedro Batista/Olegário Miguez Gonzalez. - Salvador, 2004. p.:132 il.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, 2004.

1. Política - Bahia. 2. Política e Religião - Bahia. 3. Messianismo - Bahia. 4. Santa Brígida (Ba) - História. I. Título. II. Universidade Federal da Bahia.

CDD - 32 0.98142

Dedico este trabalho a:  
Vera, minha esposa;  
Rafael, Leticia e Daniel, meus filhos; e,  
Olegário e Marlene, meus pais.

*Não sejas sábio a teus próprios olhos;  
teme ao Senhor e aparta-te do mal.  
Provérbios 3:7*

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho é resultado de pesquisas iniciadas em 1994, ainda estudante do curso de Bacharelado em História, da Universidade Católica do Salvador. Em cumprimento às exigências do curso, elaborei um relatório de pesquisa que foi apresentado no ano de 1996, cuja orientação esteve a cargo do competente Prof. Afonso Bandeira Florence.

A continuação daquele trabalho, agora apresentado, esteve sob a não menos competente orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lina Maria Brandão de Aras, a quem coube, com muita dedicação e interesse, criticar o texto e apresentar idéias que muito contribuíram para a sua conclusão.

Aliado às importantes orientações acadêmicas recebidas, não poderia deixar de destacar a receptividade da população de Santa Brígida ao trabalho de pesquisa oral que contou com a participação de cinquenta e seis entrevistados. O entusiasmo em colaborar com a construção da história daquele – Pedro Batista, que deu um novo sentido à vida daquele gente, me estimulou no prosseguimento deste trabalho. A quantos viveram e rememoram com satisfação aquela rica experiência, dedico, com muito carinho, o fruto resultante desses anos de pesquisa.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b>	<b>P. 7</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	<b>16</b>
<b>A FORMAÇÃO DE SANTA BRÍGIDA</b>	<b>16</b>
1.1 A violência em Santa Brígida	21
1.2 Comando Político	25
1.3 Caracterização dos movimentos messiânicos	30
<b>CAPÍTULO II</b>	<b>39</b>
<b>PEDRO BATISTA</b>	<b>39</b>
2.1 A peregrinação do beato	42
2.2 Pedro Batista em Santa Brígida	45
2.3 A peregrinação dos romeiros	53
2.4 O substituto de Padre Cícero	57
2.5 As curas	61
2.6 Solidariedade da comunidade	65
<b>CAPÍTULO III</b>	<b>71</b>
<b>OS ROMEIROS EM SANTA BRÍGIDA</b>	<b>71</b>
3.1 Administrando recursos e interesses políticos	76
3.2 Pedro Batista e a Igreja	88
3.3 A morte do beato	94
3.4 Romeiros sem beato	98
3.5 Os substitutos de Pedro Batista	100
3.6 A política e o beato	103
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>111</b>
<b>FONTES</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>118</b>

## RESUMO

O presente trabalho busca identificar as relações estabelecidas entre o movimento messiânico de Pedro Batista e a sociedade na região de Santa Brígida e fora dela que viabilizaram a manutenção do poder das lideranças políticas locais. Nesta pesquisa utilizamos depoimentos de romeiros, padres, políticos, antigos moradores locais e outras pessoas que se relacionaram direta ou indiretamente com o movimento. Utilizamos, ainda, documentos do Museu de Pedro Batista em Santa Brígida, jornais, estatísticas eleitorais fornecidas pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia e documentos cartoriais. Analisamos o movimento desde o período da peregrinação do beato, iniciada por volta de 1942, até anos depois de sua morte, ocorrida em 1967. Abordamos aspectos relacionados às atividades administrativas, políticas e religiosas comandadas por Pedro Batista, além da sua influência nos resultados eleitorais do município até vinte anos após a sua morte.

## INTRODUÇÃO

O estudo sobre o movimento de Pedro Batista revela um acontecimento histórico para o desenvolvimento e a emancipação do município de Santa Brígida, além de demonstrar mais uma forma de exploração da influência carismática de indivíduos para obtenção de sucesso político, econômico e social.

Muitos movimentos messiânicos surgiram de norte a sul do Brasil. Alguns tiveram repercussão nacional como o que resultou na guerra de Canudos, mas, na maioria dos casos, a repercussão foi apenas em âmbito regional. Dentre esses, encontra-se o movimento de Pedro Batista, que se estabeleceu no povoado de Santa Brígida, localizado no nordeste da Bahia, a 450 km de Salvador.

O termo messiânico foi utilizado para classificar o movimento liderado por Pedro Batista e está dentro da acepção histórico-sociológica, segundo a qual o projeto promete a felicidade terrestre introduzida pela missão divina de um personagem, tomando corpo sob a forma de movimento coletivo.

O traço característico é a existência de um chefe carismático, sagrado e inspirado para reunir e organizar o grupo de adeptos. A confirmação do carisma e do caráter sagrado de sua missão é dada pela população que o reverencia e se aglutina ao seu redor, cumprindo as suas ordens.

O movimento em estudo não estimulou nenhuma utopia milenarista, pois não houve um apelo para preparação ante um iminente fim do mundo. Todos os movimentos considerados milenaristas, conforme define Ivone Gallo,

*“tem como objetivo principal a destruição total deste mundo, o que ocorrerá, inclusive, de maneira súbita para implantação do milênio igualitário, uma forma de convivência sem precedentes na história.”<sup>1</sup>*

Para elaboração deste trabalho, usamos fontes secundárias sobre outros movimentos messiânicos; pesquisas oficiais referentes a censos econômicos e demográficos da região de Jeremoabo, posteriores a década de 1940, elaborados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); mapas eleitorais com os resultados das eleições de 1962 a 1992 em Santa Brígida, fornecidos pelo Tribunal Regional Eleitoral da Bahia; documentos cartoriais comprovando compra e venda de

---

<sup>1</sup> Gallo, 1999, p. 180.



propriedades envolvendo o nome de Pedro Batista, conseguidos junto a Comarca de Jeremoabo; reportagens em jornais de grande circulação e depoimentos orais de políticos, romeiros e pessoas contemporâneas ao movimento que tiveram alguma relação com o beato.

Este trabalho privilegiou o grupo de indivíduos que esteve envolvido na comunidade de Santa Brígida por entender que eles são construtores dos diversos processos ocorridos e das relações sociais e culturais neles imbricados. Tal caminho é respaldado pela História Social, ao mesmo tempo em que se constitui em um desafio, pois ao dar visibilidade às experiências históricas dos excluídos das fontes oficiais, obriga o pesquisador a buscar outras fontes. Neste trabalho a voz dos excluídos<sup>2</sup> saiu da fonte oral e, por isso, amplamente trabalhada nesta dissertação.

Os poucos trabalhos realizados sobre o tema abriu espaço para a utilização de fontes orais como ponto de partida no processo de investigação histórica. Os depoimentos foram tomados sem qualquer questionário preestabelecido ou conversa prévia, com o objetivo de tornar a entrevista o mais natural possível, permitindo que o entrevistado discorresse livremente sobre suas lembranças do movimento.

A intervenção do pesquisador no momento de realização da entrevista se dava quando assuntos pertinentes a este trabalho eram mencionados. Como resultado, os depoimentos utilizados revelam a naturalidade e o envolvimento dos entrevistados, facilitando aos leitores a imaginação dos acontecimentos narrados. Como disse Antonio Torres Montenegro,

*“relatos de memórias orais apontam, ainda, para o exercício de reviver experiências/acontecimentos/fatos, possibilitando ao ouvinte transportar-se para o cenário/contexto reinventado.”*<sup>3</sup>

Encarada inicialmente como fonte complementar do material escrito, a produção historiográfica baseada em fontes orais chegou a ser considerada como uma história alternativa àquela produzida no meio acadêmico ou baseada em fontes escritas. Atualmente, entretanto, o uso de fontes orais é freqüente no meio universitário em várias ciências humanas, de forma que se afirmou como um método muito valioso no processo de investigação.

Por se tratar de acontecimento histórico recente, ainda tivemos acesso a um grande número de entrevistados contemporâneos ao episódio que puderam narrar com

---

<sup>2</sup> SHARPE, 1992.

<sup>3</sup> Montenegro, 1995.

detalhes suas lembranças de um tempo nostálgico. Os resgates dessas lembranças individuais contribuíram de maneira fundamental para a reconstrução da história do movimento de Pedro Batista.

Com este trabalho busca-se um estudo deste movimento que foi de grande importância para a vida de muitas pessoas. Traçar a história do movimento de Pedro Batista requereu um contato direto e prolongado com a comunidade de Santa Brígida. A minha longa permanência na cidade garantiu a conquista da confiança dos entrevistados, permitindo que eles expressassem com muita naturalidade os seus sentimentos acerca da experiência vivida.

Foi a reconstituição da história através dos depoimentos que permitiu a compreensão das relações sociais existentes no movimento messiânico ocorrido em Santa Brígida. Conforme concluiu Joan del Alcàzar i Garrido,

*“o uso das fontes orais permite não apenas incorporar indivíduos ou coletividade até agora marginalizados ou pouco representados nos documentos arquivísticos, mas também facilita o estudo de atos e situações que a racionalidade de um momento histórico concreto impede que apareçam nos documentos escritos. Assim, portanto, as fontes orais possibilitam incorporar não apenas indivíduos à construção do discurso do historiador, mas nos permite conhecer e compreender situações insuficientemente estudadas até agora.”<sup>4</sup>*

As fontes orais encontradas constituíram-se na principal fonte documental da presente pesquisa histórica. Convém esclarecer, no entanto, que as revelações obtidas através das fontes orais foram, sempre que necessário e possível, confrontadas com documentos escritos.

Dentre os entrevistados destacamos o Monsenhor Francisco José de Oliveira, responsável pela Paróquia de Jeremoabo desde o ano de 1959. Substituindo o padre português José Magalhães de Souza, ele buscou melhorar o relacionamento da paróquia com o líder Pedro Batista, estremecida com os atritos provocados pelo padre português. Apesar de não concordar com a ação messiânica do beato, aceitou a sua ajuda na construção de uma igreja em Santa Brígida. Reconhecia a importância do movimento para o desenvolvimento econômico da região, mas sempre o criticou por tentar, ao seu ver, enganar a população passando-se por um enviado de Deus.

Zenor Pereira veio à Santa Brígida na década de 1950 como funcionário do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, responsável pela organização administrativa do núcleo colonial agrícola implementado na Fazenda Gameleira. Fez

---

<sup>4</sup> Garrido, 1993, p. 36.

grande amizade com Pedro Batista e acabou tornando-se o maior expoente político do município. Foi indicado pelo beato a candidato a vereador pelo município de Jeremoabo em 1958 e a prefeito do município de Santa Brígida em 1962, sendo, tranqüilamente, eleito nas duas oportunidades. Com isto, ficou como referência política aos romeiros, exercendo influência decisiva nas eleições municipais até vinte anos após a morte do beato.

Lindoaldo Alves de Oliveira, descendente da família que herdara as terras onde se localiza o município de Santa Brígida, foi eleito prefeito em 1966 com o aval de Pedro Batista. Sua eloqüência e viva memória proporcionaram entrevistas ricas em detalhes (1994 e 2003). Como prefeito foi protagonista de acontecimentos pitorescos que lembram cenas do prefeito da novela “O Bem Amado”, escrita por Dias Gomes, como a matança de porcos que ele próprio promoveu em decorrência do descumprimento de um ato por ele publicado que impedia a criação de animais soltos pelas ruas da cidade.

João Batista de França representa a parcela da população que migrou para Santa Brígida em função das oportunidades de negócios decorrentes da aglomeração de pessoas em torno de Pedro Batista. Ele encontrou no próspero povoado condições comerciais bem superiores a que dispunha em Ibimirim/PE, onde possuía um mercado. O sucesso financeiro de seu negócio o levou a se estabelecer em definitivo no município.

O romeiro Apolinário Neto recebeu de Pedro Batista um lote na Fazenda Gameleira, vendida pelo Coronel João Sá, a preço considerado irrisório, para assentar a população que chegava de diversas localidades. Ficou também responsável pelo recolhimento das prestações devidas por cada loteiro, correspondente ao tamanho de sua propriedade na fazenda.

Apolinário foi um dos poucos romeiros que continuavam com seu lote em 2003, já decorridos mais de trinta anos da emancipação do núcleo colonial criado no local pelo Governo Federal e hoje completamente desfigurado em relação à infra-estrutura existente àquela época.

Antonio Carlos Costa de Carvalho Sá, neto do Coronel João Sá, conservou em sua memória muitas histórias contadas em família acerca da vida do seu avô. Contato com Lampião, carreira política e atividades econômicas foram lembradas por Antonio Carlos daquele que, para ele, foi um vencedor, mesmo sem ter desfrutado da instrução escolar que seus irmãos tivera.

A ameaçadora presença nos arredores de Santa Brígida do pistoleiro conhecido por Pedro Grande foi lembrada pela romeira Maria José Marques da Silva como um sentimento continuamente angustiante para os moradores locais. Episódios envolvendo este indivíduo mereceram destaque na entrevista de Maria José, ratificando a fama de local violento que Santa Brígida carregava.

No ambiente místico marcado pela passagem de Pedro Batista, entrevistamos José Bezerra Delgado, também voltado com atividades que o caracterizam como homem religioso, conhecedor de mistérios e coisas ocultas. Baseado em sua capacidade espiritual informou acerca da relação de Pedro Batista com Padre Cícero. Convidado pelo beato de Santa Brígida para vir ajudá-lo nas rezas, José Bezerra tornou-se respeitado no município e supriu, em parte, a ausência do líder messiânico.

A peregrinação de Pedro Batista antes de se instalar em Santa Brígida pôde ser reconstituída pelos depoimentos de romeiros como Geraldo Domingos Neto. A popularidade do beato aumentava e repercutia no sertão dos Estados de Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Tê-lo em sua casa era sinal de favor divino, ocasião de alegria e de manifestação do poder de Deus.

Histórias de prisões, curas e conselhos foram relatadas em tom de vitória por aqueles que testemunharam e cooperaram com o êxito do beato. Os benefícios proporcionados por Pedro Batista durante sua peregrinação transformaram-se em convite para migrações definitivas à Santa Brígida.

Outro ponto importante da história de Pedro Batista e também reconstituído através de depoimentos foi a sua chegada e as reações adversas iniciais. Antonio Calunga, nascido em Santa Brígida, contou a reação contrária à permanência do beato manifestada pelo militar encarregado pela segurança daquela região no final da Era Vargas. A contemporização feita por Coronel João Sá permitiu a sua permanência no município e confirmou o domínio político exercido pelos coronéis no sertão da Bahia.

Do contato com Valdete Souza da Silva, baiana, evidenciou-se a existência de ressentimentos entre os chamados baianos e romeiros. A chegada dos romeiros em Santa Brígida foi sentida como uma invasão por aqueles que não usufruíram vantagens com o aumento populacional decorrente da migração. Costumes diferentes e divisão dos recursos naturais existentes contribuíram para que o clima de separação pudesse ainda ser sentido após trinta anos da morte de Pedro Batista.

As péssimas condições de acesso ao povoado de Santa Brígida não foram obstáculos que diminuíssem a vontade de estar junto àquele em quem se acreditava ser

um enviado de Deus. Luiza Maria de Jesus foi uma das pessoas que caminharam por dias para chegar perto de Pedro Batista. A caminhada revelava a fé de estar se alcançando um lugar abençoado, onde a vida pudesse ser regenerada pelo cumprimento dos conselhos do padrinho.

O movimento de Pedro Batista reavivou em Santa Brígida manifestações religiosas muito comuns no Nordeste do Brasil. Dentre elas tomou destaque a dança de São Gonçalo, que ganha contornos variados em cada Estado. José Manoel, herdeiro da organização das apresentações do grupo de dança no município, revela como foi a sua introdução dentro do movimento e a utilidade para a unidade do grupo de romeiros.<sup>5</sup>

A chegada dos romeiros de Pedro Batista proporcionou o desenvolvimento agropecuário na região de Santa Brígida. A unidade do povo possibilitou a formação de grandes mutirões capazes de transformar matas extensas em área cultivável. Júlio Manuel Cardoso, um dos integrantes destes mutirões, conhecidos como “batalhões”, não esqueceu o poder que aquela atividade representara, nem escondeu a satisfação que sentia por participar daqueles empreendimentos.

A união do povo de Pedro Batista podia ser sentida também quando se aproximavam períodos eleitorais. Antonio Ribeiro dos Anjos trabalhava como um dos cabos eleitorais das intenções de voto do beato. Um trabalho que não carecia de muita argumentação, pois para o povo de Pedro Batista bastava a indicação do candidato preferido pelo padrinho para que o assunto se desse por resolvido.

Rosália França, romeira e prefeita de Santa Brígida de 1989 a 1992, lembra com tristeza a agonia vivida por Pedro Batista em decorrência da doença que o levou à morte. Enquanto o povo procurava justificativas para o fato de seu padrinho estar doente, o fim de sua vida ia gradativamente se aproximando, selando o período em que Santa Brígida foi a morada de um homem que conduziu centenas de famílias a viverem de forma solidária e religiosa.

O destino da herança deixada pelo beato foi motivo de controvérsias entre os moradores de Santa Brígida. A Fazenda Batoque fora vendida antes e após a morte de Pedro Batista, devido a problemas no recebimento do dinheiro, portanto, duas vezes. Moradores como Antonio Manuel de Araújo nunca conseguiram entender como ficou a divisão da herança e outros aventaram a possibilidade da ocorrência de algum aproveitamento ilícito.

---

<sup>5</sup> Ver: Queiróz, 1998.

Com a morte de Pedro Batista surgiram pessoas interessadas em dar continuidade ao movimento, ocupando o lugar deixado pelo beato. O romeiro Brasilino Antonio da Silva foi testemunha do episódio em que um tal de João Gustavo foi morto quando, reunido em casa de amigo dentro da cidade, preparava-se para entrar na casa de Pedro Batista e ocupar a vaga de líder messiânico. A maioria dos romeiros, entretanto, não aprovou nenhum dos candidatos que pleiteavam a posição. Apesar da ausência física, os romeiros continuavam acreditando que o seu padrinho ainda os protegia e não ousaram substituí-lo.

Uma filmagem com duração de sessenta minutos realizada em Santa Brígida pelo cineasta Sérgio Muniz, poucos meses antes da morte de Pedro Batista, permitiu ouvir palavras proferidas pelo beato, bem como ter uma idéia do cotidiano dos moradores da cidade.<sup>6</sup>

Muitas fotografias foram encontradas e revelaram o grande fluxo de pessoas que chegavam em Santa Brígida durante períodos festivos. As fotografias são documentos que precisam de interpretação acerca de seu sentido histórico. A sua utilização neste trabalho esteve acompanhada dessa contextualização, permitindo ao leitor uma visualização do cenário e dos protagonistas desta história.

Assim, no primeiro capítulo - “A Formação do Povoado de Santa Brígida” – buscou-se descrever o processo de formação do povoado, fazendo um breve histórico acerca do povoamento no sertão do norte do Brasil. Histórias de violência em Santa Brígida também estão inseridas neste capítulo, confirmando um traço característico do sertão da primeira metade do século XX, onde fatores estruturais e conjunturais propiciaram o surgimento de bando de cangaceiros.<sup>7</sup>

Ainda neste capítulo, traçou-se o caminho pelo qual se definiu o domínio do poder político-econômico nos sertões do Brasil e, em particular, no município de Jeremoabo, que englobava o povoado de Santa Brígida. Por fim, o capítulo apresenta a caracterização dos movimentos messiânicos ocorridos no Brasil, numa tentativa de discutir os principais componentes que favorecem a formação de tais movimentos.

O segundo capítulo – “Pedro Batista” – analisa as condições em que o beato promoveu o seu movimento. As peregrinações pelo Nordeste do Brasil revelam tratar-se de homem carismático, conforme reconhecimento das pessoas por quem orou e

---

<sup>6</sup> Filme produzido por Sérgio Muniz durante a semana santa de 1967 e o mês de julho do mesmo ano, com apoio do Centro de Estudos Rurais e Urbanos e do Instituto de Estudos Brasileiros, ambos da Universidade de São Paulo.

<sup>7</sup> Queiróz, 1982.

aconselhou, sofrendo prisões e humilhações, próprios de quem estava disposto a se dedicar em missão pelo próximo.

Neste capítulo são abordados, ainda, o processo de acomodação dos romeiros em Santa Brígida e os motivos que levaram a uma evidente distinção entre os novos e os antigos moradores. Outro aspecto analisado foi o apoio do Coronel João Sá, principal líder político da região de Jeremoabo, para a permanência do beato em Santa Brígida. Este apoio significou um aumento da população, considerada dependente do líder político, o que representava um fortalecimento de sua base eleitoral e uma maior disponibilidade de mão-de-obra para trabalhos agropecuários.

No terceiro capítulo – “Romeiros em Santa Brígida” – procura-se evidenciar o cotidiano dos romeiros sob o comando de Pedro Batista; a capacidade do beato em administrar a produção e o comércio e sua repercussão no movimento; a formação do núcleo colonial na Fazenda Gameleira; o relacionamento do beato com os representantes da Igreja; a morte de Pedro Batista e as conseqüências para os romeiros; as tentativas de substituição do líder messiânico; e, por fim, os rumos da política em Santa Brígida.

## CAPÍTULO I

### A FORMAÇÃO DE SANTA BRÍGIDA

Para a colonização do Brasil, Portugal transplantou as estruturas então vigentes em sua sociedade, utilizando em sua colônia a mão-de-obra escrava na produção agrícola. A classe dominante detinha a propriedade das terras, engenhos e escravos; a Metrópole<sup>8</sup> resolvera entregar imensas faixas de terras a homens de confiança do Rei como forma de garantir a subordinação de todos os elementos da produção.<sup>9</sup>

Garcia D'Ávila foi o fundador da família responsável pela maior área de terra desbravada no sertão do norte do Brasil. Ele transferiu-se em 1549 e, juntamente com Tomé de Souza, participou da fundação da Capital da Capitania da Bahia de Todos os Santos. Por volta de 1670, as terras pertencentes a esta família se estendiam da Bahia até o Piauí, já sob o comando de Francisco Dias, bisneto de Garcia D'Ávila, tendo como sede o Castelo da Torre, onde hoje se situa a Praia do Forte, distante cinquenta quilômetros de Salvador.

As sesmarias<sup>10</sup> doadas na região norte do Brasil variavam de vinte a cinquenta léguas<sup>11</sup>, ou mais, como no caso da família D'Ávila, bem superiores às doadas no sul, com cerca de três léguas. Elas eram doadas a pessoas que compunham a classe dominante por possuírem recursos para a realização dos investimentos necessários nas novas terras. De acordo com Wilson Lins,

*“as grandes sesmarias, que tomaram a si o desbravamento dos vastos espaços mal povoados a serem incorporados à Coroa portuguesa, introduziram, no ermo sem rei nem lei, as práticas do mandonismo, que, havendo convivido com as Capitânicas Hereditárias e com o Governo geral, seria encontrado pela Revolução da Independência irremediavelmente sedimentado nos usos e costumes do interior.”<sup>12</sup>*

---

<sup>8</sup> Nome que se dava a Portugal em relação à sua colônia.

<sup>9</sup> GUIMARÃES, 1968.

<sup>10</sup> Terras doadas pela corte portuguesa aos nobres e ricos, para realização de atividades agropecuárias e o povoamento das terras, variando de tamanho de acordo com as posses do donatário.

<sup>11</sup> Antiga medida de extensão equivalente a 6.600 metros.

<sup>12</sup> LINS, 1988, p. 7.



Apesar das doações das sesmarias estarem condicionadas a que os beneficiários as cultivassem com seus próprios recursos, o que se verificou foi que os senhores das terras arrendavam boa parte delas em troca de parte do produto agrário obtido pelo trabalho dos arrendadores. Esta prática decorreu da impossibilidade do proprietário controlar a produção em fazendas de grandes proporções.

A falta de controle da produção em terras de grandes proporções impedira também uma maior utilização de mão-de-obra escrava. Assim, as grandes fazendas, ao longo do tempo, admitiram o trabalho livre, mas submetido ao mando dos proprietários, sem, todavia, utilizar-se do trabalho escravo, como aconteceu amplamente no Brasil meridional.

A colonização implicara, ainda, em desterrar e aprisionar os indígenas a fim de possibilitar a agricultura e a construção de engenhos.<sup>13</sup> Antes de aprisionar alguns indígenas, era preciso matar uma porção bem maior. Várias populações nativas foram dizimadas e, de acordo com Alberto Passos,

*“tão espantosa se tornara a mortandade dos silvícolas que, ante a ameaça de com isso se esgotarem as reservas nativas de braços, mais e mais protestos se levantavam, no próprio Reino, contra os atos de selvageria dos brancos.”*<sup>14</sup>

O processo de povoamento no sertão do norte do Brasil se intensificou na segunda metade do século XVII, em consequência da formação das fazendas de gado e dos aldeamentos de índios promovidos pelos religiosos jesuítas preocupados em catequizá-los e aculturá-los dentro da nova sociedade.<sup>15</sup>

A Metrópole incentivou a pecuária no interior do país como forma de ocupação territorial, deixando as áreas litorâneas para a produção de açúcar. A demanda por gado se consolidara diante da necessidade dos engenhos de açúcar por animais para acionarem as moendas, para servirem de alimento e para a exportação do couro, que também era utilizado como embalagem para os rolos de fumo a serem exportados.

As aldeias criadas pelos religiosos jesuítas transformaram-se em refúgio para os índios ante as perseguições que objetivavam sua escravidão; estas aldeias tornaram-se eficientes locais de refúgio, contrariando os interesses dos fazendeiros ávidos por mão-de-obra escrava, sem, entretanto, impedir a dominação exercida pelos religiosos.

---

<sup>13</sup> PARAÍSO, 1998.

<sup>14</sup> GUIMARÃES, 1968, p. 15.

<sup>15</sup> ABREU, 1960.

Em 1759, o Marquês de Pombal, primeiro ministro do Rei D. José I (1750-1774), expulsou os jesuítas do Brasil e limitou o número de membros das outras ordens religiosas. Quatro anos antes, Pombal já houvera editado uma lei impedindo a escravidão indígena e reconhecendo o seu direito à propriedade das terras, ainda que essas fizessem parte de sesmarias doadas a colonos. Essas e outras medidas faziam parte de um plano que visava estimular a produção econômica do Brasil. Com a transformação das aldeias em vilas e, posteriormente, em cidades, acreditava-se estar estimulando o comércio e a agricultura.

Assim, os núcleos de população foram conseqüências das atividades da pecuária e dos aldeamentos indígenas. Os núcleos de população eram divididos em vilas e freguesias. Nas povoações elevadas à categoria de vila era levantado um pelourinho, símbolo da autonomia municipal. De acordo com Victor Nunes,

*“somente nas localidades que tivessem pelo menos a categoria de vila, concedida por ato régio, podiam-se instalar as câmaras municipais, cuja estrutura foi transplantada de Portugal. A câmara propriamente dita compunha-se de dois juizes, três vereadores, um procurador, um tesoureiro e um escrivão, investidos por eleição, além de outros funcionários eleitos pela própria câmara.”*<sup>16</sup>

Os juizes ordinários podiam ser substituídos por “juizes de fora”, que eram nomeados pelo Rei como forma de evitar a ocorrência de parcialidades. Era, entretanto, inegável o controle do poder pelos senhores rurais. As câmaras, cujos membros eram eleitos segundo a vontade deles, exerciam funções próprias dos poderes judiciário, executivo e legislativo. Contrariavam, muitas vezes, os próprios textos legais da Coroa, sendo um retrato de uma estrutura que refletia o poder de quem detinha a posse das terras.

A freguesia de São João Batista de Jeremoabo, criada em 1718, tinha sido aldeia dos índios Kiriris e capela da freguesia de Nossa Senhora de Nazaré de Itapicuru (1679). Em 1754, conforme relato do vigário Januário José de Souza Pereira,<sup>17</sup> a freguesia de São João Batista de Jeremoabo, cujas terras pertenciam ao Castelo da Torre, possuía três povoações: o sítio de Jeremoabo com 252 pessoas, sendo cinco deles brancos e os outros tantos divididos entre pardos, mestiços, índios e negros; e as demais povoações, que eram de aldeias indígenas.

---

<sup>16</sup> LEAL, 1976, p. 60.

<sup>17</sup> PALACIN, 1987, p 16.

O restante do território era composto por 152 fazendas, dentre as quais situava-se o atual território do município de Santa Brígida. No total, ainda segundo o relato do vigário, existiam 1.365 pessoas, sendo apenas oitenta delas brancas. Dessas fazendas, apenas doze não pertenciam ao Castelo da Torre. As áreas restantes ainda estavam sob o domínio da família D'Ávila e seus moradores trabalhavam como foreiros.<sup>18</sup>

Por volta de 1816, o território do atual município de Santa Brígida era conhecido como Fazenda Itapicuru de Cima, uma sesmaria herdada por Joaquim José do Bonfim do português Antônio Manuel de Souza. O português havia casado com a filha de Joaquim, chamada Brígida, mas, durante uma viagem a Portugal, com seu esposo, Brígida falecera. Com a morte, Antônio Manuel de Souza decidiu não voltar para o Brasil e entregou, para o sogro, suas terras na Bahia.<sup>19</sup>

Joaquim José do Bonfim e seus descendentes não se opuseram à chegada de moradores às suas terras. De forma dispersa, a área foi sendo tomada por famílias que, pela ocupação de terras improdutivas, obtiveram a sua posse. Esta tendência de formação de pequenas propriedades, em contraste com a existência dos grandes latifúndios que caracterizaram o norte do Brasil, somente seria possível, contida até a regulamentação da Lei nº 601, de 1850, conhecida como Lei de Terras, que proibiu a aquisição de terras senão por meio de compra. Tal lei, na prática, tornara difícil o acesso à posse de terras para as pessoas que não dispunham de recursos devido aos preços mínimos fixados para a realização das operações.<sup>20</sup>

A partir de 1888, com a abolição da escravidão, nova fluência de trabalhadores se verificara na região, pois muitos dos libertos buscaram áreas menos povoadas onde pudessem viver da agricultura de subsistência.<sup>21</sup> Santa Brígida começou a tomar forma de povoado a partir de 1912, quando ocorreu maior migração de vaqueiros oriundos de Estados vizinhos em busca de novas terras para realizarem atividades agropecuárias.

A consolidação do povoado foi incrementada na segunda década do século XX, quando a guerra declarada pelo governo contra Lampião levou as populações rurais a se aglomerarem para se defenderem de ataques dos cangaceiros e da própria polícia.<sup>22</sup> A história ora apresenta Lampião como bandido, ora como defensor dos oprimidos e inimigo dos coronéis. Ao que parece, a preocupação maior da população estava nas

---

<sup>18</sup> Possuíam o domínio útil da terra e pagavam uma quantia anual ao senhorio direto.

<sup>19</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 30 de maio de 1994. Santa Brígida/BA.

<sup>20</sup> Sobre a aplicação da Lei de Terras na Bahia ver: OLIVEIRA, 2000.

<sup>21</sup> ANDRADE, 1996.

<sup>22</sup> FUKUI, 1978.

consequências de um iminente confronto do bando de cangaceiros com a polícia. Santa Brígida era uma região famosa na imprensa pelas passagens de Lampião e onde se verificavam freqüentes assassinatos entre seus moradores. Lá, inclusive, morava Maria Bonita, que veio a ser mulher de Lampião, mortos em 1938.

Apesar de possuírem grandes propriedades de terra, as famílias dos descendentes de Joaquim José do Bonfim poderiam ser classificadas como pequenos produtores, pois a ausência de meios materiais e humanos para aproveitá-las impedia a produção agropecuária em grande escala. Esta situação resultou numa estrutura social rural onde “todos os indivíduos ou todas as famílias tinham mais ou menos a mesma posição social, sejam quais fossem as suas posses e qualidades; não havia a formação de camadas distintas, que é própria da sociedade estratificada.”<sup>23</sup>

Formaram uma camada rural denominada por Maria Isaura Pereira de Queiroz de sitiantes tradicionais, por se tratarem de

*“indivíduos que viviam na forma mais elementar de economia agrícola, seja como proprietário, posseiro ou agregado, e em estreitos laços de sociabilidade em determinados grupos graças a relações de parentesco ou de compadrio firmados em festas religiosas.”*<sup>24</sup>

Assim, por volta de 1940, Santa Brígida era apenas um pequeno povoado do município de Jeremoabo, situado no nordeste do Estado da Bahia a 400 km de Salvador e em zona limítrofe com o Estado de Sergipe. Composto por algumas dezenas de casas de barro cobertas de palha, a agricultura mal dava para a subsistência; a base da atividade pecuária era a criação de caprinos.

O poder político, como em todo o nordeste da época, estava nas mãos dos grandes latifundiários, representados nesta região por João Gonçalves de Sá, o Coronel João Sá. Conforme define Maria de Lourdes Janotti,

*“os coronéis podem ser vistos como representantes da oligarquia agrícola-mercantil que controla o poder público e orienta suas decisões no sentido de afastar as demais classes do poder e de manter seus privilégios.”*<sup>25</sup>

Utilizando a tipologia construída por Eul-Soo Pang para classificar as oligarquias existentes no Brasil, a denominada de familiocrática define bem a que o Coronel João Sá controlava. Caracterizava-se pela influência decisiva dentro de um município de um chefe de uma única família, composta de familiares, amigos, afilhados

---

<sup>23</sup> QUEIRÓZ, 1970, p. 118.

<sup>24</sup> QUEIRÓZ, 1973.

<sup>25</sup> JANOTTI, 1987, p. 9.

e dependentes sócio-econômicos. Ter o domínio político era condição para a oligarquia manter e expandir seus interesses sociais e econômicos. Conforme Eul-Soo Pang,

*“o poder de extrair votos por parte da oligarquia familiocrática baseava-se, por sua vez, em sua habilidade em conquistar a lealdade social e política de seus dependentes.”*<sup>26</sup>

Para manter o domínio político, João Sá agia conforme as circunstâncias. Na época em que o bando de Lampião estava em atividade no nordeste, o coronel não tardou em fazer aliança com o cangaceiro com objetivo de garantir a sua soberania no território.

Apesar de explorar a imagem de que era tão temido que até Lampião não ousava entrar em suas terras, foi comprovado que João Sá acobertava o bando e freqüentava os seus acampamentos.<sup>27</sup> A melhor forma de enfrentar o grupo de Lampião, segundo sua política, era fazendo aliança com ele, tendo utilizado dessa estratégia em muitos momentos de sua vida pública.

Segundo Antônio Carlos Costa de Carvalho Sá<sup>28</sup>, neto do Coronel João Sá, o primeiro encontro de seu avô com Lampião ocorrera em 1928, próximo a Jeremoabo. João Sá iniciava viagem para Salvador quando, à noite, encontrou com o cangaceiro e seu bando na estrada. O encontro fora amistoso e selara a amizade entre ambos. João Sá passara, a partir de então, a ajudar financeiramente o bando de Lampião sempre que solicitado e, em contrapartida, Lampião nunca entrava na cidade de Jeremoabo.

Integrante deste cenário, o pequeno povoado de Santa Brígida estava para receber a visita de quem viria a se tornar a figura mais importante da sua história. Um homem que provocou o êxodo de centenas de pessoas de Estados vizinhos e fomentou o desenvolvimento social, político e econômico da região: tratava-se de Pedro Batista da Silva.

## **1.1 A VIOLÊNCIA EM SANTA BRÍGIDA**

Santa Brígida tinha a fama de lugar de muita violência. Afinal, era terra natal de Maria Bonita e rota de passagem do bando de Lampião. O próprio Coronel João Sá

---

<sup>26</sup> PANG, 1979, p 40.

<sup>27</sup> QUEIRÓZ, 1982.

<sup>28</sup> Antônio Carlos Costa de Carvalho Sá. Entrevista concedida em 21 de maio de 2003. Rio de Janeiro/RJ.

acolhera em uma de suas fazendas um homem chamado Ângelo Roque, mais tarde conhecido pela história como um dos integrantes do bando de Lampião, vulgarmente chamado de Labareda. Ângelo havia matado um homem que estuprara sua irmã. Alfredo Vieira Lima, então juiz de direito da comarca de Jeremoabo, sabendo que ele estava em uma das fazendas do coronel, pediu para que ele fosse retirado de lá. A justiça não tinha autonomia para operar nas terras dos coronéis. Ao invés de exigir a prisão do acusado, o juiz apenas pedia que o retirasse de sua comarca. João Sá o atendeu e mandou Ângelo Roque para a fazenda de um outro coronel localizado em Sergipe. Antônio Carlos de Carvalho Sá conta assim o diálogo de seu avô com Ângelo Roque:

*“- O juiz pediu que tirasse você da fazenda, mas eu não vou fazer isso puro e simplesmente da fazenda. Eu vou tirar você de lá e mandar pra um amigo meu lá em Sergipe, que é dono de uma usina. Fez uma carta de recomendação e deu quinhentos mil réis ao Ângelo Roque.”<sup>29</sup>*

Buscando garantir a sua própria segurança, era comum ao grande coronel ajudar criminosos numa época em que a segurança pública era precária. Com o livramento dado a Ângelo Roque, João Sá evitou perder, algum tempo depois, cinquenta contos de réis quando um dos seus vaqueiros fora interceptado pelo bando de Lampião, mas liberado graças à intervenção de Labareda.

Os acordos com cangaceiros reforçavam o poder político do coronel. O perigo das viagens poderia ser resolvido se o viajante tivesse um salvo conduto do coronel. Apesar da confiança que muitos tinham no salvo conduto, fruto da importância política do coronel, os familiares de João Sá preferiam a companhia da polícia, como lembra o próprio Antônio Carlos de Carvalho Sá:

*“Eu mesmo viajava na caatinga garantido pela polícia. Quando eu ia para Jeremoabo ia num carro, um caminhão da polícia na frente e outro atrás. Eu não ia atrás de salvo conduto.”<sup>30</sup>*

O relacionamento de João Sá com Lampião, entretanto, fez crescer a fama de que o coronel era coiteiro<sup>31</sup> do grande cangaceiro do nordeste. Em 1932, sob a acusação de que o coronel estava impedindo a captura de Lampião, o comandante da polícia da Bahia proibiu João Sá de sair de sua casa em Jeremoabo. Após negociação com o então Governador da Bahia, Juraci Magalhães, João Sá conseguiu autorização para se

---

<sup>29</sup> Antônio Carlos Costa de Carvalho Sá. Entrevista concedida em 21 de maio de 2003. Rio de Janeiro/RJ.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> Indivíduo que dá asilo ou protege ladrões ou assassinos.

transferir para o Rio de Janeiro, onde viveu por dois anos até conseguir negociar o seu retorno.<sup>32</sup>

Santa Brígida foi palco de outras histórias violentas protagonizadas por um homem conhecido como Pedro Grande. Sua história de crimes teve início no povoado do Minuim, onde morava, localizado a 20 km da sede. Pedro Grande fora acusado de destruir um cercado feito numa cacimba. A acusação tinha conotação política, pois Pedro Grande estava sendo hostilizado por grupos que não contavam com o seu apoio nas eleições. Levado para a delegacia de Santa Brígida foi agredido e proibido de portar arma enquanto viesse à cidade.

Em agosto de 1951, durante um dia de feira em Santa Brígida, Pedro Grande foi cercado por vários homens e, segundo Lindoaldo Alves de Oliveira, prefeito em Santa Brígida de 1966 a 1972, baleado 18 vezes:

*“Eles foram atirando, atirando até que Pedro caiu. Eu sei que Pedro ficou com 18 ferimentos de tiro. 18 tiros no corpo, mas nenhum pegou em parte que tinha para matar. O braço quebrou, o braço esbagaçou. Acabaram achando que morria. Mandaram chamar aqui os parentes; os parentes foram, aí não deu tempo para matar Pedro. Mandaram um carro aqui, o carro não coube ele, aí voltaram e trouxeram outro maior. Eu sei que quando ele recebeu os primeiros socorros, os tiros foram no domingo, ele veio receber na terça os primeiros socorros.”<sup>33</sup>*

Depois de uma semana internado no hospital de Paulo Afonso e já fora de perigo, os interessados na morte de Pedro Grande já preparavam uma estratégia para matá-lo. Avisado, Pedro Grande fugiu do hospital com a ajuda de um parente. Após a recuperação, deu início à vingança contra os seus agressores, matando a todos os que não conseguiram fugir para Sergipe. Envolvido neste clima de assassinatos, ele logo passou a realizar crimes como pistoleiro, transformando-se num verdadeiro mito da região.

Seguindo os passos do pai, os filhos de Pedro Grande também deixavam os moradores de Santa Brígida apavorados. A romeira Maria José Marques da Silva lembrou de um episódio com eles:

*“Os filhos de Pedro Grande eram de um jeito que, se eles botassem os olhos em uma moça, essa podia se esconder em qualquer lugar que eles iam buscar. Tô dizendo isso porque eu tenho uma prima, ela ainda é viva em Delmiro, ela veio em uma festa, quando ele botou os olhos nela na frente da igreja, essa menina perdeu a festa. Nesse tempo era muita gente na festa, ela saiu e fez uma cabriola*

---

<sup>32</sup> Antônio Carlos Costa de Carvalho Sá. Entrevista concedida em 21 de maio de 2003. Rio de Janeiro/RJ.

<sup>33</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

*muito grande e perdeu o resto da festa porque ela ficou escondida dentro de um quarto sem poder mais sair.”<sup>34</sup>*

Comportamentos agressivos e imprevisíveis era algo comum na comunidade de Santa Brígida. Lindoaldo Alves de Oliveira, prefeito em Santa Brígida de 1967 a 1970, para fazer cumprir uma portaria publicada que proibia a criação de porcos soltos na cidade, saiu às ruas armado e dizimou todos os porcos que apareciam em sua frente, conforme confessou o próprio mandatário:

*“Eu achei que não devia deixar as crianças misturadas com os porcos, porque isso aqui era uma fazenda de porcos. Baixei portaria legalmente pedindo para tirar, para cada um criar os porcos presos. 30 dias não cumpriram. Prorroguei mais 30, isso foi até os 120 dias, aí eu tomei conhecimento que era o delegado de polícia, que era meu adversário, que chamou o pessoal e disse: - Tire não, eu quero ver o que ele vai fazer, a polícia aqui sou eu. Aí, quando eu tomei conhecimento, não podia deixar minha autoridade fraquejar. Aí eu fui sem polícia nenhuma, peguei um rifle de 15 tiros, enchi a mochila com 200 cartuchos e saí na rua matando os porcos. Sentei o rifle pra cima. Amanheci na rua sentado.”<sup>35</sup>*

A romeira Maria José Marques da Silva lembrou, revoltada, deste episódio protagonizado pelo prefeito:

*“Quando ele entrou, ele era carrasco, ele fazia justiça com as próprias mãos. Nesse tempo o pessoal criava muitos bichinhos soltos na rua, sabe? Ele mandava o pessoal matar os bichos na rua. Como o pessoal não queria matar os bichos na rua, ele mesmo matava de rifle.”<sup>36</sup>*

Durante o período em que Lindoaldo Alves de Oliveira fora prefeito, Pedro Grande e seu grupo foram expulsos da região, encontrando abrigo na fazenda de um grande fazendeiro em Alagoas, prática comum dos coronéis.

O filme produzido por Sérgio Muniz<sup>37</sup> sobre Santa Brígida, em 1967, ainda dava mostras da violência que caracterizava o local. Pessoas circulavam tranqüilamente nas ruas da cidade portando revólveres na cintura, lembrando os filmes de bang-bang americano. Os poucos dias de filmagem foram suficientes para registrar cenas em que uma pessoa é carregada ferida e, talvez, já morta.

---

<sup>34</sup> Maria José Marques Silva. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>35</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>36</sup> Maria José Marques Silva. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>37</sup> Filmado durante a semana santa de 1967 e o mês de julho do mesmo ano, com apoio do Centro de Estudos Rurais e Urbanos e do Instituto de Estudos Brasileiros, ambos da Universidade de São Paulo.



## 1.2 COMANDO POLÍTICO

A dificuldade de governar o vasto território do Brasil desde os primórdios da colonização contribuiu para o fortalecimento da influência do proprietário de terra na administração da região. Enquanto no século XVI o incentivo visava garantir o povoamento, a geração de novas riquezas e a conquista do território; no século XIX e início do XX estava em jogo, principalmente, a manutenção do poder político.

O latifúndio e a escravidão propiciaram o surgimento de senhores rurais que tinham domínio sobre grande extensão de terra e sobre a população. Este domínio era calculadamente mantido e permitia a durabilidade do poder nas mãos de uma família, como relata Maria Isaura:

*“a família tinha, pois, no centro, o casal branco e seus filhos legítimos, e uma periferia mal delineada de escravos, agregados, afilhados, na qual se incluíam as concubinas do chefe e seus filhos ilegítimos. O casamento era questão de grande importância; os pais escolhiam cuidadosamente as alianças; ou para reforçar os laços de parentesco e resguardar a propriedade de mãos estranhas ou para aumentar poder e prestígio, indo se unir a outras famílias de particular fortuna.”<sup>38</sup>*

A criação da Guarda Nacional, em 1831, fortaleceu o domínio do líder político local. Criada para auxiliar os corpos armados na manutenção da ordem pública, distribuía os postos de coronel (os mais altos da Guarda) àqueles que detinham o poder político. Os senhores rurais passaram a ser chefes militares e tinham o poder de mandar quem quisesse para servir ao Exército, sendo esse último importante instrumento de ameaça àqueles que eram contrários à sua política.<sup>39</sup>

Em 1832, de acordo com o Código do Processo Criminal, os juizes de paz, cuja nomeação decorria de eleição em cada município, tiveram a incumbência de reprimir a criminalidade.<sup>40</sup> Como somente eram eleitas as pessoas indicadas pelo líder político local, essa medida veio reforçar a sua autoridade e inibir o surgimento de oposição política forte ao seu comando.

O domínio da política local significava influência na escolha dos representantes políticos da província e da Corte, durante o Império e, posteriormente, na escolha dos representantes políticos dos Estados e do Governo Republicano. Assim, os interesses

---

<sup>38</sup> QUEIRÓZ, 1969, p. 17.

<sup>39</sup> CASTRO, 1979.

<sup>40</sup> QUEIRÓZ, 1969.

dos proprietários rurais eram facilmente legalizados pelos políticos por eles escolhidos. Era somente preciso manter o seu eleitorado fiel, continuando uma política assistencialista e de controle à população, que garantisse o atendimento das necessidades básicas de existência.

Feito isto, não existia motivo para o trabalhador rural não atender um pedido de voto do seu patrão. Não havia qualquer complexidade de raciocínio que dificultasse a decisão. Atender um pedido de voto era dar ao coronel uma das coisas que ele pretendia em troca da oferta de trabalho. Era uma forma de demonstrar a sua gratidão pela confiança do patrão e aumentar a esperança em ser mais bem recompensado por ele. O emprego e a proteção eram oferecidos em contrapartida pelo trabalho e pela fidelidade eleitoral. Formava-se, então, o famoso “curral” eleitoral.

A Constituição Republicana de 1891 ampliara os quadros eleitorais então vigentes. Nela foi extinta a obrigação do cidadão possuir determinada renda mínima para ser considerado eleitor, dando às classes populares o direito de voto. Com isso, cresceu a influência local dos grandes proprietários de terra, pois a população ligada às terras dos fazendeiros não podia negar um pedido daqueles que garantiam o seu sustento com a oferta de trabalho. Para Maria Isaura,

*“a extensão do direito de voto às classes populares não tivera, pois, outro efeito senão aumentar o número de eleitores rurais às ordens de determinado mandão político; como podiam os agregados discordar dele se nem tinham a cultura necessária para formar opinião própria, nem podiam se manifestar em oposição aos fazendeiros sem perder o único amparo que possuíam?”<sup>41</sup>*

Quanto mais pessoas estavam subordinadas ao fazendeiro, ou seja, quanto mais terras ele tinha, maior a sua importância política. O coronel se transformara em um grande cabo eleitoral, capaz de manobrar a intenção de voto de seus agregados de acordo com a sua.<sup>42</sup> A sua importância no processo eletivo era reconhecida pelos governantes e deputados que buscavam agradá-los, formando alianças necessárias para a manutenção do poder político. “A superposição do regime representativo, diz Victor Nunes Leal,

*em base ampla, a essa inadequada estrutura econômica e social, havendo incorporado à cidadania ativa um volumoso contingente de eleitores incapacitados para o consciente desempenho de sua missão política, vinculou os detentores do poder público, em larga medida, aos condutores daquele rebanho eleitoral. Eis aí a debilidade particular do poder constituído, que o levou a*

---

<sup>41</sup> QUEIRÓZ, 1969, p. 85.

<sup>42</sup> Sobre a importância das lideranças locais ver: SAMPAIO, 2000.

*compor-se com o remanescente poder privado dos donos de terras no peculiar compromisso do coronelismo.”*<sup>43</sup>

Com a República, o município saiu ainda mais fortalecido. A eleição para o governo dos Estados tornou o líder político local um necessário aliado para os candidatos. Para sedimentar a sua autoridade, os coronéis geralmente buscavam dar apoio ao governo. Este apoio facilitava o atendimento de seus pleitos e de seus eleitores. O apoio dado aos candidatos era, também, estimulado pela distribuição de novos títulos de coronel. De acordo com Eul-Soo Pang,

*“um relatório oficial sobre a Guarda Nacional, em 1916, mostrou que a proliferação do título de coronel alcançara proporções ridículas. Os políticos que aspiravam a cargos estaduais e federais precisavam do apoio eleitoral dos chefes políticos locais, e a concessão de títulos da Guarda nacional era freqüentemente um meio positivo de obter apoio.”*<sup>44</sup>

A nova organização social e política do Estado permitiu a continuidade da interferência do poder privado sobre o poder público. Conforme Isnara Pereira Ivo,

*“fosse apropriando-se das instâncias da justiça, fosse por meio do controle do legislativo e executivo locais, o poder local sempre recebeu respaldo das autoridades políticas em nível regional e em nível federal, uma vez que aos mandões locais estava subordinada social e politicamente a população local.”*<sup>45</sup>

Os governos federal e estadual também não tinham preferências quanto ao líder político da região. Estavam sempre dispostos a apoiar aquele que fosse vitorioso, quer numa disputa eleitoral quer numa disputa armada. Tal postura deixava evidente que a maior autoridade no sertão era a do coronel. A mudança do regime de governo comenta Maria de Lourdes,

*“manteve o Brasil como um país essencialmente agrário, a centralização existente no regime monárquico continuou sob nova roupagem, agora estadualista, dirigida pela burguesia rural e financeira.”*<sup>46</sup>

Na primeira metade do século XX, o poder político-econômico nos sertões do Brasil ainda era exercido pelo coronel.<sup>47</sup> Tratava-se de uma época caracterizada pela violência, pelo clientelismo e pelas fraudes eleitorais. Os coronéis foram os herdeiros

---

<sup>43</sup> LEAL, 1993, p. 253.

<sup>44</sup> PANG, 1979, p 30.

<sup>45</sup> IVO, 2003.

<sup>46</sup> JANOTTI, 1987, p. 33.

<sup>47</sup> Título originado com a criação da Guarda Nacional em 1831, decorrente da influência das oligarquias rurais sobre o governo imperial em busca do fortalecimento político dos municípios e que permitiu aos patenteados desfrutarem de prerrogativas militares.

dos grandes latifúndios em que se dividira o Brasil desde o início de sua colonização por Portugal e, conseqüentemente, detinham os meios de produção. “*Ainda que de forma residual*, escreveu Alberto Passos, *no latifundismo brasileiro atual são fortes ainda os vínculos do tipo feudal (a que estivera submetido o Brasil colonial), tais como as relações de domínio sobre as coisas e sobre as pessoas.*”<sup>48</sup>

A conquista do poder local significava dispor de vagas de trabalho no serviço público e em obras promovidas pelo poder público. Empregos representavam benefícios para serem repartidos entre seus protegidos, reforçando a relação de compromisso entre ambos. Os coronéis acabavam por se transformar na salvação para muitas vidas e cobravam, por isso, a fidelidade deles.

A Revolução de 1930 deu início à Era Vargas, com o conseqüente fim do período político chamado de República Velha. O Governo Provisório dissolveu o Congresso Nacional, as Assembléias Legislativas e as Câmaras Municipais. Buscando dar mais eficiência à administração municipal, delegou aos interventores estaduais a nomeação dos prefeitos em cada município e criou o Departamento das Municipalidades, órgão estadual que tinha como atribuições dar assistência técnica aos municípios, coordenar suas atividades em função de planos estaduais, fiscalizar a elaboração e execução de seus orçamentos e opinar previamente sobre um grande número de medidas administrativas. Estas medidas diminuíram a autonomia dos municípios e, conseqüentemente, o poder dos chefes políticos locais. As administrações municipais passaram, então, a ter supervisão e controle dos Estados.

Apesar da Constituição de 1934 prever que a eleição dos prefeitos fosse realizada diretamente ou pelo voto dos vereadores, a autonomia municipal somente viria a ser restabelecida com o fim do Estado Novo, quando retornou a eleição para prefeito e vereadores e a conseqüente independência administrativa.

Entretanto, o coronelismo declinou gradativamente graças a uma série de mudanças políticas e sociais pelo qual passava o Brasil. A introdução do voto secreto, a industrialização, a urbanização, a proliferação de partidos políticos que, incentivado pelo retorno à democracia liberal após a Era Vargas, dividira os coronéis em facções e o desenvolvimento das estruturas de poder dos governos estaduais e federais contribuíram para diminuir a dependência ao chefe da oligarquia familiocrática. De acordo com Eul-Soo Pang,

---

<sup>48</sup> GUIMARÃES, 1968, p. 37.

*“quando o Brasil, no governo Vargas, começou a se desenvolver aos poucos, todos os laços e lealdades tradicionais começaram a se enfraquecer. A rápida expansão da rede de estradas, para citar um exemplo de mudanças no Nordeste do Brasil, acabou com o isolamento geográfico do sertão, permitindo o fluxo de pessoas e mercadorias entre o litoral e o interior, e entre o norte e o sul.”*<sup>49</sup>

Pedro Batista chegou em Santa Brígida no período político em que ainda vigorava o chamado Estado Novo. O maior expoente político e econômico da região de Jeremoabo era o Coronel João Gonçalves de Sá; herança deixada pelo seu sogro, o Coronel Antônio Lourenço de Carvalho.

João Sá nasceu em 1882 no município de Jeremoabo, mas não teve o privilégio de outros dois irmãos que puderam concluir curso superior. Dificuldades econômicas impediram seu pai de também enviá-lo para estudar em Salvador. Mesmo assim, obteve sucesso na vida política. Participou da décima terceira legislatura da Assembléia Geral Legislativa do Estado da Bahia de 1915 a 1916.

Em 1947, elegeu-se deputado estadual constituinte pelo Partido Social Democrático, chegando a se tornar o 1º vice-presidente da Mesa Diretora de 1947 a 1948. Após a sua morte, em 1958, foi homenageado pela Assembléia Legislativa, dando seu nome ao distrito de Iguaba, ocasião em que fora desmembrado do município de Jeremoabo e elevado à condição de município. Teve dois filhos: João Gonçalves de Carvalho Sá e Luiza Eulina de Carvalho Sá.<sup>50</sup>

João Gonçalves de Carvalho Sá deu continuidade ao comando político da família. Formou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1929. Em 1937, foi nomeado promotor de justiça do Estado da Bahia e, posteriormente, subprocurador da Fazenda Estadual. Foi, também, procurador da Prefeitura de Salvador e redator-chefe do Jornal Diário da Bahia. Em 1945, candidatou-se a deputado federal, também pelo Partido Social Democrático, ficando na suplência, mas assumindo o mandato de 1948 a 1950, durante a legislatura que promulgou a Carta Constitucional.

Em 1951, elegeu-se deputado estadual, novamente pelo PSD, em lugar de seu pai que não voltara mais a disputar cargos eletivos. Reelegeu-se deputado estadual em 1955, tendo, durante sua atividade parlamentar, sido membro da Comissão de Constituição e Justiça (1951-1954), da Comissão de Viação e Obras Públicas (1952-1954, 1956) e da Comissão de Finanças, Orçamento e Contas (1957-1958). Em 1964,

---

<sup>49</sup> PANG, 1979, p. 233.

<sup>50</sup> Biblioteca da Assembléia Legislativa do Estado da Bahia.

foi nomeado prefeito de Jeremoabo, exercendo o cargo até 1966. Voltou a ser prefeito de Jeremoabo em 1976, desta vez por meio de eleição, permanecendo no mandato até 1982.<sup>51</sup>

A influência do coronelismo na vida política da região de Jeremoabo persistiu por mais tempo que em outras regiões do Estado devido à sua localização geográfica. O difícil acesso a seus distritos prolongou a dependência de seus moradores aos favores de seu líder oligárquico. A dificuldade dos coronéis em manter o domínio político face às mudanças sociais ocorridas no Brasil a partir de 1930 foi, em Jeremoabo, amenizada, também, pelo aparecimento de Pedro Batista e seus romeiros.

O apoio político do Coronel João Sá ao movimento messiânico em Santa Brígida, livrando os seus integrantes da ameaça de expulsão, garantiu a lealdade política do beato e a formação de uma comunidade distante do processo de independência política e econômica que se verificava no litoral e no interior.

### 1.3 CARACTERIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

De acordo com Maria Isaura Pereira de Queiróz, os movimentos messiânicos estiveram sempre ligados a crises de estrutura e organizações sociais. Segundo os critérios utilizados pela autora, a sociedade brasileira se dividia em três seções sócio-culturalmente distintas: a primitiva, a rústica e a urbanizada. A primitiva, formada pelos grupos indígenas, tinha sua estrutura regida por um sistema de parentesco; os grupos rústicos eram aglomerados de famílias e os agrupamentos urbanizados tinham uma estrutura regida internamente pelo sistema econômico.

O termo rústico é também utilizado para classificar determinados movimentos messiânicos ocorridos no Brasil e refere-se ao universo das culturas tradicionais do homem do campo, as quais resultaram do ajustamento do colonizador português ao Novo Mundo, seja por transferência e modificação dos traços da cultura original, seja em virtude do contato com o aborígine. Conforme observou Maria Isaura,

*“o governo brasileiro se formou dentro da parte urbanizada da sociedade e estendeu sua soberania jurídica sobre os outros agrupamentos, inclusive o indígena, integrando-o ao conjunto brasileiro. A soberania social do governo brasileiro impôs a aculturação das diferentes tribos indígenas. Com a descoberta do Brasil, os grupos primitivos se viram em relações com o grupo*

---

<sup>51</sup> Idem.

*português, que desde o início dos contatos procurou a integração de ambos numa só sociedade global. A princípio, por um sistema de alianças em que implicitamente os indígenas eram considerados no mesmo nível social que os recém-chegados; mais tarde, foi inaugurada uma situação colonial que reduziu os aborígenes à camada mais baixa da escala social.”<sup>52</sup>*

No início da colonização, os portugueses preocuparam-se em estabelecer a paz com os nativos. Era mais conveniente persuadi-los a ter que obrigá-los a realizar as tarefas que julgavam necessárias para tornar a colônia um investimento rentável. As relações comerciais consistiam na troca de bugigangas pelo trabalho indígena de captura de mercadorias, bem como em outras atividades que lhes interessavam, como o corte, a preparação e o transporte do pau-brasil.

A relação entre portugueses e aborígenes tornou-se hostil a partir do momento em que o colonizador resolveu ocupar as terras da colônia e utilizar a sua mão-de-obra para explorar as riquezas que delas se podiam extrair através da agricultura. Conforme Alberto Passos Guimarães,

*“a missão confiada aos colonizadores era a de submeter o aborígene, apropriar-se de suas terras e bens, impor-lhe suas concepções e transformá-lo num agente dócil de seus objetivos de domínio.”<sup>53</sup>*

Ainda de acordo com as conclusões de Maria Isaura, os papéis desempenhados pelos movimentos messiânicos em relação à sociedade global estavam subordinados a crises estruturais e organizatórias. As crises poderiam ser de formação da sociedade global; da configuração interna da sociedade global; e mistas.

As crises de formação das sociedades globais decorrem do delineamento de suas configurações internas, face às tentativas de agregação de sociedades heterogêneas numa só. Estrutura e organização interna se transformavam (tribo primitiva e sociedade ocidental colonizadora), levando uma sociedade a tornar uma classe inferior à outra. Neste caso, o movimento messiânico agiu de forma segregadora e subversiva, pois visou levar o grupo da camada inferior para a superior.

Neste caso, os movimentos primitivos surgiram como esperança pela liberdade, pelo fortalecimento dos valores sociais e pela restauração dos padrões de comportamento nativo, ameaçados pelos contatos com os colonizadores que colocavam em risco a integridade da estrutura e da organização.

---

<sup>52</sup> QUEIROZ, 1977, p. 332.

<sup>53</sup> GUIMARÃES, 1968, p. 11.

As crises de configuração interna de sociedades globais foram de duas espécies diferentes. Em uma, a sociedade configurada segundo as relações de parentesco passou para sociedade configurada segundo as relações econômicas. Os movimentos messiânicos foram reações contra esta nova disposição assumida, pretendendo transformar a estrutura recém-criada e promovendo nova reviravolta das camadas sociais. Trata-se de crise estrutural e o movimento era qualificado de subversivo.

O movimento messiânico dos Muker, ocorrido em 1872 no Rio Grande do Sul, é citado por Maria Isaura como exemplo de reação contra a mudança na configuração interna da sociedade, que deixou de se basear nas relações de parentesco e passou para as econômicas. A região foi tomada por colonos alemães que receberam de duzentos a trezentos hectares de terra e fundaram povoados, dos quais o mais próspero foi o que veio a originar a cidade de São Leopoldo. Sem contar com qualquer apoio estrutural do governo brasileiro, os colonos viveram em economia de subsistência.<sup>54</sup>

As exigências do mercado fizeram surgir dentre os colonos aqueles que se dedicaram a atividades comerciais, suprindo a comunidade com objetos necessários no cotidiano e adquirindo os excedentes da produção dos agricultores. “Conseqüentemente, completa Maria Isaura,

*os comerciantes, sobrepujavam os simples agricultores. Com o desenvolvimento da administração pública, cada vez mais necessária dado o aumento da colônia, os funcionários de categoria foram escolhidos entre os que eram economicamente mais hábeis. Assim, os comerciantes foram nomeados prefeito, delegado, subdelegado, exerciam funções de controle e de mando que os caracterizavam como camada realmente dominante.”<sup>55</sup>*

O movimento dos Muker teria sido uma reação contra o processo de mudança social na colônia, pois pretendeu Jacobina, líder do movimento, criar uma comunidade livre da opressão dos ricos, rompendo antigas ligações familiares e baseando-se em nova ordem de relações sociais sob a ameaçadora expectativa de um iminente fim do mundo.

A outra espécie de crise na configuração interna da sociedade global diz respeito ao nível organizacional. A sociedade sofria uma desorganização que a levava à perda de valores e de padrões que não eram substituídos por outros. Não estava em causa a posição hierárquica de grupos ou de camadas sociais, e sim a falta de correspondência entre os padrões de comportamento e os comportamentos efetivos.

---

<sup>54</sup> AMADO, 1978.

<sup>55</sup> QUEIROZ, 1977, p. 310.



Nestes casos, os movimentos messiânicos foram qualificados como conservadores, pois buscaram readaptar os comportamentos efetivos às normas e padrões antigos. Enquadram-se neste grupo os movimentos messiânicos comandados por Padre Cícero, Antônio Conselheiro e Pedro Batista. Para Maria Isaura,

*“o intuito deles era a reorganização e reordenação das relações sociais. O messias com sua autoridade impõe regras que devem ser rigorosamente cumpridas e que em geral vão banir os desvios dos padrões, que anteriormente se verificava.”<sup>56</sup>*

A perda de valores e de padrões comportamentais pode ser atribuída ao longo período de afastamento dos padres nos sertões, acostumando os seus habitantes a viverem sem eles e a desenvolverem um código próprio de crenças e costumes.

Analisando as conseqüências da falta de assistência da Igreja no sertão, Cândido da Costa e Silva afirma:

*“entregue a si mesmo pela imposição das circunstâncias, ele (o cristão) encontra margem para desenvolver um processo seletivo e reinterpretativo das expressões da fé, em particular do culto entre nós, como na história milenar do cristianismo, foi o momento privilegiado dessa metamorfose. Nesse filtro, as crenças e os ritos sofrem evidentemente alterações, revestem-se de novos conteúdos, através de procedimentos menos disciplinados, tomando como referencial a ortodoxia dos clérigos.”<sup>57</sup>*

A partir da metade do século XIX, a Igreja Católica tentou implementar no Brasil uma reforma na estrutura eclesiástica e na atuação de seus representantes. Com esta reforma, afirmou Douglas Teixeira,

*“a Igreja busca uma aproximação maior com relação ao povo, especialmente com os elementos das classes subalternas; a reorganização das jurisdições eclesiásticas e o reavivamento espiritual entre leigos, mas, particularmente, entre clérigos.”<sup>58</sup>*

Buscando se afirmar como poder espiritual face à crise decorrente da perda do poder temporal na Europa e também no Brasil, onde o Imperador era quem aprovava ou não as ordens vindas do Vaticano e quem nomeava e remunerava os bispos, a Igreja criava dioceses para garantir um padrão na propagação da fé católica.

Nesse contexto, surgem missionários no Brasil que ganharam fama de profetas e curadores, como Monge José Maria, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Pedro Batista.

---

<sup>56</sup> QUEIROZ, 1977, p. 319.

<sup>57</sup> SILVA, 1982, p. 23.

<sup>58</sup> MONTEIRO, 1977, p. 44.

Estes representaram reações da população contra a tentativa da Igreja em por fim à autonomia que caracterizava as igrejas e formações religiosas locais. Estes líderes reconheciam, entretanto, a autoridade da Igreja e não assumiram papéis que substituiriam aqueles que eram de competência dos representantes eclesiásticos. De acordo com Maria Isaura,

*“estes messias foram enviados para fazerem com que os homens retomassem os bons costumes, e não para que mudassem os pobres de posição social. Os grandes proprietários de terras que aderiram ao Padre Cícero e ao Monge José Maria conservaram na comunidade messiânica a mesma posição social anterior de chefia.”*<sup>59</sup>

No setor urbano da sociedade brasileira, cuja estrutura, como vimos, é regida internamente pelo sistema econômico, surgem movimentos messiânicos que, no entender de Lísias Negrão,

*“são decorrentes da influência de concepções espíritas, uma vez que estas gradativamente se afirmavam como o sucedâneo urbano do catolicismo rústico.”*<sup>60</sup>

Dentre os movimentos messiânicos urbanos, se destacam o dos “Borboletas Azuis”, ocorrido em Campina Grande/PB, e o da “Fraternidade Eclética Espiritualista Universal”, iniciado na cidade do Rio de Janeiro e, posteriormente, transferido para o município de Luziânia/GO, distante 55 km do centro de Brasília.

A Fraternidade Eclética Espiritualista Universal foi fundada pelo ex-oficial da Força Aérea Brasileira, Comandante Oceano de Sá, conhecido na instituição como Venerável Mestre Yokaanam, em 27 de março de 1946, com finalidade filantrópica, eclético-religiosa de assistência social, moral e espiritual.

Após dez anos de funcionamento na cidade do Rio de Janeiro, onde seu líder fora acusado seguidamente de práticas de curandeirismo, charlatanismo e comportamento imoral, a sede matriz da entidade é transferida para o planalto goiano, região considerada sagrada por constar nas profecias de D. Bosco<sup>61</sup> como o local de salvação da humanidade aos fins dos tempos.

---

<sup>59</sup> QUEIRÓZ, 1977, p. 324.

<sup>60</sup> NEGRÃO, 1984, p. 18.

<sup>61</sup> Segundo a seita, trata-se de um sacerdote católico que, escrevendo suas memórias em 30 de agosto de 1833, afirmou que sonhou “viajar de trem e eis senão quando vê diante de seus olhos o mapa de imensa região. Concomitantemente, uma voz o adverte de serem ali as terras do interior do Brasil, de onde um dia, se despertaria novo surto espiritual, como base e momento de uma civilização nova, saída das terras sobre as quais acenderá Deus a constelação de sua cruz, o cruzeiro do sul.”

O objetivo básico da Fraternidade, definido em sua constituição, é o da unificação e concórdia universal de todas as religiões e escolas em litígio sectário sob invocação do nome do mesmo Deus e a implantação da religião universal sob a bandeira única e comum do mesmo Deus e do mesmo Cristo. A doutrina eclética da Fraternidade é apresentada como a única alternativa possível para o impasse do conflito religioso que dividia o cristianismo em várias denominações.

O movimento dos Borboletas Azuis fora comandado por um ex-comerciante atacadista de algodão chamado Roldão Mangureira. Durante um incêndio que destruiu um de seus estabelecimentos, sentiu vontade de se suicidar, mas teve a visão de um padre que se aproximou e lhe disse: “Olhe, vamos ter paciência que Deus te ajuda.”<sup>62</sup> Em 1961, fundou um centro espírita com um dinheiro que obteve em empréstimo junto ao Banco do Comércio, graças a outra visão em que Padre Cícero aparece indicando a referida instituição bancária. Em 1970, esta instituição ganhou a denominação de Casa de Caridade Jesus no Horto, com doutrina católica. Em 1978, a diretoria da instituição distribuiu 10.000 folhetos na cidade, anunciando que, no dia 13 de maio de 1980, se iniciaria um dilúvio que duraria 120 dias. O aviso, segundo eles, teria sido dado por Jesus Cristo. Como o dilúvio não aconteceu, o movimento sucumbiu.

Na organização de um movimento messiânico presume-se a existência de um líder carismático que tenha contato com o sobrenatural. No meio rústico ou primitivo, a união de um grupo em torno de um ideal ou de um líder implicava necessariamente no planejamento de atividades que garantissem o suprimento de alimentos e utensílios essenciais à sobrevivência.

Os movimentos primitivos buscaram terras “prometidas” onde seus integrantes pudessem viver longe da ameaça crescente dos invasores. Já os movimentos rústicos buscaram ocupar espaços territoriais dentro do meio rural onde seus integrantes mantivessem relações sociais menos usurpadoras. Eles romperam a estagnação da capacidade produtiva existente no sertão, seja em decorrência da falta de recursos para investimento na agropecuária ou da falta de unidade da mão-de-obra para realização de trabalhos coletivos em prol da própria comunidade.

*“Os movimentos messiânicos rústicos ao mesmo tempo levam o desenvolvimento econômico às comunidades, e buscam reestruturar e reorganizar a vida social em processo de anomia; pelo próprio fato de operarem esta reorganização, podem fornecer base para o progresso.”<sup>63</sup>*

---

<sup>62</sup> NEGRÃO, 1984, p. 325.

<sup>63</sup> QUEIROZ, 1977, p. 347.

Os movimentos urbanos, entretanto, não tiveram obrigatoriamente a necessidade de planejamento global, pois tanto as entidades quanto seus integrantes estavam adaptados e estabilizados dentro do sistema econômico. As crises estruturais ou organizatórias parecem não ter sido suficientes para motivar a mobilização de populações em torno de líderes messiânicos. Ocorrendo no setor primitivo, rústico ou urbano da sociedade brasileira, os movimentos messiânicos tiveram como principal componente atrativo a solução para os problemas da doença e da morte.

Alberto Quintana entende que a morte e a doença são acontecimentos que demonstram a fragilidade do ser humano e, portanto, necessitam de explicação e justificação. Por um lado parecem coisas irremediáveis; por outro se tornam lugares de rituais em que se procura controlá-las. Estes rituais pertencem à ordem do sobrenatural ou sagrado, onde se manifesta uma realidade que não é explicada pelas leis naturais. Para ele,

*“estes rituais tem por função recriar os códigos por meio dos quais um determinado grupo se relaciona com o mundo circundante. Se constituem numa fala, uma mensagem que tenta impor a onipotência imaginária ali onde o real se faz presença ameaçadora.”*<sup>64</sup>

A cura e a salvação foram, pois, as razões fundamentais para adesão aos movimentos messiânicos, permitindo a seus adeptos lutarem pela vitória contra o irremediável destino do homem, não obstante a adesão também ocorrer simplesmente em função da expectativa de uma melhoria de vida material ou de um retorno às normas e padrões de condutas antigos.

As dificuldades circunstancialmente existentes despertavam no homem a necessidade de refúgio na fé como forma também de resolver os problemas estruturais e organizacionais da sociedade. Sem o aparecimento de líderes messiânicos que demonstrassem autoridade espiritual para controlar os efeitos da doença e da morte, não haveria movimentos que resultassem em mudança estrutural ou organizacional da sociedade, tendo seus habitantes que conviver com as condições de vida que lhes eram impostas ou buscarem outra forma de promoverem mudança social.

O apoio popular aos líderes surgidos é explicado por Ivone Gallo como decorrente de

---

<sup>64</sup> QUINTANA, 1999, p. 33.

*“uma necessidade humana constante de cristalizar em uma pessoa as expectativas de mudança, com relação à situação vivida, configura-se quase como uma regra, anterior mesmo à difusão do cristianismo como doutrina.”*<sup>65</sup>

A preocupação do nordestino em torno da sua salvação e a distância que os separava dos missionários da Igreja favorecia o surgimento de movimentos messiânicos rústicos e podia ser medida pela importância que a morte representava para suas vidas. Josué de Castro constatou que

*“no Nordeste, as marcas mais fundas da presença do homem parecem não ser as marcas de sua vida, mas as marcas de sua morte. A morte é uma tal constante, um fator social de tamanha importância na vida da região, que em certas cidades do interior, parece que o que mais prospera são os cemitérios.”*<sup>66</sup>

Para Lísias Negrão, “a perda coletiva das condições de reprodução de modos tradicionais de vida abriram espaços para os movimentos messiânicos rústicos”.<sup>67</sup> Os movimentos efetivamente implicaram em anulação ou transformação das ocorrências em curso nas sociedades globais que levaram a tais perdas, mas consistiram, principalmente, em manifestação popular para dar sentido à condição existencial humana.

O fato de os movimentos messiânicos rústicos ou urbanos não implicarem em reviravolta das camadas sociais, continuando seus integrantes a ocuparem a mesma posição social anterior à adesão, confirma que o objetivo principal era mesmo o de prover os meios necessários para os adeptos alcançarem a cura e a salvação e não o de reagir contra processos internos de anomia.<sup>68</sup>

A obediência a normas e padrões determinados pelo líder messiânico deve ser atribuída ao reconhecimento pelos adeptos do caráter sagrado do movimento. Sem a demonstração pelo líder de sua capacidade sobrenatural não haveria esforços pessoais para desempenhar comportamentos condizentes com a nova proposta de vida ditada por ele. Não bastaria que as condições sociais estivessem desfavoráveis para que surgisse um movimento messiânico libertador das opressões.

O aparecimento de líderes carismáticos trazendo soluções para os problemas da doença e da morte parece ser o fator principal para arregimentação de adeptos, tanto no

---

<sup>65</sup> GALLO, 1999, p. 69.

<sup>66</sup> CASTRO, 1967, p. 40.

<sup>67</sup> NEGRÃO, 1984, p. 421.

<sup>68</sup> Estado em que a sociedade tem os seus padrões normativos de conduta e crença enfraquecidos ou desaparecidos

setor rural como no urbano, independentemente da condição sócio-econômica de cada um.

## CAPÍTULO II

### PEDRO BATISTA

“De onde veio não se sabe,  
ninguém pode compreender.  
O povo lhe perguntava,  
ele não ia dizer.  
Esses eram os deveres seus,  
pois os segredos de Deus  
não é pra ninguém saber.”<sup>69</sup>

Segundo a socióloga Maria Isaura Pereira de Queiroz, que esteve em Santa Brígida realizando pesquisas em 1955, Pedro Batista teria nascido em Alagoas e seu pai seria membro da família Rocha Wanderley.

Devido a conflitos com outros grupos de famílias rivais na busca pelo domínio político local, seu pai teve de fugir para Pernambuco, onde fora criado. No dizer da socióloga, estes conflitos eram

*“fenômenos tão freqüentes que se poderia considerar como traço peculiar à sociedade rústica o estado interno de luta, o estado social de contínua desestruturação e reestruturação.”*<sup>70</sup>

Pedro Batista serviu ao Exército aos dezessete anos, sendo deslocado, posteriormente, para Foz do Iguaçu e Ponta Grossa. Após desligar-se do Exército, trabalhou como marinheiro e estivador nos portos do Rio de Janeiro, Santos e Paranaguá, onde se fixou e viveu como pescador.<sup>71</sup>

O mestre espiritual José Bezerra Delgado, conforme o próprio se intitulara, mais conhecido como “mestre Zezé”, convidado por Pedro Batista para ajudá-lo nas rezas em Santa Brígida, contou versão acerca da origem do beato muito próxima a revelada pela socióloga:

*“A mãe dele era índia, era da mesma aldeia de Murici, da aldeia que eu sou. A mãe dele era da aldeia de Murici, viu? Era índia, não tinha sobrenome. Agora,*

---

<sup>69</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>70</sup> QUEIROZ, 1977, p. 315.

<sup>71</sup> QUEIROZ, 1977, p. 294.

*o pai dele era das famílias de Santana de Ipanema, Rocha e Vanderlei, era tudo de família branca. Agora a mãe dele era índia da mesma aldeia que eu sou.”<sup>72</sup>*

Ainda segundo o mestre Zezé, a mãe de Pedro Batista morreu no parto e ele foi criado pelas irmãs de seu pai em Recife. Foi soldado e, posteriormente, pescador, época em que recebeu a missão de Deus:

*“Quando foi para nascer, o médico tirou a ferro, ela já morta. Então quem o criou foram as tias, as irmãs do pai dele no Recife. Foi soldado aí no Estado de Alagoas. Ele me disse que era pescador, tinha todo atavio de pesca. Recebeu a ordem dentro do mar, aí venderam baratinho, deram ao povo os atavios de pesca e seguiu de pé.”<sup>73</sup>*

Uma visão o fez regressar ao nordeste onde peregrinou pelos Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, até se fixar no povoado de Santa Brígida com a permissão do Coronel João Sá que acompanhou pessoalmente e por intermédio de seus correligionários a chegada dos romeiros até ter certeza de que o movimento não ameaçava a ordem estabelecida nem a sua autoridade na região.

Pedro Batista não sabia ler nem escrever. As operações comerciais e financeiras que realizou foram por intermédio de pessoas de sua confiança.<sup>74</sup> Esta deficiência, entretanto, não o impediu de demonstrar sua capacidade de administrador; condição básica para que pudesse ter sucesso em sua jornada de conselheiro carismático e de líder político da região.

O único documento encontrado até agora que revela dados pessoais de Pedro Batista foi uma proposta de empréstimo agrícola junto ao Banco do Nordeste do Brasil S/A, datada de 15 de dezembro de 1955. Sem contradizer as versões anteriores, os dados ali existentes devem ter sido revelados pelo próprio proponente e indicam que o beato nascera em 1888 no município de Porto Calvo, Estado de Alagoas:<sup>75</sup>

---

<sup>72</sup> José Bezerra Delgado. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>73</sup> Bezerra Delgado. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>74</sup> Ver no Capítulo III.

<sup>75</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.



## PROPOSTA DE EMPRÉSTIMO AGRÍCOLA

Cleandro Dantas-Ca. 15 de Dezembro de 1955.

PEDRO BATISTA DA SILVA, natural de Forte Galvão - Al.  
com 67 anos de idade, solteiro, domiciliado  
em Fazenda São Brígido - Jaramaco - Ba. Estado de Bahia  
precisando, para os fins abaixo indicados, contrair nesse Banco um empréstimo, vem  
declarar, o seguinte:

1 - O empréstimo pretendido de Cr\$ 52.500,00 é destinado aos fins indicados  
no orçamento anexo.

2 - Avalia a sua colheita XXXX em 39.600 milh. de algodão  
26.000 milh. de algodão  
590 sacas de algodão  
a ser colhida até Novembro de 1956

3 - A área cultivada é de 110 hectares ou 110,475 hectares

4 - O imóvel acima se situa em Jaramaco  
município de Jaramaco, comarca de Jaramaco e tem a deno-  
minação seguinte: Fazenda "Santo Amaro da Galina".

5 - O arrendamento do imóvel acima foi feito pelo prazo de \_\_\_\_\_  
anos, ao preço de Cr\$ \_\_\_\_\_ anual e sob as seguintes  
condições principais:

6 - O pagamento das rendas \_\_\_\_\_ em dia.

7 - A propriedade \_\_\_\_\_ onerada por hipoteca, no valor de Cr\$ \_\_\_\_\_  
a favor de \_\_\_\_\_, com veseli-  
mento para \_\_\_\_\_, conforme traslado de escritura anexo.

8 - O serviço de amortização é de \_\_\_\_\_ em dia.

9 - O pagamento de impostos e taxas, federais, estaduais e municipais \_\_\_\_\_ em dia.

Pedro Batista não comentava com osromeiros sobre a sua vida. De onde veio, quem eram seus pais ou se tinha irmãos, tais informações pouco interessava aos seus adeptos. Era como se ele tivesse descido diretamente do céu para juntar o seu povo. Morreu com setenta e nove anos, vítima de uma infecção urinária que o obrigou a viver nos últimos meses de sua vida sobre uma cadeira de rodas.

## 2.1 A PEREGRINAÇÃO DO BEATO

“Passou preso, encerrado;  
sem lhe dar água e nem pão.  
Para ele desistir  
de sua grande missão.  
Mas ele não se entregava  
quanto mais lhe castigava  
maior sua satisfação.”<sup>76</sup>

Por volta de 1942, após ter crido receber uma missão divina, Pedro Batista iniciou uma peregrinação por cerca de três anos pelos Estados de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia. Em suas andanças, ficou famoso pela sabedoria em dar conselhos, por efetuar curas e libertar pessoas de maus espíritos.

O sucesso de suas intervenções terapêuticas e a propagação de ensinamentos religiosos pouco ouvidos no sertão permitiu um aumento constante de sua popularidade. Acolher Pedro Batista em sua residência era um acontecimento importante na vida do sertanejo, um ato de fé e um sinal do amor de Deus.

Estava surgindo um novo messias para trazer esperança de alívio às dificuldades próprias da vida no sertão. Era o novo porta-voz de Deus para dar conselhos e ministrar curas, por quem o povo do sertão parecia estar sempre esperando. Júlio Manoel Cardoso, romeiro, explica como era a peregrinação:

*“Nós ouvíamos falar nesse beato que vinha em missão. Um conhecido trazia ele em nossa casa e depois nós levávamos ele para casa de outro conhecido e assim ia.”<sup>77</sup>*

Pedro Batista teve passagens duradouras pelos municípios de Água Branca, Delmiro Gouveia e Mata Grande, no Estado de Alagoas e, em Águas Belas e Itaíba, no Estado de Pernambuco. Em suas peregrinações, ganhava a simpatia e a reverência das pessoas. Não havia nenhum grupo que o acompanhava, o que facilitava a sua recepção pelos moradores. Era muito mais fácil para o morador local acolher dois ou três em sua casa do que uma multidão.

---

<sup>76</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>77</sup> Júlio Manoel Cardoso. Entrevista concedida em 20 de abril de 1996. Santa Brígida/BA.

A romaria tem um caráter de publicização da crença, através da escolha de um ponto de referência a ser atingido. No percurso da peregrinação, os crentes vão ao encontro de sua devoção. No caso de Pedro Batista, ele ganhou fama de curador e conselheiro, motivando pequenas romarias de moradores circunvizinhos às localidades onde encontrava abrigo por algum período.

A peregrinação de Pedro Batista por estas cidades não ocorrera pacificamente. As autoridades públicas também estavam na expectativa da possível chegada do beato. Havia a preocupação de que a crescente popularidade o transformasse em líder de mais um movimento messiânico, geralmente considerado como fanatismo religioso, contrário à ordem estabelecida e cujas experiências anteriores culminaram em tragédias como as ocorridas em Canudos<sup>78</sup> e Pau de Colher<sup>79</sup>. Por isso, a sua permanência nas cidades por onde peregrinara era muito questionada, impedindo que ele se estabelecesse em algum lugar. Odálio Ribeiro José, comentando acerca da tensão vivida pelo beato, lembra:

*“Ele passava assim uns quinze dias, um mês. Aí o governo mandava ele levantar para outro lugar.”<sup>80</sup>*

Pedro Batista foi expulso seguidamente e, muitas vezes, ainda sofria algum tipo de castigo das autoridades locais, como lembra o próprio Odálio:

*“Ele curava o pessoal e não cobrava. Curava muito doido, doido mesmo, curava e ficava bom. E o governo não fazia o milagre que ele fazia . Aí ele mandava ele embora e às vezes botava de castigo em cima de carço de milho, pra judiar com ele.”<sup>81</sup>*

A preocupação das autoridades locais de que a aglomeração causada pela presença de Pedro Batista viesse a provocar algum tipo de tumulto levaram-nas a optar pela prisão do beato como forma de dispersar as pessoas.

Certa vez, Pedro Batista chegou a ficar preso por nove meses no município de Águas Belas, Estado de Pernambuco. Esta prisão foi assim testemunhada pelo romeiro Geraldo Domingos Neto:

---

<sup>78</sup> Como o tema Canudos e sua bibliografia é bastante ampla, ver o acervo do Núcleo do Sertão/CEB/UFBA.

<sup>79</sup> BRITO, 1999.

<sup>80</sup> Odálio Ribeiro José. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>81</sup> Idem.

*“Ele entrou em Pernambuco curando água e curando gente. Lá em Itaíba, Dr. Dálio, que era o médico de lá, chamou Pedro Batista e botou numa casa onde ficou curando gente. O dono da farmácia perguntou quem mandou ele ficar lá: ‘Por que esse homem tá me acabando. Ele cura e nunca mais eu vendi um remédio na minha farmácia’. Aí ele falou com o padre e prenderam em Águas Belas.”<sup>82</sup>*

As preocupações com os prejuízos financeiros que Pedro Batista poderia causar pareciam maiores do que a própria questão de tratar-se ou não de charlatanismo. Os interesses do comércio precisavam se aliar com os da Igreja no sentido de impedir a continuação das atividades do beato. Prendendo-o acabariam as peregrinações e a possibilidade de aumento de popularidade, pensaram os seus desafetos.

Tais prisões, entretanto, não provocaram um esfriamento na reverência do povo. Intensas romarias foram formadas em direção à cadeia a fim de levar apoio e receber a bênção do santo homem. As romarias revelaram a Pedro Batista que a sua popularidade já havia alcançado níveis elevados e o convenceram de que a dificuldade na continuidade de suas peregrinações o obrigaria a encontrar um lugar onde pudesse se estabelecer pacificamente.

O dom para curador e conselheiro já estava devidamente comprovado pelo reconhecimento das pessoas. Conforme afirma Alberto Quintana,

*“o dom não pode se sustentar unicamente no reconhecimento do benzedor; é necessário que a comunidade onde ele vive também veja nele alguém especial. É necessário que esta história encontre um interlocutor que reconheça o sinal que marca seu protagonista como alguém especial, aquele escolhido para realizar a intermediação com o sagrado.”<sup>83</sup>*

Pedro Batista era mais uma repetição de um fenômeno social freqüente no sertão do Brasil: o messianismo. Sua aparência física lembrava a do líder de canudos Antonio Conselheiro: alto, magro, cabelos e barba longos e grisalhos. Apesar disso, Pedro Batista tinha a preocupação de evitar qualquer semelhança, pois, ao contrário do líder de Canudos, ele se preocupava em demonstrar que a sua missão não ousava questionar a ordem política e econômica existente. Júlio Manoel Cardoso lembra:

---

<sup>82</sup> Geraldo Domingos Neto. Entrevista concedida em 10 de março de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>83</sup> QUINTANA, 1999, p. 82.

*“Muitos deixaram seus sítios e vieram mais por amor e palavra de boa esperança. Compararam ele a Antonio Conselheiro de Canudos, mas Pedro Batista dizia que a história dele era dar conselho do Pai eterno.”<sup>84</sup>*

O trabalho e a resignação em Deus eram os fundamentos da sua missão. Em suas peregrinações, Pedro Batista demonstrou ser um homem diferente. Suas orações curavam e suas palavras abençoavam. A sua passagem pelos lugares atraía muitas pessoas da redondeza. Ele apregoava o cumprimento de uma série de regras comportamentais e ensinava que a felicidade humana era alcançada através do exercício da oração e do trabalho.

Foi acolhido numa fazenda do município de Glória, Estado da Bahia, distante 50 km do povoado de Santa Brígida, para onde se mudou dias depois, encontrando o sossego que necessitava para desempenhar a sua missão divina.

## **2.2 PEDRO BATISTA EM SANTA BRÍGIDA**

*“Encontrando poucas casas  
que tinha na povoação.  
Velhas e feitas de taipas  
na chegada do verão.  
Dedicou-se a agricultor  
e a todo mundo que chegou  
ele deu essa lição.”<sup>85</sup>*

Santa Brígida era distrito do município de Jeremoabo, que ainda abrangia os distritos de Iguaba, hoje município de Coronel João Sá, e Voturuna, hoje município de Pedro Alexandre. Os novos municípios foram criados numa conjuntura emancipacionista e receberam nomes das lideranças locais.

Lugarejo de difícil acesso, era composto por apenas algumas dezenas de casas. A capela existente era freqüentemente utilizada como abrigo por bodes e carneiros, servindo para os fins a que foi construído apenas nas esporádicas visitas de um padre.

---

<sup>84</sup> Júlio Manoel Cardoso. Entrevista concedida em 20 de abril de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>85</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

A população praticava agricultura de subsistência e, como distrito de Jeremoabo, estava subordinado à liderança política do Coronel João Sá. A dificuldade de acesso (apenas um caminho feito para passagem de animal ligava o povoado à BR no trecho entre Jeremoabo e Paulo Afonso) comprometia ainda mais o desenvolvimento do lugar. Santa Brígida era um povoado sem perspectiva de mudança em curto prazo.

Ao chegar a Santa Brígida, em 1945, Pedro Batista tinha cerca de cinquenta e sete anos. Quanto ao povoado, contava apenas com aproximadamente quarenta casas, construídas em torno de uma pequena praça. Longe de tentar ameaçar a ordem, provocando invasões de terra, ele organizou a estada das pessoas que chegavam à sua procura, com a devida concordância dos moradores e autoridades locais.

O primeiro grande desafio de Pedro Batista foi, pois, manter a ordem social ante a chegada indiscriminada de pessoas. A fé na atividade missionária de Pedro Batista resultou num êxodo de romeiros em direção à Santa Brígida, confiantes na esperança de uma nova vida sob a liderança espiritual de um homem bom, enviado do céu para trazer a palavra de paz e amor do criador. Apesar de permanecerem fazendo parte de uma mesma sociedade, tinham, ainda, a proteção do padrinho Pedro Batista.

O tratamento de padrinho, conforme definição de Maria Isaura,

*“significa, justamente, este papel de superioridade e de proteção que lhe reconhecem, mostrando ao mesmo tempo a submissão, a gratidão, o respeito dos que o rodeiam. Significa também uma relação mais íntima de que simplesmente a que existe entre chefe e subordinado, mais afetuosa: é um parentesco espiritual, mais importante do que o de sangue, porque sagrado.”<sup>86</sup>*

A confiança dos romeiros em Pedro Batista era total. Ao chegar a Santa Brígida, eles passavam a agir conforme a orientação do seu líder. O assentamento era acertado com os proprietários locais que davam ou vendiam alguma área para construção de casas e formação de roças. A maioria dos romeiros era de agricultores, como Geraldo Domingos Neto, que relembra a sua chegada:

*“Quando a gente chegava, ele dizia: eu não tenho terra, peça terra aos baianos e se ajeitem aqui.”<sup>87</sup>*

---

<sup>86</sup> QUEIRÓZ, 1977, 298.

<sup>87</sup> Geraldo Domingos Neto. Entrevista concedida em 10 de março de 1995. Santa Brígida/BA.

A chegada abundante de agricultores permitiu o desbravamento da mata e a criação de muitas áreas cultiváveis em Santa Brígida. Vislumbrando a possibilidade de extrair produção agropecuária em suas terras, os proprietários locais aceitaram a formação de uma comunidade sob o comando religioso de Pedro Batista, com hábitos diferentes da comunidade dos baianos, colaborando através da oferta de trabalho e do arrendamento de suas terras.

O Brasil passava por um período de instabilidade política. A sociedade protestava contra a falta de liberdade e de democracia no país. Pressionado, Getúlio Vargas marcou eleições presidenciais para dezembro daquele ano, pondo fim ao chamado Estado Novo.

A desconfiança de que o movimento trouxesse algum tipo de revolta resultou numa perseguição a Pedro Batista comandada pelo capitão Felipe Borja de Castro, encarregado da segurança pública da região de Jeremoabo durante o período da ditadura de Vargas. Antonio Calunga, antigo morador da cidade, lembra da chegada dos romeiros e da reação do capitão:

*“Às vezes chegava de uma vez cento e tantas pessoas, todos de Alagoas. Então o capitão Felipe questionou que este homem não dava certo aqui em Santa Brígida. Pedro foi intimado para Jeremoabo não sei quantas vezes.”<sup>88</sup>*

A perseguição somente parou com a interferência política do Coronel João Sá, transferindo o capitão para outra região. Essa atitude demonstrava quem era o verdadeiro mandão daquela região, prerrogativa dada pelo governo estadual em compromisso com o chefe político local que, conforme escreveu Victor Nunes,

*“dá carta-branca ao chefe local governista em todos os assuntos relativos ao município, inclusive na nomeação de funcionários públicos estaduais do lugar.”<sup>89</sup>*

Lindoaldo Alves de Oliveira, prefeito em Santa Brígida de 1967 a 1970, conta assim o desfecho do caso:

---

<sup>88</sup> Antonio Calunga. Entrevista concedida em 15 de fevereiro de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>89</sup> LEAL, 1993, p. 50.

*“A ditadura depôs Getúlio e vinha eleições livres, como aconteceu. Então “seu” Pedro foi interpelado na época pela segurança da região, capitão Felipe Borja de Castro, com medo dele criar aqui um motim como aconteceu em Canudos. Mas João Sá, muito vivo, vendo que “seu” Pedro trazia muita gente e formava-se eleitor sob o comando dele, ficou protelando para “seu” Pedro ficar. Foi quando caiu a ditadura e terminou “seu” Felipe sendo transferido de Jeremoabo e “seu” Pedro ficando.”<sup>90</sup>*



*Lindoaldo Alves de Oliveira considerou a visão política do Coronel João Sá fator fundamental para o sucesso do movimento.*

Em compensação, João Sá exigiu que Pedro Batista cortasse os cabelos e a barba para retirar a aparência que lembrava os líderes de outros movimentos messiânicos tratados pelos governos constituídos como movimentos subversivos. A mudança na aparência livrava-o de um estereótipo que a coletividade já associava a líderes messiânicos subversivos e tranqüilizava as autoridades locais.

A pouca quantidade de mão-de-obra disponível e o baixo valor das terras no sertão do nordeste do Brasil eram problemas enfrentados pelos fazendeiros. Venda de

---

<sup>90</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 30 de maio de 1994. Santa Brígida/BA.



terras para formação de loteamentos e fundação de vilas ou doações para construções de igrejas eram práticas comuns aos coronéis. Conclui Maria Isaura que

*“os fazendeiros não procuravam, com este loteamento e fundação de vilas, uma compensação monetária propriamente dita, porque em geral o preço de venda não era alto; o que pretendiam era, por meio da criação da vila, da qual seriam fundadores e benfeitores e cuja administração e habitantes girariam à sua volta, obter facilidades de mão-de-obra, assim como a valorização de sua própria fazenda, que, com o progresso da vila, em breve estaria às portas de centro populoso e dobraria de preço.”<sup>91</sup>*

João Sá viu em Pedro Batista um excelente aliado para aumentar a sua força política, mas também viu que, com ele, Santa Brígida ia se desenvolver e proporcionou os meios materiais necessários para o progresso do movimento, cedendo e vendendo terras para as atividades agropecuárias comandadas pelo beato.

Observa-se aí uma nítida relação de dependência entre os trabalhadores rurais, compostos basicamente pelos romeiros de Pedro Batista e os proprietários locais. Tratava-se de uma relação garantida, de um lado, pela vontade dos romeiros em ver a permanência de seu padrinho em Santa Brígida livre de qualquer ameaça; e, de outro, pela vontade dos proprietários locais em ver as suas terras produzindo e valorizadas.

Apesar desta convivência produtiva, o povoado apresentava nítida divisão na população. Apesar de semelhantes fisicamente, as famílias dos seguidores de Pedro Batista apresentavam comportamento distinto do das famílias dos demais moradores que não eram seguidores do beato, denominados pelos romeiros de “bairianos”.

A diferença estava no cumprimento de regras comportamentais pelos romeiros de Pedro Batista que implicava na recuperação dos padrões antigos de moralidade que não eram mais observados no lado dos bairianos, como não beber, não fumar, não mentir, não brigar, não dançar em bailes e não se prostituir.

A preocupação em obedecer a seu padrinho implicou em dotar a comunidade dos romeiros de uma série de costumes que diferenciava seus integrantes dos demais moradores que não faziam parte do grupo. A evidente diferença comportamental levou à formação de um sentimento de separação entre os antigos moradores da região e os recém-chegados. A baiana Valdete Souza da Silva, trinta e cinco anos após a morte do beato, ainda expressava esse clima ao comentar sobre o movimento:

---

<sup>91</sup> QUEIRÓZ, 1969.

*“Nunca tive nada contra os romeiros. Falar a verdade, eles para lá e eu para cá. Eles nunca gostaram dos baianos, só deles com eles.”<sup>92</sup>*

A construção da igreja também serviu para dividir a cidade em duas partes: a dos romeiros e a dos baianos, criando um clima de separação entre os moradores baianos e os romeiros. A igreja dos romeiros era maior que a dos baianos, reflexo de uma comunidade que estava mais interessada nas coisas de religião.

A constatação feita por Maria Isaura, em estudo realizado no local em 1956, revelou um fato que caracterizava bem o clima de separação existente:

*“nestes dez anos de permanência dos alagoanos<sup>93</sup> em Santa Brígida, houve só um intercassamento.”<sup>94</sup>*

Pedro Batista garantia a segurança e a ordem apenas no território até a igreja, como lembra Raimunda Alves dos Santos:

*“O que acontecesse da igreja dele pra cá ele resolvia; agora, pra lá o que acontecesse não era com ele não.”<sup>95</sup>*

Os limites da proteção de Pedro Batista ficavam evidentes para os romeiros quando eram vítimas de algum tipo de violência. Durante uma festa de São Pedro, no lado dos baianos, por exemplo, um romeiro foi assassinado, conforme relatou Maria José Marques da Silva, romeira do beato:

*“Teve um rapaz de Água Branca que era tocador, aí ele teimou e foi dançar. Quando ele chegou lá mataram ele dentro da sala de tango. Meu padrinho tinha avisado: quem for romeiro meu não atravesse para lá que eu não me responsabilizo, aí ele foi para a festa. Chegaram e mataram ele dentro da sala de tango.”<sup>96</sup>*

O crescimento da área urbana separou a comunidade dos romeiros da dos baianos. Além da distância física, a imposição de regras e costumes rígidos por parte de Pedro Batista aos seus seguidores afastava a possibilidade de vínculos de amizade com

---

<sup>92</sup> Valdete Souza da Silva. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>93</sup> Maria Isaura denominava os romeiros de alagoanos porque a maioria deles eram provenientes do Estado de Alagoas.

<sup>94</sup> QUEIRÓZ, 1998, pág 22.

<sup>95</sup> Raimunda Alves dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>96</sup> Maria José Marques Silva. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

aqueles que não concordavam com as idéias do beato. Este conjunto de fatores inibia a presença dos baianos no lado que crescia em função da chegada dos novos habitantes. Quando um romeiro resolvia participar de atividades no lado dos baianos, abria oportunidade para manifestações de rejeição.

Pedro Batista trouxe pessoas para ocuparem diferentes posições dentro da própria comunidade. Pequenos proprietários de terras, professores, enfermeiros e comerciantes fizeram parte do grupo dos romeiros de Pedro Batista juntamente com os agricultores.

A comunidade de Pedro Batista era composta de pessoas de variados níveis sociais, mas todos possuíam a mesma condição de romeiro. Em Santa Brígida formavam um grupo unido em torno da esperança de uma vida melhor junto a Pedro Batista, o que os motivava a ter a responsabilidade de observar os conselhos de seu líder.

Pedro Batista pensou na organização administrativa das atividades que viria a comandar em seus mínimos detalhes. Convidou algumas pessoas com quem fizera amizade durante as peregrinações para assumirem posições de destaque na nova sociedade que se formava. Os convites às pessoas levavam em consideração as habilidades que possuíam. Para uma atividade comercial, alguém que era comerciante. Antonio Ribeiro dos Anjos lembra que seu pai fora convidado pelo beato para ser comerciante:

*“Ele chamou ele para ajudar a desenvolver a cidade, botar um comércio que aqui não tinha e meu pai chegou aqui, botou uma casa de negócio com meu irmão.”<sup>97</sup>*

A migração de comerciantes não ficou restrita a convites de Pedro Batista. O aumento do número de consumidores naturalmente atraiu outras pessoas. João Batista de França, comerciante em Ibimirim, Estado de Pernambuco, mudou-se para Santa Brígida diante das boas perspectivas oferecidas no lugar:

*“Mudei não foi tanto por Pedro Batista, foi mais por precisão do meu comércio em Ibimirim, Pernambuco. Procurei um lugar melhor para trabalhar e de fato aqui eu encontrei melhora.”<sup>98</sup>*

---

<sup>97</sup> Antonio Ribeiro Anjos. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>98</sup> João Batista de França. Entrevista concedida em 10 de março de 1996. Santa Brígida/BA.

Pedro Batista não limitou suas ações a Santa Brígida. Realizou viagens importantes, próprias de alguém que estava integrado à sociedade global. Procurou agências bancárias para tomar empréstimos que permitissem investimentos nas atividades agropecuárias<sup>99</sup> e até fez visitas a velhos amigos, como a que fez ao Coronel João Sá em Aracaju quando este estava doente. Estes deslocamentos davam visibilidade a Pedro Batista ao tempo em que evidencia as suas relações fora do eixo de Santa Brígida.

No campo espiritual, Pedro Batista contava com o apoio de Maria das Dores, a madrinha Dodô, e de Zé Vigário. Ambos ajudavam dando conselhos ou rezando e tinham autoridade reconhecida pelos demais romeiros.

Madrinha Dodô, ainda criança, saíra de Água Branca, Estado de Alagoas, para morar em Juazeiro do Norte, tornando-se romeira de Padre Cícero. Após a morte dele, madrinha Dodô encontrou em Pedro Batista um substituto à altura e resolveu morar em Santa Brígida junto ao seu mais novo padrinho. Sua nova morada, entretanto, não impediu que continuasse a fazer romarias a Juazeiro do Norte periodicamente.

O reconhecimento da autoridade espiritual de Pedro Batista não impediu que Madrinha Dodô continuasse mantendo uma relação espiritual com Padre Cícero. Ir para Juazeiro do Norte representava a continuação de uma manifestação de fé em Deus e gratidão àquele que ajudou milhares de nordestinos com suas prédicas e orações.

---

<sup>99</sup> Ver Capítulo III.

### 2.3 A PEREGRINAÇÃO DOS ROMEIROS

“De Pernambuco a Alagoas,  
em todos lugares andou.  
Em partes também de Sergipe,  
em muitos cantos curou.  
Gente de muitas cidades,  
vendo seus grandes milagres,  
em multidão lhe acompanhou.”<sup>100</sup>

A fama conquistada por Pedro Batista em várias cidades do nordeste do Brasil foi suficiente para provocar intensas romarias à Santa Brígida. O primeiro grande desafio de Pedro Batista foi manter a ordem social ante a chegada indiscriminada de pessoas; uns vinham para morar, outros para visitar, mas todos esperavam receber curas e ouvir as profecias.

Os romeiros de Pedro Batista também faziam romarias até Juazeiro do Norte. Eram penitências comuns no sertão do nordeste brasileiro. A atividade religiosa e política desempenhada por Padre Cícero repercutiram na vida de milhares de pessoas. Milagres foram-lhe atribuídos, confirmando o caráter divino de sua missão. Visitar Juazeiro do Norte implicava em buscar alguma bênção ou pagar alguma promessa. Tornara-se mais uma tradição popular de manifestação de fé.

Pedro Batista nunca participava destas romarias, cuja maioria dos participantes eram mulheres e durava até doze dias de viagem, como lembra Raimunda Alves dos Santos:

*“Nós passávamos dez, doze dias viajando a pé. Quando chegava, o povo da gente tomava café, aí dava um... ficava parado né? Depois continuava, chegava a hora do almoço até a hora da dormida. E quando voltava era a mesma coisa; agora às vezes tinha um carro que levava comida, leva assim, as cestas, as coisas que a gente levava.”<sup>101</sup>*

A importância de Pedro Batista crescia. Pessoas que nunca o haviam visto antes acorriam ao povoado para testemunhar a sua existência, ainda que a distância implicasse em uma viagem desconfortável.

---

<sup>100</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>101</sup> Raimunda Alves dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

Por volta de 1945, não era fácil chegar a Santa Brígida. Não haviam estradas, mas caminhos para animais. O jumento era o principal meio de transporte, contudo a maioria dos viajantes vinha mesmo a pé. Luiza Maria de Jesus lembra as dificuldades enfrentadas no caminho de Água Branca, Estado de Alagoas, para Santa Brígida, cerca de setenta quilômetros:

*“A gente vinha a pé. Fui muitas vezes para lá. A gente saía de lá madrugazinha e chegava aqui de noite, com candeeiro na cabeça. Nesse tempo podia mulher andar sozinha pelo mundo todo, não se ouvia nada.”<sup>102</sup>*

Quem tinha propriedade vendia tudo e fazia nova vida em Santa Brígida. Quem não tinha propriedade vinha com seus pertences e arrendava algum terreno para trabalhar. Quem estava doente vinha buscar a cura. Quem não estava doente vinha buscar a companhia de um homem de Deus. Muitas pessoas doentes vinham visitar Pedro Batista e ficavam impressionadas com o resultado de suas orações.

De volta para suas cidades, muitas destas pessoas ficavam incomodadas com a distância que os separavam e decidiam retornar definitivamente para Santa Brígida. Tratava-se de um lugar diferente, onde as pessoas se predispunham a viver de maneira solidária e seguindo regras de conduta moral pouco observadas em outras localidades.

As pessoas saíam dos lugares mais distantes, mesmo sem tê-lo visto algum dia. A notícia de sua morada em Santa Brígida se espalhou rapidamente e muitas pessoas foram ao seu encontro. A romeira Eredita Oliveira dos Santos era uma das que foram atraídas pela boa fama do beato. Veio da cidade de Delmiro Gouveia, no Estado de Alagoas, junto com o marido que estava doente e acabou morando em Santa Brígida:

*“Eu morava na caatinga, era perto de Delmiro. Eu só sei que boas notícias dele nós tinha, que ele chamava todo mundo para o bem, rezava, ensinava remédio, dando conselho para todo mundo, aí eu posso dizer.”<sup>103</sup>*

A constante chegada de pessoas de diversas cidades do nordeste despertava a curiosidade dos que ainda não o conheciam. A periodicidade de viagens de alguns romeiros estimulou a formação de grandes romarias a Santa Brígida. As romarias

---

<sup>102</sup> Luiza Maria de Jesus. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>103</sup> Eredita Oliveira dos Santos. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

poderiam ocorrer a qualquer dia, mas a 29 de junho, dia de São Pedro, ocorria a maior concentração de gente e se realizava uma grande festa entre os romeiros.



*Em dias de festa chegavam muitos carros com romeiros de cidades vizinhas.*

Romarias eram peregrinações realizadas por pessoas crentes, motivadas pela esperança em receber alguma benção daquele em quem acreditavam ter poderes para tal. Apesar de muitos decidirem transferir-se definitivamente para o local, tido como santificado, continuavam sendo identificados como romeiros.

Ao concentrar em Santa Brígida indivíduos das mais diferentes matrizes culturais e religiosas, procedentes de vários pontos do Brasil, desenvolveram-se processos de criação e recriação de comportamento e atitudes, tanto religiosas como morais.

A escolha do santo para devoção está vinculado à sua hagiografia como também à sua representação no mundo terreno. Aqueles escolhidos estão relacionados à operação de milagres e à sua força em possibilitar o acesso às graças divinas<sup>104</sup>. No caso da festa de São Pedro, registra-se um significado adicional: representava uma festa comemorativa do próprio Pedro Batista. A presença de um beato de nome Pedro

---

<sup>104</sup> Ver: BLOCH, 1993.

reverenciado pela comunidade transformava-o no patrono do local. José Bezerra Lima, lembrando das festas no tempo de seu padrinho, disse:

*“Houve tempo que não tinha menos de sessenta carros de romeiros do Ceará, Sergipe, Pernambuco, Alagoas, Bahia e Paraíba. Era festa de reza. Tinha foguete, zabumba, e dança de São Gonçalo.”<sup>105</sup>*

Muitos baianos, porém, sentiram-se invadidos e manifestavam repúdio à chegada dos novos moradores. A animosidade partia daqueles que não tiravam proveito da presença dos romeiros e tinham que dividir os poucos recursos naturais existentes. A preocupação dos romeiros em observar os conselhos do seu padrinho, que abominava, dentre outras coisas, o jogo, a bebida alcoólica e o fumo, confrontava com os costumes dos baianos.

Em menos de um ano da chegada de Pedro Batista, os baianos já eram minoria no local e o comum passou a ser os costumes apregoados pelo beato no cotidiano da cidade. A inferioridade numérica dos baianos estimulou ainda mais a rejeição por parte de muitos dos antigos moradores. Sentimento refletido em diversos desentendimentos e manifestações que agravavam o clima de rejeição.

A única fonte de água passara a ser repartida com os romeiros, gerando discussões e ofensas, como lembrou a romeira Maria Anunciada Santos:

*“Quando nós íamos buscar água lá na fonte eles diziam: - Esses filhos da peste vem lá da casa da peste pegar água na nossa fonte. Vão para a casa da peste, seus filhos da peste!”<sup>106</sup>*

Durante todo o período em que Pedro Batista esteve em Santa Brígida, de 1945 a 1967, sempre chegavam romeiros de mudança para a cidade. A mudança não representou nenhuma mudança climática para as pessoas. A seca era a mesma que castigava a maioria das cidades do sertão do nordeste do Brasil. Talvez, por isso, muitos desistiram de morar em Santa Brígida e voltaram para suas antigas cidades.

A expectativa de que a vida fosse de fartura graças à presença de Pedro Batista logo se desfez com os freqüentes períodos de estiagem. Pedro Batista, por sua vez,

---

<sup>105</sup> José Bezerra Lima. Entrevista concedida em 13 de dezembro de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>106</sup> Maria Anunciada Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.



sempre alertou aos que chegavam, com a intenção de morar, para as dificuldades que iriam enfrentar.

José Ricardo dos Santos, que viera de Água Branca, Estado de Alagoas, trazendo sua esposa para ser curada de acessos de loucura e decidido a morar em Santa Brígida, lembrou assim das palavras de Pedro Batista:

*“Aqui é um lugar de sofrimento, a gente sofre. Se você trazer um saco de dinheiro, traga um saco de paciência.”<sup>107</sup>*

Os poderes que atribuíam ou esperavam encontrar em Pedro Batista eram bem superiores aos que ele mesmo acreditava ter. Somente permaneceram juntos ao beato aqueles que entenderam que o cumprimento da sua missão dependeria do esforço de cada um. Uma conjunção de esforços físicos e espirituais na luta pela sobrevivência e pela salvação.

## 2.4 O SUBSTITUTO DE PADRE CÍCERO

“Meu padrinho para os romeiros sempre foi um bom pastor. Como nosso Padrinho Cícero, ele sempre imitou. Até na sua doença tinha tanta paciência no meio do pecador.”<sup>108</sup>

Tal como Padre Cícero, Pedro Batista foi criticado pela hierarquia da Igreja Católica, mas adorado pelo romeiros. Muitos dos romeiros de Pedro Batista também eram romeiros de Padre Cícero e estavam necessitados de alguém que ministrasse palavras que dessem sentido à vida e bênçãos que trouxessem paz e saúde.

A ausência de Padre Cícero motivou as romarias a Pedro Batista. Rosália França conta como fora a vinda de sua mãe a Santa Brígida:

---

<sup>107</sup> José Ricardo dos Santos. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>108</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

*“Minha mãe era romeira de Padre Cícero. Com sua morte ela foi caminhando e procurando um adepto que merecesse a sua fé e, em 1963, nós viemos atrás de Pedro Batista.”<sup>109</sup>*

Dona Bilú, romeira que escrevia cartas a pedido de Pedro Batista, também via correlação entre eles:

*“Em Alagoas eu trabalhava na roça e já era viúva. Deixei meus terrenos com parentes e vim atrás dele porque era uma pessoa boa e temente a Deus. Igual a ele só meu padrinho Padre Cícero.”<sup>110</sup>*

Já o romeiro João Alves Barbosa considerava os dois movimentos idênticos:

*“Esse grupo de romaria daqui era o mesmo grupo de romaria de Juazeiro do meu padrinho Cícero. A mesma romaria, rezando no povo, curando o povo, fazendo benefício e fazendo caridade. Não queria romeiro desonrador, nem romeiro desacreditador, nem romeiro matar ninguém.”<sup>111</sup>*

Havia, inclusive, entre os romeiros aqueles que acreditavam que Padre Cícero teria incorporado em Pedro Batista. Apolinário Neto, comentando a semelhança entre eles, lembra:

*“Pedro Batista tinha um modo muito aproximado a Deus e queria que o povo andasse igual. Ele ocupava o lugar de Padre Cícero e muitos pensavam que era o próprio.”<sup>112</sup>*

O romeiro Manoel Pedro, ironizando acerca da semelhança entre os dois pregadores, disse:

*“A diferença que eu achava era só o nome e o tamanho porque o meu padrinho Cícero era mais baixo, mas a palavra que meu padrinho Cícero dava e os conselhos eu achei quase a mesma história, no meu pensar né, é quase a mesma história.”<sup>113</sup>*

O mestre Zezé conta que Padre Cícero recebera a ordem de Jesus Cristo para deixar Juazeiro do Norte e habitar numa terra para viver da lavoura plantando milho,

---

<sup>109</sup> Rosália Rodrigues França. Entrevista concedida em 10 de Janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>110</sup> D. Bilú. Entrevista concedida em 15 de Janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>111</sup> João Alves Barbosa. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>112</sup> Apolinário Neto. Entrevista concedida em 20 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>113</sup> Manoel Pedro. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

feijão, mandioca e algodão. Esta terra era Santa Brígida. Segundo José Bezerra, Pedro Batista recebeu o espírito do Padre Cícero em seu corpo:

*“Ele o recebeu no corpo dele. Quem falava na boca dele era meu padrinho Cícero de Juazeiro e não era outro não. Quem falava na boca de meu padrinho Pedro Batista era meu padrinho Cícero, o espírito do meu padrinho Cícero. Era o mesmo deus, era o mesmo Manoel Messias”<sup>114</sup>*

As semelhanças entre Padre Cícero e Pedro Batista eram muitas. Ambos afirmavam terem tido uma revelação de Deus que impulsionara as suas vidas para o trabalho de pastorear um rebanho de fiéis. Ambos construíram uma cidade e após se tornarem influentes, foram cortejados pelos políticos. Tiveram propriedades rurais e utilizaram os romeiros em suas propriedades e nas de alguns coronéis. Os donativos e a renda das propriedades eram revertidos integralmente em benefício da comunidade.

---

<sup>114</sup> José Bezerra Delgado. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.



*Pedro Batista preencheu um vazio deixado por Padre Cícero que também é adorado em Santa Brígida.*

No assentamento dos romeiros, ambos os orientavam a arrendarem terras junto aos coronéis do lugar, garantindo lucro para estes e trabalho para aqueles. O rosário usado pelos romeiros de Padre Cícero era comum a todos os romeiros de Pedro Batista. Enfim, Santa Brígida e Juazeiro foram cidades de culto e residência de um homem considerado como santo pelo seu povo.

## 2.5 AS CURAS

“Ensinou as penitências,  
ensinou a trabalhar.  
- Rezem de noite e de dia  
por todo lugar que andar.  
Nossos dias estão findados  
e o nosso Deus amado  
não tarda vem nos julgar.”<sup>115</sup>

Desde os tempos das peregrinações, Pedro Batista demonstrava ter poderes extraordinários. Suas orações curavam e suas palavras abençoavam. Habilidades confirmadas pelo referendo de centenas de famílias que reconheciam a capacidade do beato.

O romeiro Geraldo Domingos Neto, lembrando do tempo em que Pedro Batista peregrinava em Pernambuco, disse:

*“Eu vi Pedro Batista passando e curando gente. Ele curava água com reza e dava para os doentes. Eu vi verdade nele. Esse homem fazia benefício, rezava na pessoa e ficava bom. O cabra chegava meio desmantelado e ele dava um conselho, se o cabra seguisse se dava bem.”*<sup>116</sup>

As curas realizadas por Pedro Batista chamavam a atenção dos moradores nos locais por onde ele peregrinara. Como disse Alberto Quintana em relação à qualidade de bondade inerente àqueles que praticam atividades de benzedeiros,

*“a bondade funciona como um pólo do sagrado que, por si só, mantém afastado o seu pólo oposto: a maldade. Assim, essa aura de bondade se transforma num dos seus elementos terapêuticos, pois é também sua bondade que afasta as forças do mal.”*<sup>117</sup>

Uma terapêutica básica utilizada por Pedro Batista consistia em encher garrafas de água e orar sobre elas para servir de remédio para todo tipo de mal. A água “curada”, como era conhecida, poderia ser ingerida ou colocada sobre qualquer parte do corpo

---

<sup>115</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>116</sup> Geraldo Domingos Neto. Entrevista concedida em 10 de março de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>117</sup> QUINTANA, 1999, p 176-177.

com aparente enfermidade. Era um produto desejado pelos romeiros e que nunca faltava em suas casas.

Antonio Manuel de Araújo foi uma das pessoas beneficiadas pelas rezas e pela água “curada” de Pedro Batista:

*“Às vezes quando eu saía pros matos, minha mãe pedia que eu voltasse logo. Mas às vezes eu caía pelos matos, só vinha para casa quando melhorava. Ficava prostrado lá no mato me acabando. Só depois que eu cheguei em Santa Brígida, graças a Deus, foi onde eu arranjei minha saúde. Deu-me muito remédio e passou umas curas para mim. Curava, benzia a água e eu tomava muito da água benta por ele e fiquei bom graças a Deus.”<sup>118</sup>*

Pedro Batista não cobrava pelas orações ou prescrições que fazia, apesar de aceitar os presentes que lhe eram oferecidos. A sua crescente fama aumentava o número de pessoas que procuravam-no esperançosas da cura de suas enfermidades. Raimunda Alves dos Santos foi uma das pessoas que precisavam de cura, nunca tinha visto Pedro Batista, mas, curiosa com a história da presença de um beato em Santa Brígida, veio visitá-lo. Informou ela:

*“Eu vim a passeio, cheguei aqui me agradei da religião por causa da companhia da madrinha Dodô. Eu tinha uns 20 anos. Tinha assim, um problema assim... Que nem eu fiquei meio desorientada da cabeça, num sabe?”<sup>119</sup>*

Devido aos problemas “da cabeça”, como dizia Raimunda, Pedro Batista a recebeu em sua casa e cuidou dela junto com a madrinha Dodô. Apesar de ter vindo sozinha, seus pais vieram visitá-la algumas vezes, na esperança de encontrá-la curada, mas Pedro Batista não consentia que a levassem. Um diálogo de seus pais com Pedro Batista foi assim lembrado por Raimunda:

*“-Meu padrinho a menina já tá.boa? Eu quero levar ela, ela já tá boa?’ Ele disse: ‘Não, leve pela sua conta, pela minha não que ela não tá boa’.”<sup>120</sup>*

Raimunda continua vivendo na casa de Pedro Batista. Essa passou a ser a sua única residência. Local onde ela conseguiu encontrar um equilíbrio contra os problemas

---

<sup>118</sup> Antonio Manuel de Araújo. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>119</sup> Raimunda Alves dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>120</sup> Raimunda Alves dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

que a afetava. Mesmo sem a presença física do beato, Raimunda acredita estar sendo abençoada pelo padrinho.

Com a falta de assistência médica no interior do nordeste brasileiro, os benzedores e beatos eram opções para a população. Pedro Batista também utilizava métodos não espirituais para resolver problemas “da cabeça”. Havia um “tronco de botar doido” ao qual ele amarrava pessoas que chegavam apresentando sinais de excessivo descontrole e violência. Raimunda Alves dos Santos relembra dos episódios:

*“Chegava, às vezes, doido assim, de pular muro. Tirava as vestes, aí tinha um tronco, que só era mandar botar o pé; colocava o cadeado, quando pensava que não, eles ficavam bons e iam embora.”<sup>121</sup>*

A sabedoria e o poder oculto de Pedro Batista transmitiam segurança aos que acorriam a ele. Esse poder oculto foi testemunhado por figuras importantes da sociedade local. Zenor Pereira Teixeira, prefeito em Santa Brígida por três mandatos e funcionário do INCRA no núcleo colonial do Km 40, relatou assim um acontecimento que presenciou:

*“Nós vínhamos no carro, no jipão, e eu presenciei uma mulher completamente louca se aproximar do carro onde estava seu Pedro e ele colocou a mão na cabeça da mulher e em poucos minutos ela voltou à normalidade.”<sup>122</sup>*

João Gonçalves Carvalho Sá, filho do Coronel João Sá e liderança política da região de Jeremoabo após a morte do pai, comentou sobre a personalidade marcante de Pedro Batista:

*“Era um homem fora de certas coisas, levava uma vida retraída, falava pouco, quase não ria e parecia ser dominado por uma força oculta. E conseguia dominar aquela gente toda que vivia em torno dele.”<sup>123</sup>*

Geraldo Portela, filho de José Alves Portela, administrador do núcleo colonial, também trabalhou vários anos na região como funcionário do INCRA e relembra de Pedro Batista:

---

<sup>121</sup> Raimunda Alves dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>122</sup> Zenor Pereira Teixeira. Entrevista concedida em 13 de setembro de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>123</sup> João Gonçalves Carvalho Sá. Entrevista concedida em 14 de outubro de 1995. Salvador/BA.

*“A imagem de Pedro Batista era assustadora. Pela figura dele: barba grande e chapéu. Era uma figura muito distante, parecia sobrenatural e na conversa era muito tranqüilo.”<sup>124</sup>*

Rosália Rodrigues França, prefeita em Santa Brígida de 1989 a 1992, relembra assim de um episódio com Pedro Batista:

*“Tinha um pessoal aqui de Inajá e sentaram e ficaram conversando com ele. Pedro Batista ficava olhando para as pessoas e especialmente para uma. Ele olhava para a pessoa, mas desviava o olhar quando a pessoa se voltava para ele. O povo se despedindo e ele calado. De repente ele se dirigiu para esta pessoa que ele tanto olhava e disse: se afaste da sombra desta criatura satanás. Quando ele disse assim, a mulher tomou um pulo e transformou tudo, assustando as pessoas. Pedro Batista pôs a mão sobre a cabeça da mulher e disse um bocado de coisa.”<sup>125</sup>*

Pedro Batista demonstrava ter autoridade espiritual e impressionava aos romeiros com as suas palavras e atitudes. A romeira Neuza Maria testemunhou a ação de Pedro Batista ante a chegada de um homem que aparentava estar doido:

*“Eu assisti aí ele fazer curas. Eu vi chegar gente amarrada. E ele dizer: tira! Solte as cordas que eu não tenho medo de satanás.”<sup>126</sup>*

As histórias de pessoas que chegavam amarradas e eram soltas na frente de Pedro Batista para serem libertas de “forças ocultas” foram contadas por diversos romeiros. Faz parte da memória coletiva acerca do movimento por ter sido internalizada pelos romeiros como a confirmação do caráter divino da missão de seu padrinho.

Pedro Batista não fazia o trabalho de cura sozinho. Ele também vislumbrava o poder de cura em outras pessoas e as nomeava para fazer o trabalho na comunidade: ficavam então elas conhecidas como rezadores de Pedro Batista. Por estarem autorizados pelo beato, tinham o seu papel de rezadores reconhecido também pela comunidade dos romeiros. Com isso, ele descentralizava as atividades inerentes a sua função e tinha mais tempo para cumprir os papéis de administrador e político.

---

<sup>124</sup> Geraldo Portela. Entrevista concedida em 11 de fevereiro de 1996. Salvador/BA.

<sup>125</sup> Rosália França Rodrigues. Entrevista concedida em 10 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>126</sup> Neuza Maria. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.



A falta de sentido da morte e da doença encontrava explicação na intervenção terapêutica ministrada por Pedro Batista e seus ajudantes credenciados. A cura e a salvação constituíram-se nos principais fatores que justificavam a migração dos romeiros para Santa Brígida.

O apelo do messias a estes fatores de agregação variou em função das circunstâncias que envolveram cada situação. Pedro Batista manteve neste aspecto a mesma moderação que o caracterizou no desempenho das atividades políticas e administrativas. Não promoveu expectativas em seu grupo de qualquer iminente fim de mundo e associou a salvação dos adeptos ao cumprimento da vontade de Deus, cuja instrução coube-lhe repassar.

A aceitação do movimento pela comunidade e autoridades civis locais garantiu um clima favorável a sua continuação, sendo desnecessário um apelo mais contundente para preparação ao iminente final de mundo como forma de agregação e fidelidade de seus adeptos.

## 2.6. SOLIDARIEDADE DA COMUNIDADE

“Recomendava ao romeiro:  
seja bem respeitador.  
Seja honrado e bom,  
honesto e trabalhador.  
Façam boas romarias  
que eu quero entregar um dia  
nas mãos de Nosso Senhor.”<sup>127</sup>

Como a comunidade dos romeiros de Pedro Batista era formada por famílias vindas de diversas cidades do nordeste, sem maiores ligações de parentesco, os laços de compadrio formados constituíram-se em importante fator de unidade do grupo. Lia Fukui<sup>128</sup> classificou os principais tipos de compadrios existentes em Santa Brígida em sacramentados, que obedeciam aos cânones da Igreja Católica, e folclóricos, celebrados durante a realização de festas religiosas.

---

<sup>127</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>128</sup> FUKUI, 1978.

Os compadrios sacramentados referiam-se aos conhecidos compadrios de batismo, de crisma ou de confirmação. O compadrio de batismo estabelecia uma relação de parentesco espiritual entre o casal escolhido pelos pais da criança para serem padrinhos e toda a sua família. O compadrio de crisma ou confirmação é definido pelo próprio jovem que escolhe a pessoa que considerará como padrinho. Ambas as cerimônias eram celebradas por padres.

Já os compadrios folclóricos eram denominados de compadrio de fogueira e compadrio de Sexta-Feira da Paixão. Em todos os tipos de compadrio, a relação formada implicava uma ligação respeitosa, onde todos estavam conscientes da obrigação de prestar auxílio mútuo.

Os compadrios de Sexta-Feira da Paixão eram formados na data comemorativa por meio da troca de um ramo de flor ou de um presente. Até hoje, em toda Sexta-Feira da Paixão, os laços de compadrio são confirmados em Santa Brígida, quando as pessoas vão na casa uns dos outros em busca de um prato de comida conhecido como “jejum”.

Os compadrios de fogueira são selados durante a realização dos festejos juninos. Estes festejos cumpriam importante papel no fortalecimento dos laços de solidariedade do grupo. Era época propícia para confirmação de novos vínculos de amizade e respeito que foram se consolidando ao longo do ano.

Nos compadrios de fogueira, os interessados davam as mãos e juntos pulavam uma fogueira cantando os seguintes versos, quando era, então, estabelecida a relação de consideração e respeito:

“São João dormiu  
São Pedro acordou  
Vamos ser compadres  
Que São João mandou”

ou, ainda,

“Juro por São João e por São Pedro  
Por todos os santos da corte do céu  
Sirva Deus por testemunha como você é meu afilhado  
e a senhora minha madrinha.”<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> FUKUI, 1978, p 351 e 352.

Os participantes dos compadrios de fogueira são considerados como integrantes de uma mesma família, sendo proibida uma ligação posterior de casamento.

Várias associações de assistência mútua foram criadas, separando os romeiros para a realização de trabalhos em auxílio à comunidade. As principais associações criadas eram denominadas de Irmandade de São Vicente, Beatinas e Irmandade da Boa Morte.

A Irmandade de São Vicente era formada pelos romeiros mais abastados e tinha como objetivo arrecadar dinheiro para financiar as atividades de ajuda humana comandada por D. Dodô.

As Beatinas era um grupo de viúvas e solteiras comandadas por D. Dodô que possuíam independência econômica. Davam assistência humanitária aos doentes, loucos e velhos alojados em casas mantidas pela Irmandade de São Vicente, oriundos, muitas vezes de localidades vizinhas. Trabalho de grande importância social visto que os hospitais mais próximos localizavam-se em Paulo Afonso e Jeremoabo, cerca de cinquenta quilômetros de Santa Brígida.

A Irmandade da Boa Morte também era comandada por D. Dodô e cuidava dos defuntos e das rezas que os acompanhavam desde o velório até o enterro. As atividades que caracterizavam os rituais praticados pela irmandade eram disponibilizadas, também, para os baianos, demonstrando a preocupação do grupo em prestar assistência cristã a toda a comunidade de Santa Brígida.

O empenho de D. Dodô em atender os mais necessitados extrapolava os limites de Santa Brígida, quando as condições financeiras permitiam. Muito ligada às romarias para Juazeiro do Norte, D. Dodô se preocupava também em ajudar grupos de necessitados daquela localidade, que ela conhecia bem de perto.

O jornal “Tribuna de Juazeiro”, ante a chegada de um grande carregamento de alimentos doados pelos romeiros de Santa Brígida, registrou assim o fato:

*“Fato excepcional e digno de nossos elogios aconteceu a semana passada aqui. Um caminhão cheio de alimentos (sacos de arroz, feijão, açúcar, sal, leite, e mais de 100 quilos de carne de gado) chegou ao Abrigo dos Velhos mantidos pelo SAM. O carro veio da Bahia, mais precisamente de Santa Brígida; foi mandado pela generosa Senhora Maria das Dores dos Santos, romeira de Padre Cícero. É que a referida senhora, quando aqui esteve por ocasião da festa da Padroeira, visitando o abrigo do SAM, condeu-se dos seus hóspedes e prometeu mandar o mais breve possível um carregamento de alimentos num*

*caminhão. Isto ela disse ao jornalista Walter Barbosa, presidente da Sociedade de Amparo aos Mendigos (SAM). Dona das Dores é senhora idosa, sexagenária, humilde, católica e de coração generosíssimo. Sendo bastante conhecida e admirada no sertão de Santa Brígida, não teve dificuldades em conseguir junto aos romeiros do “Padim Ciço”, ali residentes, toda espécie de mantimento indispensáveis ao sustento diário daqueles pobres velhos que moram no abrigo de Juazeiro.”<sup>130</sup>*

A integração da comunidade dos romeiros e a prosperidade econômica do movimento propiciaram a formação de grupos folclóricos que expressavam traços da cultura religiosa dos nordestinos. Vários movimentos foram criados, mas a dança de São Gonçalo era a expressão mais marcante e admirada pelos romeiros. Baseada em versão contada por D. Dodô, Maria Isaura escreveu que

*“São Gonçalo fora encarregado de salvar as mulheres perdidas. Para tal, fazia-as dançar de dia, tanto e tanto que quando a noite chegava estavam cansadas demais para exercer seu mister.”<sup>131</sup>*

São Gonçalo nasceu em 1187 na Freguesia do Divino Salvador de Tagilde, na margem direita do rio Vizeta na Península Ibérica. Sendo músico e cantor, utilizou a música e a dança como forma de atrair a atenção das pessoas para executar a sua missão de evangelizador. No folclore português, São Gonçalo é apresentado como santo “casamenteiro das velhas”, isto é, mulheres acima de 30 anos. Morreu em 10 de janeiro de 1259 e foi beatificado em 16 de setembro de 1561.<sup>132</sup>

Registrado pela primeira vez no Brasil no século XVIII, teve sua apresentação proibida no interior da igreja, mas liberada para fora. A dança consta de jornadas, série de versos cantados sem interrupção. Os versos são quadras decoradas e alguns improvisos, mas sempre relacionados com o culto.

Santo muito reverenciado no nordeste do Brasil<sup>133</sup>, São Gonçalo manteve seu espaço na comunidade de Pedro Batista. A dança de São Gonçalo obteve em Santa Brígida forma de execução diferente das executadas em outras regiões do país, mas

---

<sup>130</sup> Tribuna de Juazeiro, Juazeiro/CE, 23 de outubro de 1966.

<sup>131</sup> QUEIRÓZ, 1998, pág 29

<sup>132</sup> MOREIRA, 1987.

<sup>133</sup> FERNANDES, 1982.

considerada pelos romeiros como a verdadeira e regenerada maneira de dançar<sup>134</sup>. Foi trazida para a comunidade por um baiano chamado Elísio Barbosa, após receber a permissão de Pedro Batista para ensinar a dança aos romeiros. De acordo com Maria Isaura, na comunidade dos romeiros,

*“a dança é executada por doze mulheres, as dançadeiras, divididas em duas colunas de seis, e por quatro homens, os tocadores, com seus instrumentos, que são: uma rabeca de quatro cordas, uma viola de cinco cordas, um pandeiro e um adufo. A dança se compõe de sete figuras chamadas “voltas” ou “partes”, intercaladas de uma figura que sempre se repete como um estribilho, denominada “coluna”. A reunião de sete voltas e das colunas de que estão entremeadas formam uma “roda”; nove ou doze rodas formam uma “jornada”; dez jornadas formam um folguedo.”*<sup>135</sup>

José Manoel da Silva, conhecido como “Zé do O” e herdeiro do grupo de dança criado por mestre Elísio, continua atendendo muitos pedidos para realizar a dança:

*“Os pedidos do trabalho aqui são espirituais. Faz o pessoal que faz aquelas promessas e aí diz: eu quero São Gonçalo em minha casa hoje! E a gente reúne e vai fazer a dança de São Gonçalo.”*<sup>136</sup>

A dança de São Gonçalo constituiu-se em importante manifestação cultural e símbolo da unidade e harmonia da comunidade dos romeiros, sendo constantemente requisitado por aqueles que faziam promessas ou buscavam encontrar um casamento. O próprio Pedro Batista sempre solicitava a apresentação de grupos de dança de São Gonçalo quando havia a presença de visitantes importantes ou a comemoração de datas festivas.

Todas essas atividades foram necessárias para reforçar os laços de amizade entre os integrantes do movimento. O povo reunido em torno de Pedro Batista tinha que se

---

<sup>134</sup> Este é um dos hinos a São Gonçalo, cantado na Paróquia de São Gonçalo, na cidade do Salvador/Ba. Hino de São Gonçalo/Neste mundo erizado de espinhos/Que nos cortam a alma de dores/Derramais lá no Céu os carinhos/Que transmudam espinhos em flores/Dai-lhe fé, vida, amor, sangue novo/Dai-lhe bênçãos de Nosso Senhor/São Gonçalo guiai nosso povo/Para um mundo de paz e amor/ Ref; São Gonçalo, São Gonçalo/São Gonçalo guia este povo/São Gonçalo, São Gonçalo/De quem sois lá no céu protetor/2 – Se a dor nos ferir, meigo santo/Se surgir a cruel tentação/Ah, correi a enxugar-nos o manto/Vinde, vinde valer-nos então/Ensinai-nos a senda, o caminho/Que vos fez um dos santos maiores/Vem amar em qualquer pobrezinho/A imagem de Nosso Senhor/3 – São Gonçalo, guia lá na Glória/Protetor nesse formoso céu/Ah, não percas da tua memória/Este humilde rebanho que é teu/Fostes, mestre, no ensino e no lar/E modelo na fé e no amor/Alcancai-nos ó bom Padroeiro/Iguais graças de Nosso Senhor.

<sup>135</sup> QUEIRÓZ, 1998, p 43.

<sup>136</sup> José Manuel da Silva. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

tratar como irmãos, valorizando a prática de atos de solidariedade. O caráter divino do movimento, apregoadado pelos romeiros, implicava numa demonstração de que a comunidade efetivamente andava em novidade de vida.

## CAPÍTULO III

### OS ROMEIROS EM SANTA BRÍGIDA

*“Ele pregava o conselho  
e adotou a penitência.  
Pedindo a todas donzelas  
que guardem a conveniência.  
Jesus vem se apresentar.  
Grande alegria terá  
quem tiver sua inocência.”<sup>137</sup>*

A presença de Pedro Batista não transformou Santa Brígida num oásis do sertão. Longos períodos de estiagem traziam grandes dificuldades de sobrevivência e muitos seguidores desistiram de viver na companhia do beato ante a dificuldade de extrair produção agropecuária naquele lugar. O pai de Odálio Ribeiro José foi um dos que desistiram de viver em Santa Brígida, conforme lembra o filho:

*“quando ele chegou aqui foi um grande fazendeiro...Ele pegou três anos de seca, aí nós fomos embora para o Maranhão.”<sup>138</sup>*

O próprio Pedro Batista, como já dito, fazia questão de alertar as pessoas que vinham com a intenção de morar na cidade para as dificuldades que iriam enfrentar. Maria Anunciada dos Santos lembra do aviso que recebera quando decidira morar com sua família em Santa Brígida:

*“Você tá lá em seu lugar bom, quer vir pra aqui? Você tem coragem de sofrer aqui?”<sup>139</sup>*

As dificuldades naturais do local eram compensadas com a presença de Pedro Batista. A possibilidade de vê-lo todos os dias, de pegar na mão e tomar a bênção, de beijá-lo e de cumprir as suas ordens, como um bom servo, trazia um novo sentido às vidas dos romeiros que eles não tinham em suas antigas moradas.

A dificuldade em manter párocos que ministrasse uma palavra de fé ou uma orientação para o trabalho era motivo de desalento entre os fiéis nas diversas localidades

---

<sup>137</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>138</sup> Odálio Ribeiro José. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>139</sup> Maria Anunciada dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

do sertão nordestino. Em conseqüência, observava-se uma gradativa perda dos valores morais que deveriam caracterizar uma sociedade cristã.

A determinação de padrões de comportamento a serem seguidos pelos romeiros tornava o lugar mais atraente para aqueles que queriam viver tranqüilos. Os romeiros não dançavam sensualmente, não jogavam, não brigavam, não fumavam, não bebiam e não roubavam. Mesmo a dança de São Gonçalo era realizada apenas na sua parte sagrada, sendo banida o lado profano.

Viver em uma sociedade em que havia respeito entre os seus moradores era considerado, por muitos romeiros, como um verdadeiro milagre. Para muitos, dentre as curas que Pedro Batista ministrara em Santa Brígida, a principal era a da regeneração dos padrões morais da comunidade.

Conviver num grupo comandado por alguém que tinha uma missão divina a cumprir era uma oportunidade de estar em um lugar abençoado e com a esperança de paz e prosperidade. A autoridade de Pedro Batista, reconhecida pelos romeiros, permitiu que ele impusesse as regras que deviam ser cumpridas pelos que optaram por segui-lo.

Assim, o roubo, a mentira, o homicídio e a prostituição deviam estar abolidos da comunidade. O resultado disto foi que pessoas que outrora viviam com práticas moralmente condenadas passaram a refletir comportamentos totalmente distintos e condizentes com a nova proposta de vida por que optavam. Qualquer deslize era prontamente apontado pelos integrantes do movimento. Havia, pois, um eficiente aparelho repressor ao descumprimento das normas.

O compromisso de cada romeiro com as regras estabelecidas, fortaleceu o elo entre todos, criando um clima de irmandade no grupo. As regras comportamentais sugeridas por Pedro Batista consistiam em dogmas a serem observados pelos integrantes de sua comunidade. Não havia possibilidade de questionamento de seus ensinamentos ou práticas terapêuticas. Os romeiros compreendiam que o seu líder era alguém especial por ter influência sobre as forças sagradas.

O respeito pelo padrinho Pedro Batista impelia os romeiros a buscarem um comportamento que os tornasse irrepreensíveis, até mesmo para confrontá-los com a pequena e “imoral” comunidade dos baianos que já moravam no local antes da chegada do beato, dados a festas e confusões. Entretanto, no “paraíso” da comunidade dos romeiros, também existiram conflitos.

Certa vez, dois romeiros discutiram por causa de limites de terras e terminaram em agressões a golpes de cacete. A intervenção de Apolinário Neto, responsável pelo



assentamento dos romeiros na Fazenda Gameleira e, posteriormente, contratado pelo governo federal como capataz rural na colônia agrícola que viria a ser construída nessa fazenda, diante da investida de um dos romeiros com uma peixeira, impediu a ocorrência de conseqüências piores, conforme relatou:

*“Quando eu vi ele saltando na peixeira, eu saltei e segurei ele. - De faca não, brigar de faca não. Se você tivesse com um cacetinho eu ia deixar você bater mais um pouco, mas não tem.”<sup>140</sup>*

Estas ocorrências foram raramente registradas dentro da comunidade dos romeiros e dificilmente constavam em boletins policiais, pois a delegacia era composta apenas pelo subdelegado. A perda maior para um romeiro não seria por uma punição que viesse por intermédio da Justiça, mas uma que implicasse na saída da comunidade. Não existia, segundo os seguidores de Pedro Batista, outra comunidade como aquela, onde as pessoas se sentiam protegidas por Deus graças à presença do seu enviado.

Todos as noites ocorriam penitências na igreja dos romeiros ou na Serra do Galeão. As penitências consistiam em rezar o rosário em pé ou de joelhos. Quando a penitência subia a serra, havia também cruzeiros para carregar. Cada um levava um pouco. Homens e mulheres participavam rezando terços e carregando cruzeiros para as penitências na serra, conhecida como Monte Santo das Oliveiras.

Pedro Batista construíra inclusive capelas que formaram as catorze estações de parada para rezas. Conforme compreensão de Cândido da Costa e Silva, fixar cruzeiros era a materialização da mística missionária. Para ele,

*“nas teologias da redenção que predominaram na pregação e catequese, durante séculos, a Cruz não representa o evento histórico da morte de Jesus, mas é o símbolo do caráter doloroso de qualquer reconciliação com Deus.”<sup>141</sup>*

A Igreja difundira a idéia de que era preciso realizar penitências para se alcançar a salvação. Exemplos de santos da Igreja que fizeram penitências durante suas vidas eram freqüentemente lembrados como estímulo à continuação dessas práticas pelos cristãos.

As construções, entretanto, provocaram problemas no relacionamento dos romeiros com os baianos. As romarias pela serra estavam espantando os bodes que costumeiramente circulavam naquele lugar. Muitas estações foram destruídas na tentativa de acabar com as penitências. Todavia, Pedro Batista tinha a cobertura dos

---

<sup>140</sup> Apolinário Neto. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>141</sup> SILVA, 1982, p. 41.

principais coronéis do lugar. João Alves Barbosa acompanhara Pedro Batista no pedido de ajuda ao Coronel João Maria e resumiu assim o desfecho do caso:

*“Meu padrinho foi a João Maria e disse: ‘João Maria, eu tenho essas terras aí e tenho estações aí e os baianos bagunçaram. Quebraram as cruzinhas de ferro. Deram fim.’ Ele disse: ‘Seu Pedro pode botar suas estações, pode fazer seu Monte Santo das Oliveiras que eu quero ver o bom que vai bagunçar’. Foi o mesmo que pegar uma pedra e por em cima, ele reformou as estações e aí ninguém buliu mais.”<sup>142</sup>*

A chegada dos romeiros foi importante para o desenvolvimento de atividades agropecuárias nas terras dos baianos. Pequenas faixas de terra improdutivas foram arrendadas para os romeiros, cuja maioria eram agricultores acostumados à dificuldade de extrair produção em regiões áridas. Uns arrendavam para receber parte da produção, outros arrendavam por um valor fixo.<sup>143</sup>

Os romeiros de Pedro Batista tornaram Santa Brígida um lugar com boa produção agropecuária. Os agricultores recém-chegados assumiram papel de importância na estruturação da nova sociedade de Santa Brígida. Não havia outra forma de extrair riqueza na região senão pelo trabalho na terra. A maioria era de agricultores e continuaram com suas atividades após a mudança para Santa Brígida. Havia muitas terras, poucos donos e poucos trabalhadores.

A chegada dos agricultores representou a formação de uma base necessária para o desenvolvimento de atividades agropecuárias e, conseqüentemente, da própria região. Graças à relação de dependência econômica entre os proprietários locais e os agricultores, romeiros de Pedro Batista, foi permitida a formação de uma comunidade religiosa separada da população dos baianos.

As atividades agrárias eram desempenhadas independentemente do sexo, conforme constatou Lia Fukui:

*“homem e mulher desempenham atividades complementares que podem ser evidenciadas pela mútua responsabilidade nas atividades de roça. Marido e mulher desempenham as mais diversas tarefas em relação ao cultivo de plantas, sem haver distinção de trabalho entre os sexos. Trabalham juntos, lado a lado, fazendo as mesmas coisas, em estreita colaboração. É comum a mulher assumir toda responsabilidade da lavoura na ausência do marido; quando necessário, contrata e paga assalariados, determina os mais diversos trabalhos a serem feitos na propriedade. Não há, pois, preponderância nítida do homem sobre a*

---

<sup>142</sup> João Alves Barbosa. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>143</sup> Devido à ocorrência de grandes períodos de estiagem, era mais comum que o pagamento dos arrendamentos estivessem vinculados à produção.

*mulher no trabalho: ambos desenvolvem tarefas complementares, formando o casal o núcleo de base da célula doméstica.*"<sup>144</sup>

Apesar de homem e mulher realizarem os mesmos tipos de tarefas na lavoura, havia a distinção quanto à produtividade de cada um. Por terem produtividade maior, os homens recebiam o dobro do valor que as mulheres recebiam. O caderno de despesas da Fazenda Santo Amaro demonstra esta diferenciação:<sup>145</sup>

Folha  
Santo Amaro 27 de Agosto de 1962

		Diaria mulher		
Regina Espiriana	c c c c c	100	500 00	
Maria Sacramento	c c c c c	100	400 00	
Maria Sardoures	c c c c c	100	300 00	
Elvira	c c c c c	100	300 00	
Bela Brega	c c c c c c	100	500 00	
Maria Brega	c c c c c c	100	300 00	
João Filipe	c c c c c c	100	500 00	
Maria São Pedro	c c c c c c	100	500 00	
Luiza	c c c c c c	100	300 00	
Maria Moura	c c c c c c	100	500 00	
Benimunda	c c c c c c	100	500 00	
Carmelita	c c c c c c	150	750 00	
Lúcia	c c c c c c	100	400 00	
Diomedes	c c c c c c	100	400 00	
Poliana	c c c c c c	100	400 00	
Medina Louca	c c c c c c	100	500 00	
Maria Louca	c c c c c c	100	500 00	
			7250 00	
		Diaria homem		
João Pedro	c c c c c c	200	1000 00	
Francisco	c c c c c c	200	1000 00	
João Batista	c c c c c c	200	1000 00	
Pedro manaca	c c c c c	300	600 00	
João Figueira			1800 00	
João Hilário	4 queijo por	1090	1090 00	
			6790 00	
			13950 00	
			14740 00	

<sup>144</sup> FUKUI, 1978, p. 364.

<sup>145</sup> Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.

Também não havia igualdade entre homens e mulheres quando o assunto era migrar para outras localidades em busca de trabalho. Geralmente os homens se aventuravam mais do que as mulheres, deixando a cidade com um número de mulheres sempre maior do que do de homens. Esta peculiaridade confirmava o papel ideologicamente dominante do homem em relação à responsabilidade pelo sustento da família.

Toda decisão importante na vida do romeiro era levada ao conhecimento do padrinho. Fosse uma viagem, um negócio, uma disputa ou um casamento, tudo dependia do consentimento do beato. Manoel Martins de Souza lembra das consultas que fizera a seu padrinho:

*“Olhe, se eu quisesse fazer uma viagem, eu pedia permissão a ele. Se eu podia viajar ele dizia: pode viajar. Se eu quisesse fazer um negócio, eu pedia permissão a ele se eu podia fazer aquele negócio.”<sup>146</sup>*

Além de Pedro Batista, os romeiros contavam com o apoio espiritual de madrinha Dodô. Era como se fosse uma mãe de toda aquela gente. Quando havia qualquer problema na casa de um romeiro, ela intervinha pessoalmente. Era ela quem decidia o caminho a tomar. Se houvesse algum doente precisando de cuidados especiais, ela levava para sua casa. Madrinha Dodô era uma beata que merecia a confiança dos romeiros. Organizou várias associações de assistência mútua para prestar auxílio à comunidade.

Além disso, trabalhava nas fazendas de Pedro Batista e pegava na enxada junto com outros homens e mulheres. Era companheira. Graças a sua presença, mesmo depois da morte de Pedro Batista, continuaram chegando pessoas de mudança para Santa Brígida.

### **3.1 ADMINISTRANDO RECURSOS E INTERESSES POLÍTICOS**

“Uma grande propriedade  
fez doação ao Federal  
com todas declarações do estatuto geral.  
Pra dividir com a pobreza  
será a maior grandeza  
para todo o pessoal.”<sup>147</sup>

---

<sup>146</sup> Manoel Martins Souza. Entrevista concedida em 21 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>147</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

Não havia grande produção agrícola em Santa Brígida antes da chegada de Pedro Batista. Aliás, o sistema latifundiário brasileiro passava por uma crise que o tornava cada vez mais decadente. Conforme Alberto Passos,

*“implantado, originariamente, para prover o mercado externo e para servir aos interesses da colonização portuguesa; remodelado, posteriormente, para atender aos interesses e às exigências de outras potências colonizadoras, como fonte supridora dependente dos mercados mundiais, o sistema latifundiário brasileiro começou a perder sua principal base de sustentação e sua própria razão de ser histórica a partir do momento em que passou a decair sua importância no conjunto de nosso comércio de exportação.”*<sup>148</sup>

A perda de produtividade e de importância dos latifúndios eram ainda maiores em decorrência da falta de mão-de-obra, de estradas e de capital para investimentos na produção, indispensáveis para a concorrência com a nova propriedade rural capitalista que se consolidava no país e para que se suportassem as especulações dos compradores por preços mais baixos.

Para agravar o drama local, as brigas e lutas incessantes entre os moradores dividiam o povoado e impediam o trabalho coletivo. A presença de um povo unido sob o comando de um líder religioso, que teve capacidade de administrar os recursos existentes, contudo, mudou o quadro da produção agrícola em menos de dez anos, conforme notícia divulgada no jornal “O Estado da Bahia”:

*“Antes da chegada de Pedro Batista contava aquele arraial cerca de oitenta casas; hoje, graças ao velho Pedro Batista e aos seus romeiros, Santa Brígida conta com mais de trezentas casas. A área cultivada em toda a zona de Santa Brígida, que não excedia a duas mil tarefas, hoje conta nunca menos de doze mil. Para se ter uma idéia do progresso agrícola de Santa Brígida, depois da chegada do velho Pedro Batista, basta que se diga que a produção de farinha de mandioca, feijão e milho é superior ao consumo de todo o município de Jeremoabo.”*<sup>149</sup>

A mudança no quadro da produção agrícola da região revelava a sua dependência excessiva da mão-de-obra, reflexo da indisponibilidade de equipamentos e técnicas agrícolas modernas. Também revelava, porém, a influência positiva da pequena propriedade em relação ao aumento da produtividade. Os arrendamentos e as aquisições de terras feitas pelos romeiros que chegavam, além da contratação deles como

---

<sup>148</sup> GUIMARÃES, 1968, p. 165.

<sup>149</sup> O Estado da Bahia. Salvador/BA, 12 de julho de 1954.

empregados nas fazendas, aumentaram consideravelmente a área de cultivo em Santa Brígida.

A chegada de muitos romeiros sob o comando de Pedro Batista transformaram-no em importante cabo eleitoral local. Com o apoio do Coronel João Sá, principal líder político da região, Pedro Batista conseguiu arrendar e adquirir terras. Ele sabia da sua importância para a realização dos interesses políticos e econômicos do coronel e explorou a tutela do seu patrono político para conseguir o básico para a produção de alimentos: a terra.

Perseguido pelo poder público nas diversas cidades nordestinas por onde passou, Pedro Batista precisava encontrar apoio de uma autoridade local que dispusesse da posse de terra e que visse nele alguém que possibilitaria o fortalecimento de seu poder político e econômico.

Pedro Batista arrendou terras e contratou agricultores para trabalharem nelas. Os arrendamentos eram feitos por tarefa e a contratação de trabalhadores era feita em função da atividade específica a desempenhar. No trabalho de desmatamento, uns eram contratados para tirar madeira e outros para arrancarem os tocos. Em consequência, havia os grupos contratados para limpar a roça e para construção de cercas; enquanto outros, posteriormente, eram responsáveis pela plantação ou pela colheita de algum produto.

Os romeiros confiavam no sucesso das atividades comandadas por Pedro Batista. Era ele quem aconselhava os tipos de culturas que os romeiros deveriam plantar e os que trabalhavam em suas propriedades recebiam pagamento como trabalhadores comuns. Como a mão-de-obra era abundante, em tempos de chuva fora possível o planejamento de uma grande produção visando o estabelecimento de uma relação comercial com outras localidades. A comunidade dos romeiros possuía organização e liderança para programar as tarefas e cultivar produtos em larga escala.

Apesar das dificuldades existentes (falta de recursos, equipamentos, etc), o aumento da produção transformou Pedro Batista em um dos principais comerciantes da região. Ante a perspectiva de obter grandes safras, construiu armazéns e vasos para estocagem da produção, além de comprar um caminhão para comercializar os produtos fora de Santa Brígida.

Antonio Ribeiro dos Anjos, cujo pai fora convidado por Pedro Batista para abrir um comércio em Santa Brígida, ficou como responsável pelo armazém, comprando a produção de milho, feijão e algodão dos romeiros. O armazém funcionava como o caixa

dos negócios comandados por Pedro Batista. Por lá, eram pagas as despesas com materiais e trabalhadores relacionados com as fazendas e as construções de responsabilidade do beato. Além da compra e venda da produção local, por lá também se processava a distribuição das sementes utilizadas na produção agrícola.

O aumento da produção agropecuária e, conseqüentemente, o grande volume de negócios gerados obrigou Pedro Batista a obter, na Coletoria Estadual de Jeremoabo, a inscrição cadastral nº 9. O seu registro na Fazenda Estadual garantia agilidade nas operações comerciais, pois ele passou a ter talonário de Nota de Venda próprio, para preenchimento nas operações de saídas que realizava, conforme documento emitido em 1955 na venda de 1.500 quilos de algodão:<sup>150</sup>

---

<sup>150</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.





fazendas não passava de três mil cruzeiros, a Fazenda Gameleira estava avaliada em trinta mil cruzeiros, conforme documento fiscal referente ao exercício de 1954:<sup>151</sup>

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL - Bahia - Serviço Público Estadual  
 Secretariado de Fazenda  
 Departamento de Receita  
 Divisão de Arrecadação

SÉRIE "F"  
 Nº 893722

Territorial

**Coletoria de Jeremoabo**  
 Zona de Repartição Arrecadadora

C O D I F I C A Ç Ã O	TAR	IT	INCIDENCIA	
			Mora 954	Cr.\$ 144,00
			Fixa	Cr.\$ 10,00
			Ados	Cr.\$ 0,00
			Mora	Cr.\$ 15,00
			Imp. do solo	Cr.\$ 2,00
			TOTAL	Cr.\$ 172,00

Exercício de 1954  
 Número desta coleta..... ".122"  
 Número de Contribuinte.....  
 LANÇADO AS FOLHAS..... DO CAIXA GERAL N.....

O Sr. **Pedro Batista da Silva** endereço **Gameleira**  
 distrito de **Santa Brígida** município de **Jeremoabo**  
 pagou a quantia de **Cento e setenta e dois cruzeiros e trinta centavos**  
 provenientes de **Imposto sobre a renda, a razão de 0,6%, sobre \$24.000,00, valor tributável de sua prop. renda indicada, lançada no valor de \$30.00,00**

DATA 18 / 12 / 54

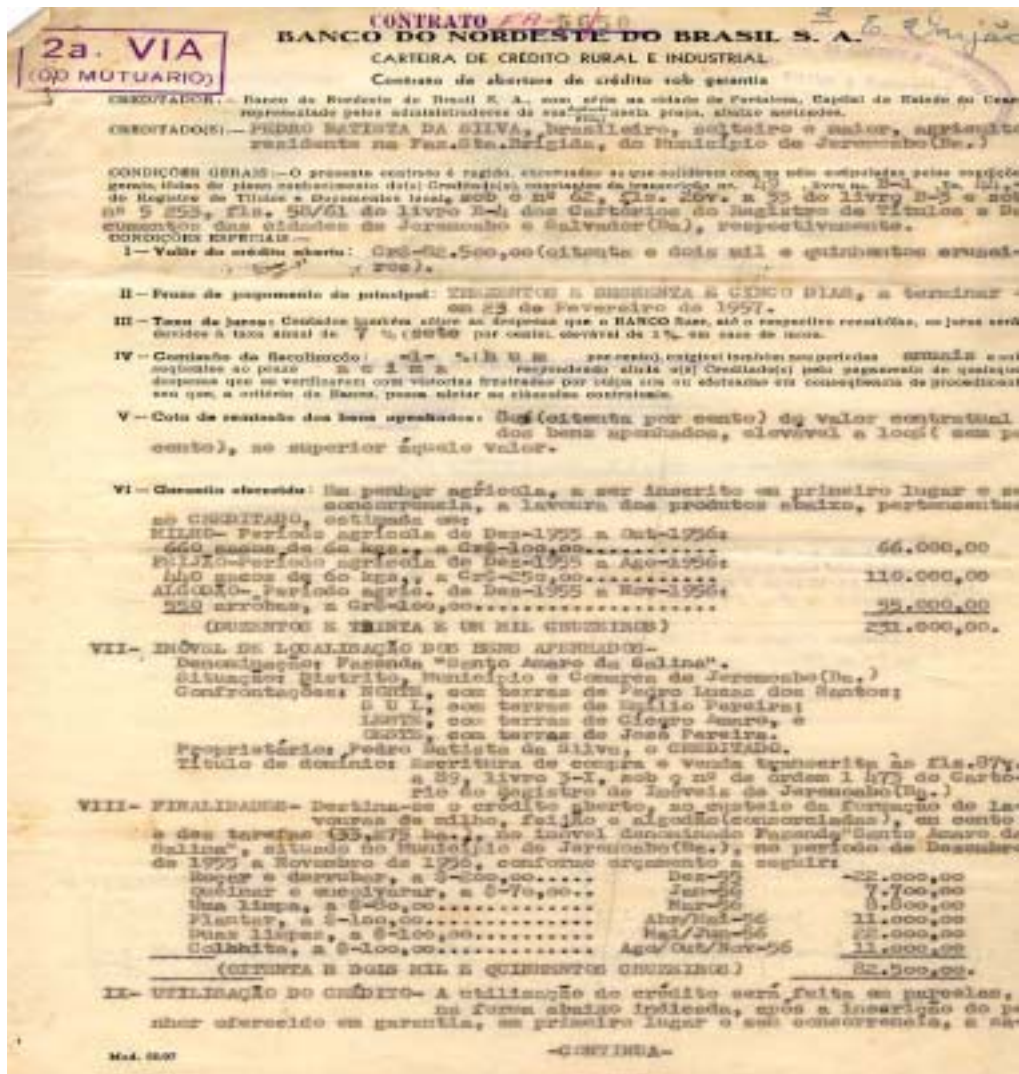
*Albuquerque* Escrivão      *Bacilae* Fiscal

Para que as terras de Pedro Batista pudessem produzir, era preciso dinheiro para adquirir equipamentos e sementes e para custear a mão-de-obra necessária para limpar a terra, plantar e colher. Pedro Batista recorreu muitas vezes a empréstimos bancários para financiamento de suas atividades agrícolas. Estes empréstimos se mostravam bastante interessantes, pois garantia trabalho para o seu povo e, em caso efetivo de safra, uma rentabilidade que garantiria outros investimentos na comunidade.

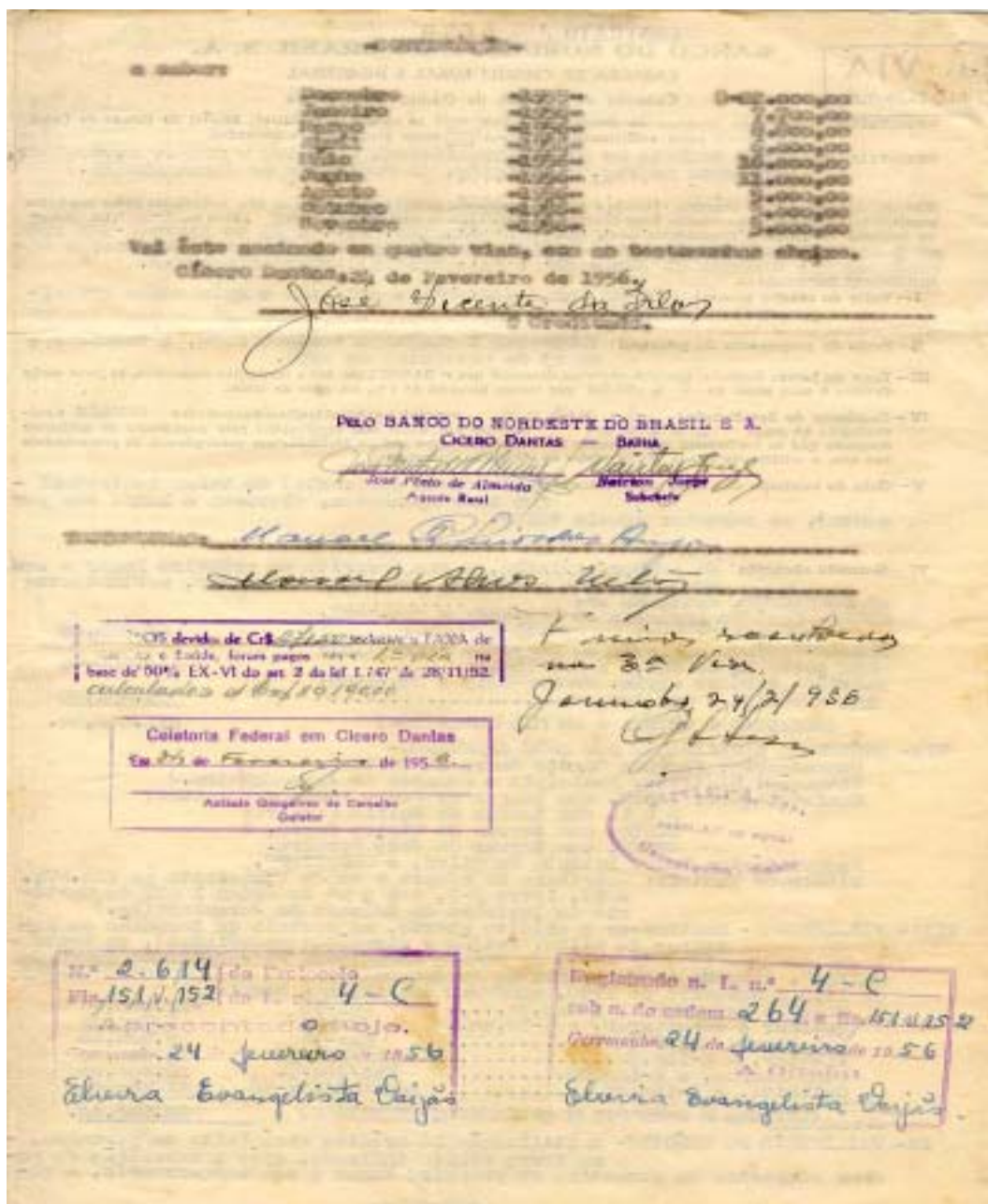
Para estimular o desenvolvimento econômico da região nordeste do país, o governo federal criou o Banco do Nordeste do Brasil - BNB. O BNB sempre teve como objetivo permitir aos agentes produtivos, acesso a uma capacitação técnica e financeira que viabilizasse a continuidade dos negócios. Pedro Batista esteve atento, também, para as alternativas do mercado financeiro e utilizou recursos do banco em projetos agropecuários por ele elaborados.

<sup>151</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.

Geralmente os contratos eram celebrados em penhor agrícola, impedindo a perda da propriedade em caso de não consumação da safra, como o celebrado na agência do Banco do Nordeste do Brasil S/A, no município de Cícero Dantas/BA.<sup>152</sup>



<sup>152</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.



Como não sabia ler nem escrever, Pedro Batista nomeou José Vicente como seu procurador para assinar contratos, notas promissórias e recibos. Era dele também a responsabilidade de administrar a Fazenda Santo Amaro das Salinas ou Ribeira do Batoque.

Além de comandar atividades agropecuárias, Pedro Batista projetou e construiu a nova Santa Brígida. A localização de sua casa serviu de referência para a construção de muitas outras casas. Financiou ele próprio a construção de estabelecimentos necessários à estruturação do local, como um hotel para abrigar a freqüente chegada de

visitantes, uma garagem para guardar objetos e veículos, uma igreja, um armazém, uma casa para abrigar os penitentes, uma pensão e uma cacimba.

As despesas geradas com as construções eram minuciosamente detalhadas e registradas em cadernos pelos responsáveis por cada obra. Os registros eram realizados semanalmente e refletiam os gastos decorrentes da produção de cada trabalhador e dos materiais empregados, conforme folha de pagamento da construção do hotel realizada em 1955:<sup>153</sup>

Folha de pagamento do Hotel

28-3-55

João Antonio	4 dias	a	6000	24000
Apelino Constantino	4 "	"	5000	20000
Elis Miguel	4 "	"	2500	10000
João Alexandrina	4 "	"	2500	10000
João Alves	3 "	"	2500	7500
3 botas rasas		"	1500	4500
15 Bracos de Corda		"	150	2250
Desenhos	4 "	"	1000	4000
Pratiga	" "	"	1000	4000
Manim de Oureas	51 Cargas a mi	"	3,50	177,50
4 milheiros de Tijolos				140,00
				<u>1130,00</u>

A maior fazenda de Pedro Batista era a Gameleira. Media aproximadamente 5.000 hectares e estava localizada no Km 40 da atual rodovia que liga Paulo Afonso a Jeremoabo e distante 12 km do centro urbano de Santa Brígida. A Fazenda Gameleira fora cedida por João Sá a Pedro Batista para os romeiros trabalharem, numa demonstração de que estava disposto a ser o patrono de toda aquela gente, potenciais eleitores e trabalhadores rurais.

A posterior venda da fazenda por um valor irrisório reforçava o sentimento de paternalismo que os coronéis, com satisfação, cultivavam. Apolinário Neto ficara

<sup>153</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.

responsável em assentar os romeiros na fazenda e cobrar o valor equivalente à terra ocupada para efeito de pagamento do valor cobrado pelo coronel. Ele lembra com detalhes como era feito o negócio:

*“Na fazenda Gameleira, quem tomava conta era eu. O pessoal que ia chegando, eu ia, botava lá, media as tarefas, uns queriam 20, outros 30, outros 10, outros queriam 5, outros 3, outros queriam 4. Eu ia medindo e botava no devido lugar; eu ia tomando minhas notas daquilo ali e no fim da colheita eu ia receber renda deles; para aquelas rendas eu tinha um talãozinho; eu destacava aquele talão, eu escrevia o valor da renda, o total, o meu nome, o nome do rendeiro e dava um comprovante a ele que ele tinha pagado e ficava com o talão para minha prestação.”<sup>154</sup>*

Apesar de pago, a venda da fazenda não fora registrada em cartório. Na época, a palavra do coronel era o bastante para se considerar o negócio fechado. Não cabia qualquer desconfiança quanto ao não cumprimento de um acordo assumido. Todavia, as desconfianças de fato existiram e podem ter motivado Pedro Batista a recorrer ao Governo Federal a fim de ceder a fazenda para criação de um núcleo colonial dentro de um programa governamental existente, de responsabilidade do Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), órgão que correspondia ao atual Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA. Este programa de reforma agrária estava inserido num conjunto de reformas de base em discussão no Governo Federal como forma de conter a grave crise política e econômica que o Brasil atravessava.<sup>155</sup> Antonio Calunga, baiano e delegado, descrevia assim o sentimento existente:

*“O terreno do Km 40 João Sá vendeu para Pedro Batista, mas houve uma desconfiança, pois João Sá não passou o documento para ele; aí Pedro Batista foi para o federal e veio aqui e repartiu a terra para o povo.”<sup>156</sup>*

Pedro Batista buscou ajuda junto ao governo federal para criação de um núcleo colonial que permitiria acesso a técnicas e equipamentos agrícolas e a um assessoramento no planejamento da produção. De acordo com os arquivos do Cartório da Comarca de Jeremoabo, em 15 de maio de 1945, fora lavrado no cartório de paz da Vila de Iguaba a promessa de compra e venda da referida fazenda, que somente foi registrada no cartório de Jeremoabo, ganhando valor jurídico, em 28 de janeiro de 1953, quando as negociações de Pedro Batista com o governo federal para doação e formação de uma colônia agrícola já estavam em andamento.

---

<sup>154</sup> Apolinário Neto. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>155</sup> ANTUNIASSI, 1996.

<sup>156</sup> Antonio Calunga. Entrevista concedida em 15 de fevereiro de 1996. Santa Brígida/BA.

O terreno foi dividido em 160 lotes e distribuídos entre os romeiros de Pedro Batista. Segundo Apolinário Neto, outros motivos podem ter levado Pedro Batista a entregar o terreno ao governo federal:

*“Pedro Batista disse: ‘Eu tive uma idéia! Eu sei que não vou demorar muito; vou fazer uma viagem e para deixar esses pernambucanos com esses alagoanos juntos não vai dar certo; então eu tenho que fazer o quê? Eu tenho que dar esse terreno para o governo federal, para ele vir e mandar lotear esses terrenos; deixar cada pessoa dentro de seu lote, no seu terreno marcado pelo governo; aí eu faço minha viagem satisfeito, porque deixo cada um no seu devido lugar!’.”<sup>157</sup>*

Além do pagamento feito ao Coronel João Sá, decorrente da arrecadação realizada por Apolinário Neto, os romeiros tiveram que pagar ao governo federal dez prestações anuais por conta das benfeitorias, da administração da colônia e da legalização dos lotes.

Em 1967, o núcleo colonial possuía infra-estrutura adequada para atender à demanda de seus moradores. O Governo Federal destinou para o núcleo naquele ano duzentos e oitenta milhões de cruzeiros antigos, enquanto a despesa da prefeitura municipal foi de trinta e cinco mil. A diferença de recursos aplicados implicava que, no núcleo colonial, os moradores gozavam de melhores condições de vida.

A casa do administrador e dos principais funcionários do INIC localizava-se na sede do núcleo, juntamente com uma casa de hóspedes; uma capela; dois galpões para funcionamento da escola maternal e primária, mas que também serviam como salão de festas e para reuniões do clube agrícola e do clube de mães; um ambulatório; armazém; alojamento para trabalhadores; oficina e garagem.

O núcleo era formado de 474 lotes urbanos medindo de 600 a 800 m<sup>2</sup> e de 160 lotes rurais medindo de 25 a 30 hectares. O núcleo possuía, ainda, na área urbana, luz elétrica obtida por meio de gerador; água corrente de poço artesiano; fossas sépticas; campo de aviação e campo de futebol. A administração do núcleo possuía, também, seis tratores de prensa, dois tratores de esteira, cinco caminhões, um jipe, duas caminhonetes e uma Kombi.<sup>158</sup> Água, luz, máquinas e diversão tornavam aquele lugar um oásis no deserto. Recursos que não estavam disponíveis para a população da cidade.

A existência de mão-de-obra abundante e barata também possibilitou o desenvolvimento da agricultura nas fazendas dos baianos. A ascensão de Pedro Batista

---

<sup>157</sup> Apolinário Neto. Entrevista concedida em 20 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>158</sup> FUKUI, 1978, p. 314.

sobre os romeiros permitiu a arregimentação das pessoas para trabalharem coletivamente nas fazendas do Coronel João Sá e de outros fazendeiros locais. Tais frentes de trabalho eram conhecidas como batalhões, conforme lembra Antonio Ribeiro dos Anjos:

*“Ele fazia aquele batalhão de gente, fazia reunião para ajudar uns aos outros na roça, fazia aquele batalhão de gente para ajudar ao Coronel João Sá nas roças dele e do Coronel João Maria.”<sup>159</sup>*

Os integrantes dos batalhões não recebiam salário pelo trabalho que realizavam. Era como se eles estivessem cumprindo uma missão designada pelo enviado de Deus para pastoreá-los. Júlio Manoel Cardoso, romeiro que participou dos batalhões, acrescenta:

*“Formavam-se batalhões para trabalhar nas fazendas de Pedro Batista e também na de João Sá e João Maria. Nós trabalhávamos lá e recebíamos só a bóia. Era uma irmandade. Ia só ajudar.”<sup>160</sup>*

O batalhão era a moeda de troca que Pedro Batista tinha para conquistar o apoio dos grandes fazendeiros e políticos locais, como os coronéis João Maria e João Sá. Os romeiros sabiam disso e colaboravam com muita boa vontade. João Alves Barbosa, romeiro de Pedro Batista, explicava a razão de não haver pagamentos aos participantes dos batalhões formados para trabalhos em fazendas de coronéis locais:

*“Somos um grupo de romaria, nós precisamos de uma cobertura do governo, né? Quer dizer, de um coronel, de uma parte ou de outra, nós precisamos de uma palavra a favor numa revolta que venha contra esse povo. Quer dizer que nós temos a cobertura desses homens, a história dele era essa, que se nós precisássemos de Coronel João Maria era João Maria, se precisasse de João Sá era João Sá.”<sup>161</sup>*

Preocupado em arranjar trabalho para os romeiros que não paravam de chegar, Pedro Batista criava tarefas para ocupar o tempo das pessoas. Assim, em Santa Brígida, estava garantido trabalho para agricultor, carpinteiro, pedreiro, ferreiro, tecedeira de rede, etc.

Com o passar do tempo, Santa Brígida ficou conhecida como um importante pólo de produção da região. Com a melhoria das estradas, principalmente devido à construção da Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso, inaugurada em 1955, muitos

---

<sup>159</sup> Antonio Ribeiro. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>160</sup> Júlio Manuel Cardoso. Entrevista concedida em 20 de abril de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>161</sup> João Alves Barbosa. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

comerciantes vieram a Santa Brígida com seus próprios caminhões comprar a produção agrícola.

Com a emancipação de Santa Brígida em 1962, estava garantida a eleição dos candidatos designados por Pedro Batista e o apoio direto do poder público municipal. O comerciante Pedro Batista já não era tão importante para a negociação da produção e assistência material do seu povo, podendo, então, dedicar-se mais às atividades religiosas. Essas tarefas mais mundanas passaram a ser exercidas por pessoas de confiança do beato.

### 3.2 PEDRO BATISTA E A IGREJA

“Tratando deste conselho,  
curando água também.  
Curando doente e possessos  
de todo mal que hoje tem.  
Em menos de um segundo  
expulsava espírito imundo  
falando do mal e do bem.”<sup>162</sup>

Os movimentos messiânicos eram encarados com desconfiança pelos membros da Igreja Católica. Esta via com preocupação os movimentos messiânicos que tinham como objetivo dar paz espiritual e esperança ao povo. Diante de tais circunstâncias, a paróquia de Jeremoabo, representada até 1958 pelo padre português José Magalhães de Souza, encarava o movimento de Pedro Batista como ameaça à sua autoridade, pois não havia cabimento um homem idoso que não fazia parte dos quadros da Igreja dar conselhos e pregar o evangelho, ocupando o espaço que, por direito, entendiam os padres, era deles.

Diversas vezes os padres solicitaram reforço policial para acompanhá-los às missas realizadas em Santa Brígida, tentando demonstrar o medo de serem agredidos pelos romeiros de Pedro Batista. Não havia clima hostil, porém, diante da postura do velho que buscava saciar a fome espiritual e material dos romeiros, a Igreja sentiu-se roubada das tarefas que lhe eram competentes e, em função disto, externava sua insatisfação e seu poder.

---

<sup>162</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.



O Monsenhor Francisco José de Oliveira, que substituiu o Padre Magalhães na paróquia de Jeremoabo, em 1959, relembra as precauções tomadas pelo pároco para celebrar a missa:

*“Não chegou a ter lutas e agressões. Monsenhor Magalhães, por uma precaução, levava até a polícia para poder entrar na igreja e celebrar sossegado.”<sup>163</sup>*

De início, Pedro Batista não permitia que os romeiros se casassem na Igreja Católica. A briga dele, entretanto, não era contra a Igreja e sim contra as atitudes tomadas pelos padres que afastavam as pessoas de uma postura mais condizente para os cristãos.

A cobrança de taxa para a realização de cerimônias era considerada pelo beato como extorsão e as relações amorosas dos padres com mulheres da comunidade eram sinais que comprovavam a necessidade do surgimento de um enviado divino para o restabelecimento dos padrões comportamentais.

Pedro Batista não gostava de uma prática da Igreja àquela época que venerava ao “Cristo Rei” e a “Nossa Senhora de Fátima”. Era como se estivesse criando um outro deus, reflexo da vida pecaminosa dos representantes da Igreja. Antonio Ribeiro dos Anjos lembra dos comentários de Pedro Batista:

*“Deixaram de dar valor ao nosso senhor Jesus Cristo para dar valor a Cristo Rei e a Fátima, aí meu padrinho dizia que Cristo Rei e Fátima eram pessoas sem importância, faziam parte de satanás.”<sup>164</sup>*

Antonio Nunes Barreto lembra uma confusão decorrente de uma missa celebrada pelo padre português José Magalhães em Santa Brígida em que foi dado “Viva ao Cristo Rei”:

*“Um dia nós estávamos numa missão. Numa missão do Pe. José Magalhães, nessa igreja que chama de Sta Brígida, que eles estão trabalhando nela aí. Era uma casinha de oração junto aí. Ele estava celebrando uma missa e deu viva ao Cristo Rei. Meu padrinho estava com o povo dele assim, nós desse lado de cá, de frente, de lado pra igreja. E ele celebrou a missa e deu viva a esse Cristo Rei. Quando ele deu viva ao Cristo Rei, meu padrinho respondeu de cá: viva Nosso Senhor Jesus Cristo! Muita gente disse viva Cristo Rei. Ele disse: viva Nosso Senhor Jesus Cristo! O nosso superior é esse.”<sup>165</sup>*

---

<sup>163</sup> Francisco José de Oliveira. Entrevista concedida em 14 de agosto de 1995. Jeremoabo/BA.

<sup>164</sup> Antonio Ribeiro. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>165</sup> Antonio Nunes Barreto. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

Os padres iam de ano em ano a Santa Brígida. Os casais não podiam esperar pela disponibilidade dos representantes da Igreja. A narrativa feita em 1956 por Maria Isaura acerca da representação da Igreja Católica no povoado demonstra a pouca assistência que a Igreja dava aos seus fiéis:

*“Uma capelinha muito modesta se ergue um pouco recuada da praça, mas também não há padre. Santa Brígida está submetida à paróquia de Jeremoabo; o padre ali residente não visita o distrito senão quando é chamado pelos habitantes, que tem de pagar pelas cerimônias de culto e pela viagem, razão pela qual raras vezes se apela para ele, e tanto baianos quanto alagoanos consideram exorbitante o montante exigido para que o padre venha officiar em Santa Brígida.”<sup>166</sup>*

Ademais, Pedro Batista insistia em alertar ao seu povo que o importante era se casar no civil, pois o casamento no religioso não dava garantia dos direitos da mulher. Preocupado com a condição de inferioridade da mulher, Pedro Batista exigia que os romeiros se casassem no civil, o que garantiria os direitos da mulher numa separação por qualquer motivo. A proteção à mulher simbolizava esta inferioridade e era reflexo da herança cultural ocidental. O Monsenhor Francisco comentou sobre as intransigências de Pedro Batista:

*“Ele discordava plenamente da doutrina da Igreja. Ele simplesmente concordava com a missa e as orações. Agora, não permitia que os adeptos dele se casassem na igreja e se batizassem. Então o monsenhor Magalhães não aceitava isso e criou uma certa animosidade entre ambos.”<sup>167</sup>*

Desde o Concílio Vaticano I (1869 – 1870) que a Igreja Católica buscava a recuperação do seu papel nas sociedades. O catolicismo ultramontano criticava as práticas liberais e voltava-se para uma Igreja de “inspiração romana, clerical e sacramental”<sup>168</sup>, de caráter conservador.

Assim, a propagação do casamento civil, aprovado pelo Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890, como uma orientação do líder Pedro Batista, contrariava os princípios da Igreja e, conseqüentemente, reduzia o seu prestígio dentro da comunidade de Santa Brígida.

Apesar de a Igreja demonstrar a sua reprovação às atitudes de Pedro Batista, os romeiros não deixariam de seguir as orientações do seu líder carismático, que vivia as dificuldades do cotidiano lado a lado, dividindo as tristezas causadas pela pobreza da

---

<sup>166</sup> QUEIRÓZ, 1998, p.17-18.

<sup>167</sup> Francisco José de Oliveira. Entrevista concedida em 14 de agosto de 1995. Jeremoabo/BA.

<sup>168</sup> AZZI, 1976, p. 96.

região e preocupado em suprir as necessidades físicas e espirituais da comunidade, para atender aos representantes da Igreja que, por tão pouco aparecer no povoado, tiveram a sua capela transformada em curral de bodes, como já explicitado.

As raras visitas de sacerdotes a zonas rurais eram explicadas por vários fatores: existiam poucos representantes eclesiásticos, as paróquias do interior cobriam grandes áreas de terra e os vigários optavam por residir nas localidades mais populosas. Considerando ainda que era comum que um vigário estivesse encarregado de mais de uma paróquia, a sua visita a localidades como Santa Brígida era realmente incomum.

Como não queria romper com o sistema social, político e econômico, Pedro Batista também não ousou questionar a autoridade da Igreja Católica. Embora tenha impedido seus romeiros de se confessarem, se casarem e se batizarem na Igreja, sendo considerado como intolerante pelos padres de Jeremoabo e dando a impressão de que estava organizando um movimento de cunho religioso com autonomia em relação à Igreja Católica, posteriormente admitiu ser católico e até construiu uma nova igreja para a celebração das missas pelos padres. O romeiro José Rodrigues dos Santos lembra o diálogo de Pedro Batista com o Padre José Magalhães acerca desta construção:

*“Meu padrinho falou para ele: ‘sr. Zé, vamos fazer uma igrejinha. Vamos fazer uma igreja maior seu Zé. Tinha muita gente, vamos fazer uma igreja maior. O lugar estava maior e ali estava pequeno.’ Aí ele disse: ‘é seu Pedro vamos, como é que nós fazemos?’ Aí meu padrinho disse: ‘olhe, eu entro com o material e o senhor com a mão de obra.’ Aí o padre disse: ‘ah não seu Pedro, não dá, o duro não é o material, o duro é a mão de obra.’ Aí ele disse: ‘o pessoal achou graça que ele disse assim, mas quem vai ganhar dinheiro é o senhor, não sou eu não’.”<sup>169</sup>*

---

<sup>169</sup> José Rodrigues dos Santos. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.



*Igreja construída por Pedro Batista para celebração de missas.*

Ao tomar conhecimento das atividades de Pedro Batista, Monsenhor Francisco procurou aproximar-se do desafeto da Igreja e, mesmo sem apoiá-lo e abençoá-lo, tentou dialogar e melhorar o relacionamento. Para os representantes da Igreja, não havia nenhuma missão divina: o que Pedro Batista desejava era ser uma liderança, ter o controle de uma população e sentir-se realizado. Monsenhor Francisco, comentando sobre as razões do movimento, disse:

*“Se ele se intitula de líder, todos os meios, até os meios que não são muito legais para ter o poderio, para exercer autoridade sobre os seus liderados, ele usava. Para que todos tivessem nele o salvador da pátria. Não só no espírito ideológico como no espírito social e econômico, das necessidades do dia-a-dia de cada um. Então tudo dependia dele, até uma briga era ele quem resolvia. Era uma espécie de suprema corte. O que ele decidisse estava decidido e estava acabado.”<sup>170</sup>*

---

<sup>170</sup> Francisco José de Oliveira. Entrevista concedida em 14 de agosto de 1995. Jeremoabo/BA.



*Para Monsenhor Francisco, Pedro Batista era uma espécie de suprema corte.*

Em geral, os movimentos messiânicos levantavam críticos à atuação da Igreja ou de seus representantes. Eles surgiram como alternativa capaz de recolocar os homens numa condição de submissão a Deus. A redefinição dos chamados verdadeiros costumes cristãos e das práticas religiosas, aliadas a crença no caráter divino da missão de seus líderes, deram causa a acusações de tratarem-se de fanatismos religiosos.

Os conflitos entre Igreja e movimentos messiânicos foram reflexos da disputa pela preferência do adepto. A permissão dada a Igreja para exercer seus ritos na comunidade dos romeiros em Santa Brígida apaziguou a relação naturalmente conflituosa, contribuindo para a continuação do movimento de Pedro Batista.

### 3.3 A MORTE DO BEATO

*“Passou quatro anos de cama  
sofrendo paralisia.  
Gemendo de dia a noite  
com a maior agonia  
. Passava o transe da morte  
ou por seu gosto ou por sorte  
no meio da romaria.”<sup>171</sup>*

Quatro anos antes de sua morte, Pedro Batista já dava sinais da doença que iria levá-lo da presença dos romeiros: uma infecção urinária provavelmente decorrente de problemas na próstata. Vários médicos foram chamados e muitos medicamentos foram receitados. A má aplicação de uma injeção para combater a infecção urinária acabou por prejudicar mais a sua locomoção.

No último ano de vida, ele precisava de alguém para carregá-lo. Já não conseguia ficar de pé, nem comer sozinho. Rosália França lembra da agonia vivida pelo beato:

*“A romaria tinha um negócio muito fechado. Achavam que ele era poderoso e que, por ter poder, a doença não tinha direito de encravá-lo, de levá-lo à morte. Então achavam que tudo que acontecia com ele era porque ele não queria afastar a doença de perto dele. Ele tinha uma infecção urinária. Tinha que fazer uma cirurgia de próstata. Ele tinha uma vida muito sedentária por ficar muito tempo sentado para receber os romeiros.”<sup>172</sup>*

---

<sup>171</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>172</sup> Rosália Rodrigues França. Entrevista concedida em 10 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.



*Pedro Batista, já doente, cercado pelos romeiros em abril de 1967.*

Santificado pelos romeiros e desmascarado pela Igreja, até a história do enterro é contada em diferentes versões. O romeiro Zezito Apóstolo contou assim os acontecimentos do velório:

*“No dia 11 de novembro de 1967 terminou a sua missão material e voltou para o seio de Deus. E na sua morte foi um dia de horror. O seu falecimento foi num dia de sábado às quatro horas da tarde. Foi um dia de grande aflição, toda a cidade ficou coberta de tristeza. O seu velório durou da tarde daquele sábado até as últimas horas da segunda-feira, dia 13 de novembro. Até a segunda-feira o seu corpo foi visto sem mau cheiro, parecia estar dormindo. Foi admirável, o corpo de meu padrinho, sem ser embalsamado, estava em perfeito estado.”<sup>173</sup>*

Já o Monsenhor Francisco contou uma outra história sobre o enterro:

*“Eles não queriam sepultá-lo. Dizem até, brincando, que os urubus já estavam em cima da casa tamanho o mau cheiro, mas eles não queriam sepultá-lo, aqueles fanáticos. Mas coincidiu um problema, uma denúncia, uma coisa assim. Contra um certo problema político lá em Santa Brígida. Fez com que saísse um oficial do exército em Paulo Afonso e viesse apurar o negócio em Santa Brígida com vários militares. Então, quando entraram em Santa Brígida, correu lá a notícia que o exército tinha chegado para levar Pedro Batista e enterrá-lo de qualquer maneira. Então, foram obrigados. Jogaram o velho na cova e enterraram.”<sup>174</sup>*

<sup>173</sup> Zezito Apóstolo. Entrevista concedida em 10 de fevereiro de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>174</sup> Francisco José de Oliveira. Entrevista concedida em 14 de agosto de 1995. Jeremoabo/BA.

Uma terceira versão do caso foi contada com menos extremismo por Zenor Pereira:

*“Não fecharam a sepultura e realmente não estava cheirando. Não abriram o caixão e, apesar de estar fechado, ninguém sentiu mau cheiro. Algumas pessoas sentiram perfume, mas eu acredito que fosse das flores.”<sup>175</sup>*



*Segundo o romeiro Zezito, o corpo de Pedro Batista não sofreu alteração após três dias de morto.*

Provavelmente, o velório demorara mais tempo para permitir que as pessoas viessem dos lugares mais distantes dar o último adeus a Pedro Batista. Os extremos da história do enterro, entretanto, demonstraram as posições antagônicas dos romeiros, ávidos em beatificar o seu santo, e da Igreja, preocupada em desmistificar a figura de Pedro Batista.

Após a morte de Pedro Batista, foram vendidos os bens que ainda pertenciam ao beato. Os principais eram as fazendas Batoque e Oliveira, um caminhão e dezenas de cabeça de gado. O romeiro Antonio Manuel de Araújo nunca soube a quem coube o recurso oriundo destas vendas, conforme revelou:

*“Venderam tudo. Batoque, fazenda Oliveira, foi tudo vendido por aí, e o dinheiro eu não sei, não sei o que foi feito não. Não está do meu alcance isso aí,*

---

<sup>175</sup> Zenor Pereira Teixeira Entrevista concedida em 13 de setembro de 1995. Santa Brígida/BA.



*o dinheiro né. Não sei, não sei se foi repartido com alguém, não sei como foi não.*<sup>176</sup>

A Fazenda Batoque começou a ser negociada antes da morte do líder como forma de custear as despesas médicas e remédios usados para combater a doença dele. O primeiro interessado em ficar com a Fazenda Batoque foi Augustinho Ribeiro dos Anjos, comerciante convidado por Pedro Batista para abrir negócio em Santa Brígida. O negócio fora fechado com Pedro Batista, mas rejeitado pelos principais colaboradores do beato. D. Dodô conseguiu vender o imóvel por um valor cinco vezes maior para o prefeito de Água Branca, Roberto Torres, antigo amigo de Pedro Batista.

A venda fora realizada com uma entrada e mais quatro promissórias que não haviam sido pagas até a morte de Pedro Batista. Ante a recusa do comprador em saldar os débitos, por falta de herdeiros para recebê-los, surgiu um testamento apresentando três herdeiras: D. Dodô, uma romeira conhecida como Mãe Ana e Maria dos Santos, criada desde menina por Pedro Batista. Com o surgimento do testamento, Roberto Torres resolveu vender a fazenda para Antonio Ventura, deixando para este a responsabilidade de pagar as promissórias assinadas.

Durante os últimos meses de vida e após a morte de Pedro Batista, a disputa pelos bens gerou alguns desentendimentos entre os romeiros. Doações em dinheiro feitas por Pedro Batista eram tomadas de volta pelos principais integrantes do grupo sob a alegação de que o líder já não sabia o que estava fazendo.

Com a venda da Fazenda Ribeira do Batoque para Roberto Torres, José Vicente, administrador da fazenda desde o tempo de Pedro Batista, continuou trabalhando com o novo dono. Segundo Francisco José dos Santos, filho de José Vicente, ele recebera uma faixa de terra em troca de seus serviços. Após a venda desta fazenda para Antonio Ventura, porém, outros romeiros reclamaram de José Vicente esta faixa de terra como sendo de Pedro Batista, exigindo a devolução. Francisco José dos Santos lembrou assim desta questão:

*“Os romeiros todos se metiam no meio, né? Esses romeiros doidos. Aí tinham uns que queriam para eles, mas nós conseguimos ficar.”*<sup>177</sup>

Entretanto, segundo Antonio Ventura, o pagamento de três promissórias foi feito em dinheiro e a quarta através da doação de um terreno que ficara com José Vicente, a

---

<sup>176</sup> Antonio Manuel de Araújo. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>177</sup> Francisco José dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

título de indenização pelos anos trabalhados na Fazenda Batoque, a pedido dos romeiros que administraram a partilha dos bens de Pedro Batista, conforme relatou:

*“Paguei uma parte em dinheiro e outra parte em terra, foi assim que eu fiz o negócio. Passei a terra para o nome de Zé Vicente porque eles mandaram eu passar para o nome de Zé Vicente.”<sup>178</sup>*

A tentativa de retomar a fazenda doada a José Vicente revelava mais um desentendimento na partilha da herança, gerando ressentimentos e desavenças. No inventário dos bens deixados por Pedro Batista, restaram ainda três casas dentro da cidade, o armazém e a Fazenda Oliveira, que media aproximadamente duzentas tarefas. Bens que ficaram com as herdeiras Ana Maria da Conceição, Maria dos Santos e Maria das Dores dos Santos, a D. Dodô, mulheres que tinham um convívio direto com o beato.

### **3.4 ROMEIROS SEM BEATO**

*“Pois ele sempre dizia:  
Santa Brígida já é cidade.  
Eu vou a minha viagem,  
Deus manda em minha vontade.  
Eu não vim para ficar;  
vamos um dia nos encontrar  
no reino da eternidade.”<sup>179</sup>*

Pedro Batista contava com a ajuda de Maria das Dores, a madrinha Dodô. Graças ao respeito que o povo tinha por ela, Santa Brígida não experimentou um êxodo imediato de romeiros após a morte do líder do movimento. Com a morte de Pedro Batista, madrinha Dodô ocupou o lugar de abençoadora e curadora na comunidade.

A morte de Pedro Batista não significou o fim do movimento. É como se ele ainda estivesse lá. A sua casa e as suas coisas estão lá para serem vistas. Maria Anunciada dos Santos não se esquece de iniciar o dia pedindo a benção aos santos:

*“Todo dia me levanto: bênção, meu padrinho! Me abençoe, meu padrinho! Bênção, madrinha Dodô, bênção, padrinho vigário, bênção, nosso Senhor, Pai eterno e Espírito Santo nos abençoe.”<sup>180</sup>*

Entretanto, a morte de Pedro Batista representou para os romeiros o início de uma nova fase em que as decisões pessoais importantes teriam que ser tomadas sem o

---

<sup>178</sup> Antonio Ventra. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>179</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>180</sup> Maria Anunciada dos Santos. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

conselho do beato. A falta de um comando central dificultou a continuidade de trabalhos coletivos e a realização de operações conjuntas que facilitassem a compra e venda de mercadorias para os romeiros.

A partida de Pedro Batista significou uma indesejada independência econômica dos romeiros, cada um passando a se virar com os meios de que dispunha. Santa Brígida começou a tomar, gradativamente, aspectos comuns a outras pequenas cidades do semi-árido. Todavia esse desamparo não foi tão drástico para os moradores do núcleo colonial. Em 1969, enquanto a Prefeitura do Município de Santa Brígida possuía, além do prefeito e nove vereadores, doze funcionários públicos e um juiz de paz, para atender uma população de cerca de oito mil pessoas, as 160 famílias do núcleo colonial contavam com o apoio de trinta e um funcionários federais e uma infra-estrutura bem superior à disponível aos moradores da sede.<sup>181</sup>

Como alento para os romeiros, ficou a convivência com outros romeiros remanescentes, ligados por laços de compadrio, o que não impediu o sentimento de tristeza causado pela ausência do beato e posteriormente agravado com a morte de D. Dodô, ocorrida no dia 28 de agosto de 1998. Antonio Manuel de Araújo expressou este sentimento:

*“Eu sinto a falta dele. A falta dele e de Dona Dodô. Eu sinto até demais. Também foi uma história que a gente não esquece hora nenhuma, por causa do prazer que a gente tinha com eles e eles tinham com a gente.”*<sup>182</sup>

O respeito e a consideração dos romeiros aos benefícios que Pedro Batista e D. Dodô lhes proporcionaram são manifestados em caminhadas anuais realizadas pelos arredores da cidade todo dia 11 de novembro, dia da morte do beato, reforçando, ainda hoje, o clima de reverência e certeza de que ali é o lugar deles. É o sinal remanescente da existência de um povo que ainda segue os conselhos de seu líder.

---

<sup>181</sup> FUKUI, 1978, p. 337.

<sup>182</sup> Antonio Manuel de Araújo. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

### 3.5 OS SUBSTITUTOS DE PEDRO BATISTA

“Chora, chora brasileiro  
com lágrimas sentimentais.  
Chora mulher, chora homem,  
menino, moça e rapaz.  
Clama, lamenta esta vista  
que outro Pedro Batista  
seus olhos não verão mais.”<sup>183</sup>

Desde 11 de novembro de 1967, a cadeira de Pedro Batista ficou vazia. Antes de morrer, Pedro Batista alertara seu povo para o fato de que muitos tentariam substituí-lo. O primeiro a tentar ocupar o seu lugar, cumprindo a profecia do beato, foi um homem chamado João Gustavo. Segundo o romeiro José Ricardo dos Santos, o próprio Pedro Batista alertara para seus romeiros não o procurarem:

*“Vocês não vão atrás desse homem que o negócio dele não é certo, é atrapalhado, perturbação.”*<sup>184</sup>

João Gustavo conseguiu ganhar a confiança de muitos outros romeiros. Morava num local chamado Mulungú, próximo à colônia agrícola, onde realizava reuniões espirituais. Na noite de 21 de dezembro de 1967, pouco mais de um mês após a morte de Pedro Batista, João Gustavo e seu grupo estavam reunidos em uma casa localizada na serra próxima à cidade, realizando outra de suas reuniões.

Os rumores de que ele estaria interessado em ocupar o lugar deixado por Pedro Batista incomodou romeiros e lideranças locais. Sargento Mário, delegado da cidade, a pedido dos romeiros mais influentes no grupo, encontrou resistência na sua tentativa de acabar aquela reunião, ocorrendo uma troca de tiros que resultou na morte do líder e de outro integrante do grupo.

Brasilino Antonio da Silva, romeiro de Pedro Batista e contrário às reuniões comandadas por João Gustavo, lembrou assim do episódio fatal:

*“João Gustavo veio com a turma dele para tomar de conta da cadeira. A cadeira dele quem podia ficar era ele, não é outro camarada. Ele chegou querendo tomar de conta da cadeira, aí se deu uma revolução. Eles quiseram agir com a polícia e aí, falar a verdade, nesse dia mesmo ele morreu. Meu*

---

<sup>183</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

<sup>184</sup> José Ricardo dos Santos. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

*padrinho Pedro Batista era contra isso aí, porque ele sabia que aquele mistério não era certo.*<sup>185</sup>

O então prefeito, Lindoaldo Alves de Oliveira, contou com detalhes o encontro dos policiais com o grupo e o desfecho do caso:

*“Era noite. Não tinha energia. Só tinha um soldado aqui, levou o escrivão de polícia. Oscar era o soldado, o escrivão de polícia era Elias. Tinha o Joaquim Zequinha que era muito amigo do delegado e acompanhou ele também, mas eles jamais pensavam que iam ser recebidos da maneira que foi. O delegado bateu na porta. Quando abriram a porta, eles lá cantando o xangô deles, o batente da porta era um pouco alto, assim uns 40 cm do solo, tinha que subi os 40 cm para entrar pegar o nível da casa aí o delegado cumprimentou ele: - Boa noite! Boa noite! Moço eu queria falar com o dono da casa. Ele disse: - sou eu. - Qual é o seu nome? - João Gustavo. Aí disse: - então nós vamos dar um pulinho na delegacia para você me dizer que se trata essa festa aqui, depois você volta para dar prosseguimento. Aí ele disse: - Não, eu não tenho nenhuma satisfação para lhe dar, vou bater minha porta, você se retire. Ele disse: - Não, então você não está me conhecendo? Ele disse: - Tô, você não é o delegado de polícia? Aí o delegado disse: - Não, eu vim para resolver, não posso voltar em branco não e aqui nós desmanchamos o batuque seja de que jeito for. Aí João Gustavo pegou no sargento pela beca dele para puxar para dentro de casa e os outros aproveitaram e meteram o cacete nele. Pegou assim uns 15 pontos para 20 na cabeça, ele desmaiou um pouco ali e lá na cozinha bateram também em Oscar. Bateram no Elias. Elias ficou com os lábios inchados. Eles entraram para debaixo da mesa. Eles não podiam bater, só ficaram cutucando. Aí o delegado foi caindo e o Zequinha que tava fora o segurou. João Gustavo disse: - Bote o homem para dentro para acabar o serviço, mas a porta era estreita e o delegado era um pouco forte. Zequinha ainda tinha que subir 40 cm, ficava pesando uns 200 kg ou mais. Até que puxou para lá, puxou para cá o delegado se acordou, sacou do revólver e conseguiu se desligar deles. Então todos que chegavam na porta ele atirava, atirava bem sem medo. Atirou em João Gustavo, deu 2 tiros, ele caiu para o lado de fora. O pai de Eugênio, que era o substituto, meteu a cara e ele atirou. Ficou montado em cima do outro, morto também.”*<sup>186</sup>

O romeiro José Benício Rodrigues da Silva, ligado ao grupo de João Gustavo, negou que ele tivesse intenção de tomar o lugar de Pedro Batista:

*“O pessoal não queria que ele desse conselho ao povo. Quando ele pegou a dar conselho ao povo, ficaram com raiva dele; até que aconteceu que foram atingir ele dentro da casa dele. Mas nunca aconteceu essa história não senhor, de ninguém querer tomar o que era do meu padrinho. Mas antes eu acho que dentro*

---

<sup>185</sup> Brasilino Antonio da Silva. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>186</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 24 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

de Santa Brígida é mais fácil ter quem até hoje queira tomar o que era do meu padrinho Pedro Batista do que o pessoal que acompanhava João Gustavo.”<sup>187</sup>

Outro que tentou substituir Pedro Batista chamava-se Manoel. Era beato em Itaíba, Estado de Pernambuco, e veio algumas vezes a Santa Brígida a convite de um romeiro chamado João da Cajuína. A idéia de ocupar o lugar deixado por Pedro Batista agradara a Manoel, que marcara a data de sua chegada definitiva.

Antonio Ribeiro dos Anjos, então delegado nomeado pelo prefeito Raimundo Santana Gomes, consultou a madrinha Dodô e Zé Vigário, principais lideranças dos romeiros, que rejeitaram a possibilidade daquele beato sentar na cadeira em substituição a Pedro Batista. Apesar do aviso enviado por Antonio Ribeiro para que o beato Manoel não viesse para Santa Brígida, ele chegou e conseguiu juntar muita gente numa casa dentro da cidade. O delegado interveio e conseguiu acabar o movimento, conforme relatou:

*“Fui para a delegacia e mandei uma ordem. Estava assim de gente lá, mandei uma ordem que o representante dele comparecesse na delegacia, aí chegou lá valente, aí eu disse: vou dar duas horas para que vocês tirem o velho daqui, olhe! Duas horas. Também não foi duas horas não, com uma hora e meia tiraram o velho.”*<sup>188</sup>

Próximo a Santa Brígida, num local conhecido como Quixadão, também surgiu outro rezador chamado João Batista. Muitos romeiros se interessaram pela reza deste homem e reuniam-se aos domingos para visitá-lo, levando presentes. Luiza Maria de Jesus lembra da passagem dos romeiros ao encontro de João Batista:

*“Ele era sozinho e pegou a rezar. Pegou a rezar no povo. Eu não fui lá não. Quando era de tarde passava aqui aquele comboio de gente com peru e com galinha para dar a esse homem. Era metido a rezador.”*<sup>189</sup>

Como ele não tinha propósito de substituir o beato de Santa Brígida, pôde continuar suas atividades sem maiores transtornos com a comunidade dos romeiros. A pouca popularidade dele não representava uma ameaça ao trono de Pedro Batista.

---

<sup>187</sup> José Benício Rodrigues da Silva. Entrevista concedida em 22 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>188</sup> Antonio Ribeiro. Entrevista concedida em 23 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

<sup>189</sup> Luiza Maria de Jesus. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

Uma comunidade de romeiros sem líder era um terreno fértil para surgimento de novos beatos. Os candidatos conseguiram atrair um pequeno séqüito dentre os romeiros, mas não puderam dar continuidade ao seu trabalho porque não pertenciam à comunidade.

Pelas atividades que desempenhava, Madrinha Dodô ficou reconhecida como a pessoa habilitada a dar seguimento às atividades religiosas comandadas por Pedro Batista. O trabalho de madrinha Dodô impedira que o movimento messiânico ocorrido em Santa Brígida pudesse ter mais de um líder, ficando preservada a memória daquele que conduziu um movimento que transformou a vida de centenas de famílias e que não poderia ser substituído por ninguém.

### 3.6 A POLÍTICA E O BEATO

“Na época da eleição  
todos romeiros votavam.  
Os homens tomaram gosto,  
muitas ruínas acabou-se.  
Com o seu grande poder  
deu a todos conhecer  
que para isto aproximou-se.”<sup>190</sup>

Para os políticos da região, a chegada de Pedro Batista não causou maiores preocupações. Desde o início, o Coronel João Sá manteve-se informado do movimento causado pelo fluxo de romeiros que acorriam a Santa Brígida atrás do conselheiro e esteve atento aos rumos tomados por esta aglomeração.

Pedro Batista passou a ser mais uma ligação entre o eleitorado e os candidatos a deputado ou governador. Ele fez a ligação entre o seu povo e o Coronel João Sá, principal ligação do sertão da região de Jeremoabo com a capital. Assim, o apoio a Pedro Batista contribuiu para a confirmação de João Sá no comando do processo político da Região de Jeremoabo. João Gonçalves de Carvalho Sá lembra assim da impressão deixada por Pedro Batista e da visão de seu avô:

*“Mas o meu avô viu nele, um sujeito em primeiro lugar trabalhador. Sujeito vivendo do seu trabalho não tem tempo para pensar em outras maquinações. Trabalhador é trabalhador. É homem de coragem e tinha uma série de virtudes.*

---

<sup>190</sup> Versos produzidos pelo romeiro João Oliveira. Santa Brígida/BA.

*Na verdade, ele (João Sá) tinha terra em demasia. Podia oferecer como ofereceu a Pedro Batista. A primeira vez de graça. Segunda vez já foi vendendo, mas por um preço absolutamente irrisório. Queria era toda aquela gente ali trabalhando e conseguiu transformar Jeremoabo num celeiro de cereais da Bahia.”<sup>191</sup>*

Pedro Batista era o orientador político do seu povo, que representava a maioria esmagadora da população. A reverência que o povo tinha por ele desobrigava-o de grandes esforços para convencê-los a votar naqueles que indicava. Recrutava seus cabos eleitorais dentre os romeiros e os orientava a divulgarem a sua intenção de voto.

O cabo eleitoral era o indivíduo que por delegação de sua liderança política ficava responsável pela conquista do eleitorado, como também pelo acompanhamento dos votantes no dia da eleição, buscando assegurar a fidelidade do voto. No caso de Santa Brígida, o cabo eleitoral não trazia consigo o referencial da violência física, como era mais comum, porque ele, como representante do líder espiritual, utiliza-se da fé como instrumento de pressão. Antonio Ribeiro dos Anjos era um desses cabos eleitorais:

*“Aonde ele mandava votar, todo romeiro, todo romeiro seguia o caminho dele certo, e eram muitos romeiros, trabalhei muito fazendo eleitores.”<sup>192</sup>*

Com o sucesso do movimento e a garantia de que Pedro Batista não tencionava questionar o sistema social, político e econômico, novos indivíduos com perfis diferentes dos romeiros passaram também a fazer romarias em direção a Santa Brígida: os políticos. Todos eles viam em Pedro Batista um aglutinador de eleitores, cabendo, porém, apenas ao Coronel João Sá a preferência na indicação dos candidatos.

As pessoas que chegavam de outros Estados e fincavam residência em Santa Brígida eram logo compelidas a tirarem o título de eleitor. Um batalhão de eleitores se formou em torno de Pedro Batista a serviço das intenções do Coronel João Sá, que manteve com facilidade sua hegemonia política na região.

Lindoaldo Alves de Oliveira, comentando sobre a liderança política demonstrada por Pedro Batista nas eleições, disse:

---

<sup>191</sup> João Gonçalves de Carvalho Sá. Entrevista concedida em 21 de maio de 2003. Rio de Janeiro/RJ.

<sup>192</sup> Antonio Ribeiro dos Anjos. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.



*“Durante as eleições já de 50, 54 e 58, as urnas de Santa Brígida chamavam-se as bombas atômicas. Apuravam de Jeremoabo, a sede; de Pedro Alexandre, que na época chamava Voturuna; e Iguaba, que agora chama Coronel João Sá; e deixavam Santa Brígida por último. Teve uma época aqui, quando da eleição de 1950, que só teve dois votos contra o Coronel João Sá. Então, quando Santa Brígida se emancipou, aí sim, o comando de seu Pedro se tornou mais forte. Quando era Pedro Alexandre, Coronel João Sá e Jeremoabo, aqui decidia a parada, quanto mais só sendo aqui mesmo.”<sup>193</sup>*

Com o fim da ditadura da Era Vargas, as eleições voltaram a ser o instrumento de acesso ao poder. O Coronel João Sá não precisou efetuar em Santa Brígida os gastos comuns aos chefes políticos locais durante o período eleitoral. De acordo com Victor Nunes,

*“são, pois, os fazendeiros e chefes locais quem custeiam as despesas do alistamento e da eleição. Sem dinheiro e sem interesse direto, o roceiro não faria o menor sacrifício nesse sentido. Documentos, transporte, alojamento, refeições, dias de trabalho perdidos, e até roupa, calçado, chapéu para o dia da eleição, tudo é pago pelos mentores políticos empenhados na sua qualificação e comparecimento.”<sup>194</sup>*

Os romeiros de Pedro Batista eram exceção à regra. Por fazerem parte de uma comunidade que contava com a proteção do líder político da região, tinham interesse direto com a eleição. Sabiam do acordo tácito de fidelidade política assumido pelo seu padrinho com o Coronel João Sá. Assim, não precisaram de nenhuma ajuda adicional para cumprirem com a sua obrigação de eleitor.

Na contagem dos votos das eleições de Jeremoabo, as urnas de Santa Brígida sempre eram as últimas a serem abertas e acabavam decidindo, favoravelmente, a João Sá. O poder político de João Sá era tão grande que, segundo Antonio Carlos Costa de Carvalho Sá, neto do Coronel João Sá, o único lugar na Bahia em que Getúlio Vargas não ganhou para presidente da república nas eleições de 1950 foi em Jeremoabo, pois o candidato do PSD, partido do coronel, era Cristiano Machado.

Trata-se esse um fato aparentemente estranho dentro da cultura política do coronelismo que utilizava a bandeira partidária sem preocupações ideológicas, mas visando, primeiramente, atender a seus interesses políticos e econômicos, apoiando, nas

---

<sup>193</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 30 de maio de 1994. Santa Brígida/BA.

<sup>194</sup> LEAL, 1993, p. 35.

eleições, geralmente àqueles que detinham o poder ou apresentavam-se como prováveis vitoriosos.

O governo anterior de Getúlio Vargas (1930-1945) representara uma retração do poder político local devido à ditadura do Estado Novo, em contraste com o fortalecimento experimentado durante o subsequente governo de Eurico Gaspar Dutra, que marcou o retorno à democracia. Entretanto, nas eleições para presidente, em 1955, o Coronel João Sá unira-se às forças getulistas e, em carta destinada a Pedro Batista, pedia o apoio do beato:

*“Preciso comunicar-lhe que o nosso candidato a Presidência da República é o Dr. Joselino e Jango a Vice-Presidência, elementos estes que eram ligados ao falecido Dr. Getúlio Vargas; convém você ir se entendendo com o seu pessoal.”<sup>195</sup>*

O aumento populacional causado pelas romarias permitiu ao Coronel João Sá a formação de um “curral” eleitoral fundamental para a realização de seus interesses políticos, pois elevou a sua força política, possibilitando maior poder junto ao governo estadual e federal. Lindoaldo Alves de Oliveira resumiu assim o interesse do Coronel João Sá em Pedro Batista:

*“Era visando a política, e deu certo. Porque seu Pedro chegou e começou a chegar muita gente. E todo mundo foi tirando título de eleitor. E estes eleitores estavam sob o comando de João Sá.”<sup>196</sup>*

Como muitos romeiros eram analfabetos, as vitórias nas urnas deram algum trabalho. Naquele momento eram recrutados aqueles romeiros que dominavam as letras para treinar os semi-alfabetizados a preencherem a cédula eleitoral. A romeira Luiza Maria de Jesus lembra da dificuldade que teve em aprender a votar:

*“A gente espiava. ‘Olhe, é quatro letras. Olhe essa aqui.’ Mostrava a foto, mas a gente é tudo maluco mesmo, não sabia ler. Votava aí devagarzinho. Foi teimando mulher velha. Aí chegava com aquele negocinho, olhe, você coisa aqui e aqui, a derradeira é que voga. Aí fomos aprendendo.”<sup>197</sup>*

---

<sup>195</sup> Arquivo do Museu de Pedro Batista. Santa Brígida/BA.

<sup>196</sup> Lindoaldo Alves de Oliveira. Entrevista concedida em 30 de maio de 1994. Santa Brígida/BA.

<sup>197</sup> Luiza Maria de Jesus. Entrevista concedida em 20 de julho de 2002. Santa Brígida/BA.

A situação de quase unanimidade em torno da vontade de Pedro Batista e, conseqüentemente, da vontade de João Sá, impediu o aparecimento de uma característica comum em períodos eleitorais no sertão do Brasil. Não eram necessárias ameaças aos eleitores nem fraudes na votação. Não havia oposição política à vontade de Pedro Batista.

O consentimento dado pelo Coronel João Sá para a permanência de Pedro Batista em Santa Brígida abriu espaço para a formação de uma estrutura de poder paralela à existente. O poder político do Coronel João Sá na região de Santa Brígida foi diminuindo à medida que o movimento ganhava proporção. O domínio do controle político por Pedro Batista na região tornou-se evidente após a morte do coronel e com a emancipação de Santa Brígida

O principal nome político formado pelo movimento foi o de Zenor Pereira. Eleito vereador pela primeira vez em 1958, para a Câmara Municipal de Jeremoabo, como representante do distrito de Santa Brígida, Zenor foi também o primeiro prefeito eleito na recém-emancipada cidade de Santa Brígida, em 1962. Carvalho Sá, filho do Coronel João Sá, então morto, comentou como foi a escolha do nome de Zenor:

*“Eu fui acomodar nossos correligionários, pois todos queriam ser candidatos. Uns quatro ou cinco queriam ser. Eu deixei acertado que o candidato seria o Zenor Pereira e na outra seria o Lindoaldo Alves. E assim foi feito.”<sup>198</sup>*

O próprio Zenor, relembando a escolha de seu nome, disse:

*“Um grupo político aí escolheu o meu nome e levou a Pedro Batista antes de levar à convenção. Nesta época, 90% dos eleitores eram romeiros. Ele aprovou e eu fui eleito.”<sup>199</sup>*

Apesar de o Coronel João Sá ter morrido em 1958, Pedro Batista tinha por Carvalho Sá, herdeiro do seu patrono, consideração e respeito pelas indicações políticas sugeridas. Conforme sugeriu Carvalho Sá, assim aconteceu. Zenor foi eleito em 1962 pelo Partido Social Democrático (PSD), e Lindoaldo, em 1966, pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA), já durante o regime militar. Entretanto, a interferência

---

<sup>198</sup> João Gonçalves Carvalho Sá. Entrevista concedida em 14 de outubro de 1995. Santa Brígida/BA.

<sup>199</sup> Zenor Pereira Teixeira. Entrevista concedida em 13 de setembro de 1995. Santa Brígida/BA.

política de Carvalho Sá já não foi fator determinante nas eleições seguintes, devido ao seu afastamento da região.

Talvez a sugestão de Carvalho Sá tenha sido mera coincidência com a vontade de Pedro Batista. Poucos meses antes de morrer, Pedro Batista revelara a sua convicção de ser o todo-poderoso em Santa Brígida e da submissão a que todos os que tinham algum interesse no município estavam sujeitos, quando afirmou:

*“Todos têm que vir aqui (apresenta a mão que deve ser beijada em sinal de reverência): é rico, é pobre, é padre...”<sup>200</sup>*

Com a morte de Pedro Batista em novembro de 1967, Zenor comandou a política no município tendo resultados expressivos nas urnas. Em 1970, obteve 616 votos dos 913 existentes. Elegeu seu sucessor, Raimundo Santana Gomes, em 1972, e voltou à prefeitura em 1976, conquistando 822 votos dos 1.169 eleitores,<sup>201</sup> sempre sendo candidato pela ARENA. José Franco Vieira, que foi eleito prefeito em 1982, apoiado também por Zenor, assim explicou o sucesso:

*“Depois que Pedro Batista morreu, achamos por bem dar apoio a Zenor porque toda vida ele foi um cara trabalhador. E ele trouxe muito benefício para o município. Então permanecemos dando apoio a ele.”<sup>202</sup>*

Zenor, explicou como conseguiu uma vitoriosa carreira política:

*“Em 1958 eu ingressei na política por intermédio do Sr. Pedro Batista, fui eleito vereador na câmara de Jeremoabo e tive a felicidade de cooperar com a emancipação de Santa Brígida, sendo eu o vereador que encaminhou a votação lá na câmara. Aí, em 1962, foi criado o município de Santa Brígida e eu fui eleito primeiro prefeito; elegi meu sucessor em 1966; retornei candidato único em 1970, elegi novamente meu sucessor em 1972; voltei outra vez candidato único em 1976 e em 1982 elegi meu candidato José Franco. A minha amizade com Pedro Batista fez com que eu me candidatasse a vereador e ganhei todas as eleições fazendo a política de Pedro Batista: trabalhando, porque seu Pedro era um homem de trabalho.”<sup>203</sup>*

---

<sup>200</sup> Filme produzido por Sérgio Muniz durante a semana santa de 1967 e o mês de julho do mesmo ano, com apoio do Centro de Estudos Rurais e Urbanos e do Instituto de Estudos Brasileiros, ambos da Universidade de São Paulo

<sup>201</sup> Tribunal Regional Eleitoral da Bahia.

<sup>202</sup> José Franco Vieira. Entrevista concedida em 13 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>203</sup> Zenor Pereira Teixeira. Entrevista concedida em 13 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.



*Zenor Pereira ganhou popularidade como funcionário do INCRA e amigo de Pedro Batista.*

Convém lembrar que o Brasil vivia sob a ditadura militar iniciada em 1964, e não havia disputas entre partidos opostos ideologicamente. A falta de oposição contribuiu para o sucesso político de Zenor Pereira nas eleições durante esse período.

Somente em 1988 foi que o Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) veio representado por Rosália França na disputa da prefeitura, justamente contra Zenor Pereira pelo Partido da Frente Liberal (PFL). Essa foi a única derrota de Zenor em eleições municipais, que foi assim explicada:

*“Eu perdi a eleição porque vieram mais de mil eleitores de outros Estados votar aqui.”<sup>204</sup>*

Rosália França, eleita com 1.937 votos contra 1.701 de Zenor Pereira, assim explicou a mudança na política:

*“Zenor teve uns dois ou três mandatos usando o nome de Pedro Batista. Mas depois de minha entrada a coisa mudou. Ele tinha um sistema mais ditador e eu trouxe mais a democracia.”<sup>205</sup>*

---

<sup>204</sup> Zenor Pereira Teixeira. Entrevista concedida em 13 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

<sup>205</sup> Rosália Rodrigues França. Entrevista concedida em 10 de janeiro de 1996. Santa Brígida/BA.

Apesar das justificativas, Zenor foi convidado por Rosália a fazer parte da chapa de sua preferência, nas eleições de 1992, como vice-prefeito. Aceitou e foi, novamente, eleito.

Pedro Batista representava a unidade política de Santa Brígida. O desejo dele era o desejo do povo de Santa Brígida. A escolha do nome de Zenor para representar politicamente o município desde 1958, com o referendo de Pedro Batista e aliado a sua atuação direta junto à população como funcionário do INCRA na colônia do Km 40, lhe possibilitou gozar de uma popularidade sentida nos resultados eleitorais até 30 anos após a morte do pregador, razão pela qual uma aliança política com ele não ter sido recusada por qualquer político do município.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao contrário de alguns movimentos messiânicos registrados no Brasil, o movimento de Pedro Batista foi desprovido de questionamentos sobre a organização social, política e econômica vigente no Brasil. O papel desempenhado por Pedro Batista o identificava com o de chefe político da região, legitimando, através de seu movimento, a estrutura social vigente.

O seu movimento foi uma representação desta estrutura social, integrando a população à realidade existente. Permitiu, entretanto, que a população se adaptasse mais facilmente às dificuldades locais, criando regras de comportamento, intermediando atividades econômicas e formando grupos de assistência social e de penitências.

O movimento de Pedro Batista teve como ênfase a reconciliação do homem com Deus através do cumprimento de regras comportamentais e da disposição para o trabalho e para as orações. A volta aos padrões antigos de comportamento representou a recusa aos padrões vigentes no mundo sem, contudo, implicar um afastamento absoluto da comunidade com a coletividade em geral.

O movimento de Pedro Batista não objetivou livrar o homem da opressão causada pelo próprio homem. Não foi um protesto contra a exploração do trabalho pelos ricos, nem contra a vida de miséria dos pobres. A mudança para Santa Brígida não implicou em mudanças nas relações de trabalho, mas a manutenção daquelas já existentes na região.

O coronel continuou sendo coronel. As dificuldades climáticas persistiram. O movimento não fora marcado como forma de protesto pela situação em que viviam, mas de esperança de vitória contra as forças que impediam a saúde, o trabalho e a salvação.

O movimento ajudou as pessoas a enfrentarem as dificuldades do cotidiano coletivamente, alimentadas pelo regozijo de estarem fazendo a vontade de Deus. Enquadrando como um movimento conservador, pois se preocupou com a preservação dos padrões comportamentais preconizados pelo cristianismo.

A expectativa dos romeiros era que a presença do homem de Deus garantiria a vitória do bem sobre o mal. A revolução ocorria estritamente no campo espiritual,

condição para herdarem o reino dos céus. Não havia uma ação contra as injustiças deste mundo, mas contra a ação de satanás em suas vidas.

A opção de Pedro Batista por um movimento conservador pode ter sido resultado do conhecimento das experiências sangrentas em que culminaram outros movimentos messiânicos anteriores a ele, considerados pelas autoridades públicas e religiosas como subversivos.

No grupo dos romeiros, Pedro Batista era quem tinha mais consciência da realidade social, política e econômica do país. Característica essa que lhe permitiu o comando das atividades produtivas e comerciais, além da obtenção de um acordo político que garantiu a continuidade do movimento. Apesar de suas qualidades naturais, a principal condição de sucesso fora a de que ele era reconhecido como santo pelos romeiros. As notícias acerca da realização de curas deram aos romeiros a certeza de que a missão de Pedro Batista era sobrenatural. Esta confiança permitiu a liderança do beato e a obediência dos romeiros, relação que facilitou ainda a realização de obras e atividades agropecuárias.

O movimento de Pedro Batista foi, em alguns aspectos, semelhante ao movimento de Antonio Conselheiro, em Canudos. A sua missão era voltada para a satisfação das necessidades básicas do indivíduo. Seu carisma foi essencial para conseguir a atração dos romeiros e a formação de uma comunidade. Houve, porém, uma diferença fundamental que garantiu a durabilidade do movimento: Pedro Batista pediu permissão para morar e fez aliança política com os, então, líderes, a fim de garantir a sua segurança e a de seus seguidores.

Os integrantes do movimento formavam efetivamente parte de uma grande família. A prova disto fora a disposição dos romeiros na participação em atividades coletivas em fazendas de baianos com o objetivo de cumprir o acordo de cooperação entre Pedro Batista e as autoridades locais.

A fidelidade de ambas as partes garantia a harmonia necessária para a estada do povo de Pedro Batista e dos objetivos políticos do principal líder político da região, o Coronel João Sá, implicando trocas mútuas de favores. Os braços dispostos do povo de Pedro Batista eram freqüentemente utilizados por João Sá e principais fazendeiros em suas terras e, nas eleições, os votos eram para os indicados pelo coronel. Em contrapartida, os líderes políticos proporcionaram a cobertura política e os meios



materiais necessários para o progresso do movimento, cedendo ou vendendo terras para realização de atividades agropecuárias.

O acordo tácito entre Pedro Batista e o Coronel João Sá fora plenamente cumprido: mão-de-obra abundante e votos garantidos de um lado; terras e liberdade garantidas de outro. Tratava-se de acordo bastante conhecido entre as partes, pois refletia a própria relação existente no campo entre trabalhador rural e proprietário de terra.

O movimento messiânico de Pedro Batista transformou, portanto, o seu líder no representante legal da comunidade junto aos proprietários de terra para negociar o equilíbrio de interesses que envolviam esta relação.

A solidariedade entre os integrantes da comunidade de Pedro Batista possibilitava uma constante preocupação no atendimento das necessidades básicas de cada um. O objetivo solidário apresentado pelo movimento se concretizava por meio de entidades formais criadas para a realização de atividades de assistência alimentar e religiosa.

O desenvolvimento econômico da região e, conseqüentemente, dos romeiros decorreu de uma conscientização coletiva da necessidade de colaboração com as ordens do líder. Isto implicou uma participação efetiva no trabalho, fruto do entendimento dos romeiros de que eles eram os agentes da transformação.

A formação de um núcleo colonial agrícola na fazenda Gameleira, sob a responsabilidade do Governo Federal, apesar da propaganda, não caracterizou um exemplo de reforma agrária. Os beneficiados não foram trabalhadores rurais sem terra, mas romeiros de Pedro Batista que já eram, de fato, proprietários daquelas terras, pois haviam pago ao Coronel João Sá o valor por ele requerido, aceitando, ainda, pagar um novo valor ao Governo Federal a título das benfeitorias realizadas, da regularização da área e pela administração do núcleo.

Como o movimento e a liderança de Pedro Batista foram reconhecidos pela sociedade local, permanecendo o grupo dos romeiros vivendo dentro de uma mesma realidade social, econômica e política dos baianos, registrou-se uma tendência, sempre crescente, de envolvimento dos grupos inicialmente distintos, formando uma única sociedade.

O sucesso de popularidade percebido durante a peregrinação de Pedro Batista acenava para a possibilidade de ocorrer um movimento messiânico em algum lugar

específico. A escolha da cidade santa recaiu sobre Santa Brígida. A prosperidade econômica, a solidariedade e o exercício da fé foram o saldo positivo do movimento.

Pedro Batista assumira um papel perante os seus seguidores semelhante ao dos coronéis com seus empregados: concedeu trabalho para os agricultores; exigiu que os romeiros votassem nos candidatos por ele indicados; garantiu a permanência deles na região; deu suporte material às necessidades básicas. Entretanto, foi muito mais que um coronel. Ele representou um elo do seu povo com Deus, na medida em que motivou nas pessoas um comportamento tido como digno da cristandade.

O movimento de Pedro Batista teve como objetivo principal proporcionar cura e salvação para os seus adeptos, além de revigorar os valores morais tradicionais através da sua regulamentação, da fraternidade e da solidariedade, reforçados pelo sentimento de irmandade decorrente da instituição de trabalhos e lazeres coletivos e da prática da fé na chegada de dias melhores graças à presença de um homem em que se acreditava ter sido enviado por Deus.

## **FONTES**

### **I - FONTES ORAIS**

Ana Alves de França, 21/07/2002, 74 anos, comerciante.  
Antonio Calunga, 15/02/1996., 86 anos, agricultor.  
Antonio Manuel de Araújo, 23/07/2002, 76 anos, agricultor.  
Antonio Nunes Barreto, 22/07/2002, 85 anos, agricultor.  
Antonio Ribeiro, 23/07/2002.; 78 anos, comerciante.  
Antonio Ribeiro dos Anjos, 20/07/2002. 73 anos, comerciante.  
Antonio Ventura, 24/07/2002, 68 anos, agricultor.  
Apolinário Neto, 20/01/1996 e 23/07/2002, 86 anos, agricultor.  
Brasilino Antonio da Silva, 24/07/2002, 62 anos, agricultor.  
Brígida da Silva, 22/07/2002, 76 anos, dona de casa.  
Eredita Oliveira dos Santos, 20/07/2002, 68 anos, dona de casa.  
Francisco José de Oliveira, 14/08/1995, 82 anos, Padre.  
Francisco José dos Santos, 24/07/2002, 54 anos, agricultor.  
Geraldo Domingos Neto, 10/03/95, 68 anos, agricultor.  
Geraldo Portela, 11/02/1996, 54 anos, funcionário público.  
Hildete Silva, 22/07/2002, 72 anos, dona casa.  
Jandira Alves, 21/07/2002, 73 anos, dona casa.  
João Alves Barbosa, 20/07/2002, 77 anos, agricultor.  
João Calunga, 14/03/1995. 98 anos, funcionário público.  
João Gonçalves Carvalho Sá, 14/10/1995, 88 anos, comerciante.  
José Benício Rodrigues da Silva, 22/07/2002, 73 anos, agricultor.  
José Bezerra Delgado, 22/07/2002, 85 anos, rezador.  
José Bezerra Lima 13/12/1995, 75 anos, agricultor.  
José Euclides, 23/07/2002, 73 anos, agricultor.  
José Franco Vieira, 13/01/1996, 53 anos, ex-prefeito de Santa Brígida.  
José Manoel da Silva, 24/07/2002, 56 anos, agricultor.  
José Pedro Lima, 22/07/2002, 75 anos, agricultor.  
José Ricardo dos Santos, 23/07/2002, 70 anos, agricultor.  
José Rodrigues dos Santos, 12/12/1995 e 22/07/2002, 82 anos, agricultor.  
Júlio Manoel Cardoso, 20/04/96, 74 anos, agricultor.  
Lindoaldo Alves de Oliveira, 30/05/1994 e 24/07/2002. 72 anos, ex-prefeito de Santa Brígida.  
Luiza Maria de Jesus, 20/07/2002. 95 anos, agricultora.  
Manoel Martins, 21/07/2002, 66 anos, agricultor.  
Manoel Pedro, 24/07/2002, 68 anos, agricultor.  
Manuel Xanxão, 21/07/2002, 64 anos, agricultor.  
Maria Anunciada Santos, 24/07/2002, 60 anos, agricultora.  
Maria de Adão, 21/07/2002, 72 anos, agricultora.  
Maria Cavalcante, 21/07/2002, 82 anos, agricultora.  
Maria Djalma, 22/07/2002, 43 anos, dona de casa.  
Maria José, 24/07/2002, 82 anos, dona de casa.  
Maria José Bispo, 20/07/2002, 73 anos, agricultora.  
Maria José Marques da Silva, 24/07/2002, 51 anos, professora.  
Neuza Maria, 22/07/2002, 77 anos, dona de casa.  
Odete Silva, 22/07/2002, 57 anos, dona de casa.  
Odílio Ribeiro José, 24/07/2002, 73 anos, comerciante.  
Pedro Ana, 21/07/2002, 86 anos, agricultora.

Raimunda Alves dos Santos, 24/07/2002, 68 anos, dona de casa.  
Raimundo Lucas, 24/07/2002, 72 anos, agricultor.  
Rosália Rodrigues França, 10/01/1996, 56 anos, ex-prefeita de Santa Brígida.  
Tereza Maria, 24/07/2002, 72 anos, dona de casa.  
Valdemar Barbosa, 21/07/2002, 73 anos, dona de casa.  
Valdete Souza da Silva, 22/07/2002, 71 anos, dona de casa.  
Zenor Pereira Teixeira, 13/10/1995, 70 anos, ex-prefeito de Santa Brígida.  
Zezito Apóstolo, 24/07/2002, 68 anos, funcionário público.

## **II. FONTES IMPRESSAS**

### **2.1. MUSEU DE PEDRO BATISTA, SANTA BRÍGIDA/BA.**

- Proposta de empréstimo agrícola junto ao Banco do Nordeste do Brasil S/A, em 15 de dezembro de 1955.
- Documentos fiscais da firma de Pedro Batista, autorizados pela Coletoria Estadual de Jeremoabo.
- Documentos fiscais referentes ao pagamento do Imposto Territorial Rural à prepostos da Coletoria estadual de Jeremoabo.
- Contrato de empréstimos bancários junto ao BNB para financiamento de suas atividades agrícolas.
- Livro com registro de custos das obras coordenadas por Pedro Batista.
- Catas escritas por Coronel João Sá destinadas a Pedro Batista.

### **2.2. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL DA BAHIA**

- Resultados eleitorais das eleições municipais em Santa Brígida de 1962 a 1992.

### **2.3. PERIÓDICOS:**

- Jornal “O ESTADO DA BAHIA” – Salvador/BA, 12 de julho de 1954.
- Jornal “TRIBUNA DE JUAZEIRO” – Juazeiro do Norte/CE, 23 de outubro de 1966.

### **2.4. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE**

- Censo econômico e demográfico do nordeste da Bahia relativo ao período de 1940 a 1990.

### **2.5. BIBLIOTECA DA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA BAHIA.**

Biografia do Coronel João Sá e de João Gonçalves Carvalho Sá.

## **III. FONTES LITERÁRIAS**

### **3.1. POESIAS DE JOÃO DE OLIVEIRA – SANTA BRÍGIDA/BA.**

“Vida e morte do meu padrinho.”

## **IV. FONTES MANUSCRITAS**

### **4.1. CARTÓRIO DA COMARCA DE JEREMOABO.**

- Promessa de compra e venda da Fazenda Gameleira.

## **V. FONTES ICONOGRÁFICAS**

**FILME “O POVO DO VELHO PEDRO” DE SÉRGIO MUNIZ.  
(PATROCINADO PELO CENTRO DE ESTUDOS RURAIS E URBANOS E**

**PELO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, AMBOS DA  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO)**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, João Capistrano de. Caminhos antigos e o povoamento do Brasil. Rio de Janeiro: Briguiet, 1960.
- AMADO, Janaína. Conflito social no Brasil – A revolta dos Mucker. São Paulo: Símbolo, 1978.
- ANDRADE, Manuel Correia de. Cultura e Tradição Camponesa. In: Kosminsk, Ethel (Org.). Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora. Ensaio sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Fapesp: 1996.
- ANSELMO, Otacílio. Padre Cícero: Mito e Realidade. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 1968.
- ANTUNIASSI, Maria Helena Rocha. Mundo Rural e Agricultura no Brasil. In: Kosminsk, Ethel (Org.). Agruras e Prazeres de uma Pesquisadora. Ensaio sobre a Sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Fapesp: 1996.
- AZZI, Riolando. Elementos para a história do catolicismo popular. Revista Eclesiástica Brasileira, vol 36, 1976.
- BARRY, Boubacar. “Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia”. In: Senegâmbia: o desafio da História Regional. Rio de Janeiro, UCAM/SEPHIS, 2000, pp. 05-34.
- BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio. França e Inglaterra. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOURDIEU, Pierre. “Condição de classe e posição de classe”. In: A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 1974, pp. 03-25.
- BRITO, Gilmário Moreira. Pau de Colher – na letra e na voz. Salvador: Educ, 1999.
- CASTRO, Jeanne Berrance de. A milícia cidadã: a Guarda Nacional de 1831 – 1850. São Paulo: Nacional, 1979.
- CASTRO, Josué de. Sete Palmos de Terra e um Caixão. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- FERNANDES, Rubem César. Os cavaleiros do Bom Jesus: Um introdução à religiões populares. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FUKUI, Lia. Parentesco e Família entre Sitiantes Tradicionais. São Paulo: USP, 1978. (Tese de doutorado)
- GALLO, Ivone Cecília D’Avila. O Contestado: O Sonho do Milênio Igualitário. Campinas: Editora da Unicamp. 1999.
- GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, v. 13, n° 25/26. São Paulo: Marco Zero, 1993
- GRELE, Ronald J. “Pode-se confiar em alguém com mais de 30 anos? Uma crítica construtiva à História Oral”. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 267-277.
- GUIMARÃES, Alberto Passos. Quatro Séculos de Latifúndio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- HAMPATÉ BÂ, Ahmed. “A tradição viva”. In: KI-ZERBO, Joseph (Coord.). História Geral da África - I. Metodologia e pré-história da África. São Paulo, Ática/UNESCO, 1982, pp. 181-218.
- IVO, Isnara Pereira. Mandonismo e contextos históricos. Anais da ANPHU. Cd-room, 2003

- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. Coronelismo: Uma Utopia de Compromissos. São Paulo. Brasiliense. 1987.
- JOUTHARD, Philippe. “História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos.” In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp.43 a 62.
- LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, Enxada e Voto. São Paulo: Alfa-Ômega, 6ª edição, 1993.
- LINS, Wilson. Mandonismo e obediência. Salvador: Cadernos de Educação Política, Coronéis e Oligarquias, UFBA, 1988.
- MONTEIRO, Duglas Teixeira. “Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado”. In: FAUSTO, Boris. História Geral da Civilização Brasileira: O Brasil Republicano. São Paulo: Difel, 1977.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. Padres e artesãos: narradores itinerantes. In: COSTA, Cléria Botelho de & MAGALHÃES, Nancy Aléssio. Contar história, fazer história – História, cultura e memória. Brasília: Paralelo 15, 2001.
- MOREIRA, Cônego Eugênio. São Gonçalo dos Amarantes. Niterói: Da Cava, 1987.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira & Consorte, Josildeth Gomes. O messianismo no Brasil contemporâneo. São Paulo, FFLCH-USP/CER, 1984.
- OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Recôncavo sul: terra, homens, economia e poder no século XIX. Salvador: UFBA, 2000
- PALACIN, Luiz Gomes. História da Diocese de Paulo Afonso. In: 2º Caderno Diocesano. Penna, Dom Aloysio (Org.). Paulo Afonso, 1987.
- PANG, Eul-Soo. Coronelismo e Oligarquias (1889 –1934): A Bahia na Primeira República Brasileira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- PARAÍSO, Maria Hilda Baqueiro. O tempo da dor e do trabalho: a conquista dos territórios indígenas nos sertões do leste. São Paulo: USP, 1998.
- PORTELLI, Alessandro. “O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana: 29 de junho de 1944): mito, política, luto e senso comum”. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 103-130.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Política, Ascensão Social e Liderança num Povoado Baiano. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros – USP. N° 3. São Paulo, 1970.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. O Campesinato Brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. São Paulo: EDUSP, 1973.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. O Mandonismo Local na Vida Política Brasileira. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Messianismo no Brasil e no Mundo. São Paulo. Alfa Ômega. 1977.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. São Paulo. Global. 1982.
- QUEIRÓZ, Maria Isaura Pereira de. Sociologia e Folclore. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, 1998.
- QUINTANA, Alberto Manuel. A Ciência da Benzedura: mau-olhado, simpatias, e uma pitada de psicanálise. Bauru/SP: EDUSC, 1999.
- SAFFIOTI, Heleith. “Rearticulando gênero e classe”. In: COSTA, Albertina O. e BRUSCHINI, C.. Uma questão de gênero. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992, pp. 183-215.
- SAMPAIO, Consuelo Novais. Canudos - Cartas para o Barão. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2000.

- SANTOS, Ana Maria Carvalho dos. Recôncavo sul: terra, homens, economia e poder no século XIX. Salvador: UFBA, 2000.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo In: BURKE, Peter (org.). A escrita da História. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- SILVA, Cândido da Costa e. Roteiro da Vida e da Morte: um estudo do catolicismo no sertão da Bahia. São Paulo: Ática, 1982.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1990.
- SOLA, José Antonio. Canudos: Uma utopia no Sertão. São Paulo. Contexto. 1991.
- VOLDMAN, Danièle. “Definições e uso”. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 33-41.
- VOLDMAN, Danièle. “A invenção do depoimento oral”. In: FERREIRA, Marieta de M. e AMADO, Janaína (orgs). Usos & Abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996, pp. 247-265.